



**Universidade de Évora**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL: O CASO DO ESCUTISMO**

Paulo de Jesus Silvério de Oliveira

**Orientador:** Prof. Doutor Luís Sebastião

**Mestrado em Educação – Desenvolvimento Pessoal e Social**

**Junho de 2010**

*Esta dissertação inclui as críticas e sugestões feitas pelo júri.*



**Universidade de Évora**

**DISSERTAÇÃO DE Mestrado**

**EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL: O CASO DO ESCUTISMO**

Paulo de Jesus Silvério de Oliveira

**Orientador:** Prof. Doutor Luís Sebastião

**Mestrado em Educação – Desenvolvimento Pessoal e Social**

**Junho de 2010**



185741

*Esta dissertação inclui as críticas e sugestões feitas pelo júri.*

# ***A Educação Não-formal: O Caso do Escutismo***

**Paulo de Jesus Silvério de Oliveira**

**Orientador:** Professor Doutor Luís Sebastião

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Évora para obtenção do grau de Mestre em Educação – Desenvolvimento Pessoal e Social

185741

**Curso de Mestrado em Educação – Desenvolvimento Pessoal e Social**

**Évora, Junho de 2010**

*Esta dissertação inclui as críticas e sugestões feitas pelo júri.*

***A Educação Não-formal: O Caso do Escutismo***

## **Agradecimentos**

Todo o percurso da minha vida pessoal tem sido marcado pelo cruzamento de pessoas e experiências que justificam e fundamentam aquilo que hoje são os compostos da minha personalidade. Se os quisesse enumerar, certamente o lugar e o espaço não seriam suficientes. Contudo, não posso deixar de assinalar a importância de três pessoas que determinaram esta Caminhada.

Em primeiro lugar agradeço a Senhora D. Maria Elisa Silvério, pela generosidade, lucidez, sensibilidade educativa e inteligência emocional contagiante, manifestada ao longo da sua vida.

A ela um enorme, generoso e profundo OBRIGADO

Em segundo lugar agradeço ao Prof. Doutor José Palhares, pela forma altruísta como, num momento crucial da dissertação, me apresentou o Movimento Escutista com a consistência e interesse académico que poucos reconhecem.

Em terceiro lugar ao Prof. Doutor Luís Sebastião pela ousadia e arrojo que demonstrou ao aceder à aventura de me orientar nesta dissertação. Agradeço-lhe também a liberdade de acção que me permitiu e que foi decisiva para que este trabalho contribuísse para o meu desenvolvimento pessoal e se tornasse na minha homenagem à causa escutista.

Gostaria ainda de agradecer toda a Fraternidade Escutista simbolicamente representados nas pessoas da Sandra Granja, Ana Vivente, Luís Francisco e Luís Fialho, que desde o primeiro momento me disponibilizaram as suas teses, saberes e impressões sobre a temática escutista.

Finalmente, gostaria ainda de agradecer ao *génio* do Movimento Escutista, que pela magia e encantamento das experiências que me proporcionou no meu 320, ao longo de mais de 30 anos de vivência, me facultaram ensinamentos determinantes para o meu desenvolvimento pessoal e social. Muito contribuindo para aquilo que hoje constitui a minha Felicidade.

## **Resumo**

O objectivo desta dissertação foi a caracterização do Movimento Escutista nas suas componentes educativas e a partir delas a sua localização no quadro dos movimentos de educação não -escolar. Partiu-se do levantamento dos principais elementos que distinguiam o contexto histórico, social e cultural da Europa do séc. XIX/XX, que proporcionaram o surgimento do Escutismo e matizaram alguns dos seus elementos constitutivos. Foram, posteriormente, analisados os principais passos da vida do Fundador Robert Baden-Powell, a sua correlação com os principais componentes do Método Escutista. Elaborámos a descrição histórica do processo de formulação e desenvolvimento do Movimento do ponto de vista da organização administrativa, pedagógica e geográfica. Abordámos a complexificação do conceito de *Educação* e os contornos das discussões de *educação formal, não-escolar*. Por fim, a caracterização do actual momento e dos desafios que lhe são propostos nos alvares do séc. XXI.

Destaque para a sólida identidade pedagógica do Movimento e a sua afirmação no quadro dos Movimentos associativos. A modernidade da sua proposta e inclusão na construção da “Sociedade de Aprendizagem” na era global.

**Palavras-chave:** Educação Não Escolar, Educação Formal; Educação; Escutismo; Baden-Powell; Educação pela Acção; Auto-educação; Movimento Juvenil.

## **The Non Formal Education: The Case of the Scouting**

### **Abstract**

The purpose of this essay was to characterize the Boy-scout Movement in its educational component parts and from them its place among the non-scholarly educational movements map. We started with a survey of the main elements which characterized the historical, social and cultural context of Europe in the 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> centuries, which made the Boy-scout Movement to appear and shaded some of its representative elements. Later we analysed the most important steps of the life of the Founder Robert Baden-Powell, its correlation with the main components of the Scouts Method. We elaborated the historical description of the formulation process and development of the Movement from the administrative, pedagogical and geographical organization point of view. We approached the complexity of the concept of Education and the outlines of the discussions around formal education and non-scholarly education. At last, we characterized the present moment and the challenges that are suggested in the dawn of the 21<sup>st</sup> century.

We call the attention for the strong pedagogical identity of the Movement and its importance in the map of association Movements. The modernity of its proposal and inclusion in the construction of a “Learning Society” in the global era.

**Keywords:** Non school Educational, Formal Educational, Education, Scouting, Baden-Powell, Education for action, Self-education, Youth Movement

## **Índice de Abreviaturas Utilizadas**

**A.E.P.** – Associação dos Escoteiros de Portugal

**A.G.E.E.P.** – Associação das Guias e Escuteiros da Europa-Portugal

**A.G.P.** – Associação Guias de Portugal

**B.A.** – Boa Acção

**B.P.** – Baden-Powell

**C.D.** – Clube de Desbravadores

**C.N.E.** – Corpo Nacional de Escutas

**C.N.S.** – Corpo Nacional de *Scouts*

**C.S.C.P.** – Corpo de *Scouts* Católicos Portugueses

**F.E.P.** – Federação Escutista de Portugal

**I.P.S.S.** – Instituições Privadas de Solidariedade Social

**M.E.P.** – Movimento de Educação Permanente

**O.M.M.S.** – Organização Mundial do Movimento *Scout*

**O.N.G.** – Organizações Não Governamentais

**R.A.P.** – Renovação da Acção Pedagógica

**R.N.A.J.** – Registo Nacional das Associações Juvenis Portuguesas

**R.R.** – *Royal Rangers*

**R.V.C.C.** – Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências

**U.A.P.** – União dos Adueros de Portugal

**U.N.E.S.C.O.** – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

**W.O.S.M.** - World organization of the scout movement

**Y.M.C.A.** - Young Men's Christian Association

# Índice

## Introdução

### 1. A origem do Movimento Escutista

1.1. <i>Esquema</i> e contexto de criação do Escutismo.....	1
1.2. BP e Escutismo... ”filhos” de uma época.....	2
1.2.1. As guerras coloniais e o modelo de desenvolvimento económico.....	2
1.2.2. <i>Ambiente pedagógico</i> na Europa do século XIX/XX.....	5
1.2.3. O Escutismo no quadro da evolução do associativismo Europeu.....	8
1.2.4. Elementos do método escutista e a sua contemporaneidade nas práticas associativas juvenis da época.....	10

### 2. Robert Stephenson Smyth Baden-Powell: O Arquétipo de Escuteiro.....

13

2.1. Da história contada à História real – Um Caminho por percorrer?.....	13
2.2. O Escutismo enquanto objecto de interesse académico.....	17
2.3. Referências para uma biografia possível .....	22
2.3.1. -A vida (já) <i>Scout</i> <sup>1</sup> do Fundador.....	24
2.4. A Matriarca Henrietta Smyth.....	24
2.5. Da escola da vida á vida militar	
De Mafeking a Brownsea.....	28
2.5.1. Índia.....	29
2.5.2. África e o Herói.....	31

---

2.5.3. “Quem tem <i>Mafeking</i> tem as rédeas da África do sul.....	32
2.5.4. O cerco de <i>Mafeking</i> ou o logro.....	35
2.5.5. De Herói a Escuteiro.....	38
<b>3. A Obra depois do Criador .....</b>	<b>43</b>
3.1. O desenvolvimento posterior e o reconhecimento da comunidade.....	43
3.2. A universalidade, a geografia e a estatística escutista.....	46
3.3. Organização Mundial do Movimento.....	52
3.4. Constituição e definição de um Movimento Mundial.....	53
3.5. A introdução do Escutismo em Portugal.....	55
3.6. Corpo Nacional de Escutas – Escutismo Católico Português.....	56
3.6.1. Números em Movimento.....	56
3.6.2. Evolução global dos Associados e Agrupamentos.....	57
3.6.3. Organização Territorial e Pedagógica.....	62
3.6.4. Realidade do Distrito de Évora.....	64
<b>4. Método Escutista e a sua dimensão pedagógica.....</b>	<b>65</b>
4.1. Particularidades fundamentais do escutismo.....	69
<b>5. Escutismo e a renovação pedagógica nos primórdios do séc. XX.....</b>	<b>71</b>
5.1. A complexificação do conceito de Educação.....	71
5.2. A escola e o mundo e o mundo na escola.....	78
5.3. As necessidades educativas e as necessidades escolares.....	81
5.4. Educação Não-formal enquanto objecto de interesse académico.....	84

5.5. Educação não-formal / Educação não-escolar.....	85
Uma questão de nomenclatura?.....	85
5.6. A <i>Comunidade de Aprendizagem</i> e a resposta aos "novos" desafios.....	91
<b>6. Ousar novos contextos e actores em educação</b>	
O Escutismo nos alvares do século XXI.....	94
6.1. A Juventude e as Juventudes no século XXI.....	98
Protagonismo juvenil e a escolarização.....	98
<b>7. Escutismo e contemporaneidade:</b>	
<b>Um caminho centenário na alvorada do novo milénio.....</b>	<b>100</b>
7.1. A actualidade e renovação.....	101
7.2. O Escutismo depois do Centenário.....	104
7.3. Pontes para o futuro.....	106
<b>8. Fim de (desta) <i>Pista</i>.....</b>	<b>108</b>

**INDICE DE GRÁFICOS**

**Gráfico 1 - Síntese do número de publicações académicas versando o Escutismo.....19**

## **INDICE DE FIGURAS**

Figura 1 - Países, número de associados e ano de adesão oficial á WOSM e fundação do Movimento escutista.....	48
Figura 2 - Países e territórios agrupados por região escutista onde o escutismo se encontra implantado.....	51
Figura 3 - Vertentes da Educação.....	72
Figura 4 – Transversalidade das Práticas Educativas.....	90

## **INDICE DE MAPAS**

Mapa 1 - Número de agrupamentos por concelho em 2006.....	59
Mapa 2 - Número de escuteiros por distrito em 2006.....	60
Mapa 3 - Número de agrupamentos por distrito em 2006.....	61

## **INDICE DE QUADROS**

Quadro 1 - Mudança de paradigma e dos modos de aprendizagem.....	93
Quadro 2 - Quadro Síntese das principais conclusões do Seminário “CNE que futuro?.....	105

## INTRODUÇÃO

Aquilo que começou por ser uma ideia generosa e que 100 anos depois se transformou no maior Movimento Juvenil do mundo ocupa hoje um lugar único no quadro do associativismo juvenil mundial. Desde a sua fundação passaram pelas suas fileiras, nos 216 países e territórios onde está presente, cerca de 500 milhões de crianças, jovens e adultos; encontrando-se ainda no activo cerca de 28 milhões e cerca de 70.000 em Portugal.

Pelas dinâmicas da sua proposta, o Escutismo transformou-se numa força social que nas comunidades onde se insere protagoniza momentos de grande desenvolvimento, constituindo-se parceiro de relevo em muitos projectos de intervenção social, cultural e económica.

A envolver esta realidade globalizante e universal, temos um mundo onde a velocidade dos acontecimentos supera em muito qualquer previsão ou projecção. Nele, as questões educativas e do desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos e das comunidades onde estão inseridos são cada vez mais prementes e valorizadas. Exemplos destas práticas em Portugal encontramos o programa “Novas Oportunidades” e em particular as questões relativas ao Reconhecimento, Revalidação de Conhecimentos e Competências (R.V.C.C.), onde as experiências e saberes acumulados em contextos Não-Escolares são integradas e estimuladas.

Ao processo de desenvolvimento do indivíduo começam a ser integradas as suas experiências e saberes acumulados ao longo da vida nos mais variados contextos de socialização. A elas são conferidas valorações e significados que o mercado de trabalho cada vez mais integra e enaltece. Neste quadro, as experiências não escolares ganham um grande protagonismo e nelas o indivíduo é considerado na sua plenitude. A crescente consideração atribuída à aprendizagem ao longo da vida (apoio fundamental da construção da “sociedade do conhecimento” ou “sociedade da aprendizagem”), complementa e estimula a expansão cada vez mais acelerada das modernas tecnologias de informação e da comunicação (TIC). Estimulando a aceitação crescente da diversidade e da conseqüente necessidade de alargar a oferta educativa, de inovar e testar modelos diferenciados e adequados a cada lugar e momento.

O contexto torna-se assim, fértil para o acolhimento e desenvolvimento de outras experiências e propostas não escolares.

Baden-Powell propôs um Método educativo que coloca o jovem como protagonista do seu próprio projecto de vida (numa lógica de auto-educação e educação pela acção). Esta proposta assenta em sete grandes elementos, que se ajustam e adequam a faixas etárias e lugares geográficos e culturais um pouco por todo o mundo. Através dele desenvolveu uma revolução no universo das propostas educativas não-escolares que cativou gerações, comunidades e organizações; contribuindo para a realização de programas e projectos de grande interesse e importância.

Numa das poucas obras de investigação em Portugal, José Palhares<sup>1</sup> recorda as palavras do Director Geral da Unesco, Frederico Mayor, em 1995 ao afirmar que "...o Movimento escutista constitui uma das maiores redes multiculturais e confessionais para a educação e para a acção dos jovens no desenvolvimento de uma cultura de paz, da tolerância e da solidariedade". Se considerarmos que a obra matricial da fundação do movimento escutista: "Scouting for Boys" ("Escutismo para Rapazes") teve um sucesso editorial de tal magnitude, que foi por alguns comparado à venda e difusão da Bíblia. Podemos daqui aferir da importância que a proposta escutista assumiu em 100 anos de existência.

Apesar das provas dadas e da consistência da sua proposta, o Escutismo não tem suscitado interesse ou curiosidade investigativa por parte da comunidade académica, em particular a ligada às ciências da educação. Mesmo nos países onde tem presença, a coabitação com os regimes políticos vigentes e a imagem que do ponto de vista social e cultural o Movimento tem reflectido, nem sempre é a mais condicente com a sua mensagem fundadora. Não será alheio a este episódio o facto de a proposta escutista não ter vingado em regimes totalitários, onde a democracia e a tolerância não vigoram.

No sentido de compilarmos alguns dados e matérias que conferem *outros olhares* ao Movimento escutista, resolvemos levar a cabo um levantamento e tratamento de informação em torno de algumas das suas principais características:

---

1

PALHARES, José. (2005). *Os Jovens, experiência social e Escutismo*. Tese de Doutoramento não publicada, Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia, Braga.

Que características possui o Método escutista que o fazem tão apelativo às variadas gerações que ao longo dos 100 anos viveram a experiência escutista?

Que particularidades possibilitam a sua presença em 216 países e territórios com realidades tão dispares entre si?

Que diferenças separam a actividade escutista das propostas das restantes organizações educativas e ambientais, lazer e aventura?

Quem foi o Fundador da proposta?

Em que contexto viveu e que influências recebeu?

Qual o lugar do Movimento, no actual quadro das propostas educativas não-escolares?

Que desafios enfrenta no alvor do novo milénio?

Em que medida as suas características e propostas vão ao encontro das actuais e novas necessidades das gerações jovens?

Qual a realidade do Movimento, na região Alentejo?

Algumas destas questões foram ponto de partida para uma reflexão que se manifestou insuficiente para abarcar a totalidade da proposta do Método Escutista. Num momento em que são crescentes as manifestações de crítica e insatisfação para com a proposta escolar, em que os contextos de aprendizagem e crescimento se alargam, seria importante que as experiências e proposta educativa que o Escutismo propõe fossem alvo de um trabalho aturado e crítico de estudo e reflexão.

## 1. A Origem do Movimento Escutista

### 1.1. Esquema<sup>1</sup> e contexto de criação do Escutismo

O Escutismo é um dos fenómenos juvenis com maior expressão planetária. A sua natureza educativa não-formal e a condição voluntária dos seus associados retiram-lhe, aparentemente, interesse investigativo (do ponto de vista académico).

A sua importância no quadro das associações juvenis de cariz educativo (não-escolar) torna qualquer pesquisa num acto de grande responsabilidade. É neste quadro que fundamentaremos o sentido da nossa opção pelo tema.

Assim, nesta fase da dissertação, caracterizaremos a dimensão histórica do Movimento Escutista de forma a identificar algumas das particularidades que irão marcar a sua individualidade.

A figura de Lord Baden-Powell é incontornável em qualquer processo de investigação deverá ter na sua figura, o ponto de partida para o estudo de um Movimento de educação não-formal, assente no “aprender fazendo” e cuja actualidade persiste há 100 anos.

O Fundador do Escutismo, pertence a um país, uma época, um ambiente social e cultural e a circunstâncias que o fazem único. Conhecer e entender esse ambiente nas suas dimensões temporais e espaciais ajuda-nos a alcançar a sua grandeza.

Para ilustrar esta ideia, usamos as palavras de Laszlo Nagy (1985)<sup>2</sup> quando a propósito da filiação do Escutismo a um contexto e a um lugar particular na história, afirma:

For scouting was not created by Baden-Powell in a vacuum or in the abstract but in the reality of his country and his times, both of which responded to the demands of a society which formed the heart of the British Empire ... The founder of Scouting was certainly ahead of this times in the best sense of the term... (p. 14)

<sup>1</sup> Expressão usada por Baden-Powell nos primórdios do escutismo para designar o método *scouting*.

<sup>2</sup> NAGY, Laszlo - *250 Million Scouts*, p.14.

Neste sentido e antes de, cronologicamente, elencarmos os grandes momentos da vida do seu Fundador, consideramos descrever, sucintamente, a Europa e o Mundo que acolhe e conforma o seu sonho.

## **1.2. BP e Escutismo... “filhos” de uma Época**

### **1.2.1. As guerras coloniais e o modelo de desenvolvimento económico**

A Europa e as suas principais nações apontavam para a África e para o mundo oriental as suas atenções e preocupações. O modelo económico saído da Revolução Industrial necessitava de ser sustentado. As agitadas políticas de expansão colonial da Rússia, França, Inglaterra e Estados Unidos animavam a política externa e as relações entre os estados no mundo ocidental, durante um período significativo do século XX (Corpas, nd)<sup>3</sup>.

A África e a Ásia (Índia em particular) ocupavam o centro de conflitos e interesses económicos e políticos. Entre estes encontram-se a necessidade de novas matérias-primas e a emergência de novos mercados.

Na Inglaterra do séc. XIX, território *berço* da Revolução Industrial, as mudanças sociais daí resultantes viviam-se intensamente. A população crescia (Verificavam-se movimentos migratórios das populações das zonas rurais para as cidades, a organização social alterava-se e com ela as relações laborais e sociais) e expandia-se convertendo as transformações sociais e culturais em Movimentos velozes de contornos cada vez mais imprevisíveis.

A fuga maciça das populações para as cidades arrastava consigo o agudizar das condições de vida, nomeadamente, entre as classes operárias. O mundo urbano e industrializado não traziam o *el dorado* por todos esperados.

Pelas suas características históricas, políticas e económicas, a Inglaterra ganhava um ascendente considerável na luta pelos territórios africanos e asiáticos. Um sistema político consolidado e influente, um sector industrial maduro combinado com uma frota mercante em constante expansão, aliado a um forte mercado de capitais, tornavam este

---

<sup>3</sup> CORPAS, Pedro. *Robert Baden-Powell*. Madrid, Edições Salesianas.

estado numa potência ímpar na geografia política e económica do mundo ocidental da época.

A expansão do Império Britânico foi sendo construída desde os séculos XV e XVI pelos descobrimentos através do aumento dos seus domínios territoriais, do alargamento das suas concessões e do forte poderio político e militar que daí decorria. Favorecendo a consolidação desta preeminência esteve a construção em 1869 do Canal do Suez e com ele a possibilidade de acesso célere a novos produtos e praças na Índia. No sentido de garantir a profícua rota do Suez são adquiridos terrenos consideráveis em África que tinham como fundamento a criação "...de uma sólida base de irradiação colonial..." (Corpas, nd, p. 11).

Gradualmente, o Império Britânico foi-se transformando em confederação de nações e territórios que partilhavam entre si a língua e uma cultura comum. Na alvorada do séc. XX, a presença Inglesa representava muito mais do que o seu quinhão africano; o Império prolongava-se muito além da sua parcela africana; estendendo-se à Índia e a outros territórios, num total 33 milhões de Km<sup>2</sup> com 44 milhões de habitantes (Reis, 2007).<sup>4</sup>

Muitos destes lugares foram palco de experiências e desempenhos militares, tendo como protagonista Baden-Powell, que influenciaram para sempre o desenvolvimento do seu quadro de valores. Sendo um homem do seu tempo, influenciado pelo quadro cultural vigente e que determinava a "...superioridade da raça branca, destinada por Deus a civilizar, a governar e dominar os outros povos; os Ingleses consideravam-se a primeira raça do mundo. " (Reis, 2007, p. 58), o Fundador do Escutismo, marcado pelas suas vivências africanas e uma aprimorada inteligência emocional, vê nascer em si uma profunda sensibilidade humanista. Dois episódios marcam esta viragem: o fim da guerra fratricida contra os Zulus e o encontro com, Cecil

---

<sup>4</sup> REIS, João (2007). *Corpo Nacional de Escutas - Uma História de Factos*. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas.

Gradualmente o portento económico e militar exercido pela Grã – Bretanha consolidou-se e converte este Império e estes territórios naquilo que designou por *Commonwealth* – Confederação das nações Inglesas. Agora unidas não só pela economia e por uma frota mercante poderosa, mas também por uma história, tradições e língua comum (Corpas, nd). Esta confederação de nações vem dar resposta a movimentações políticas exercidas pelos países de leste liderados pela Rússia que lentamente estendia interesses para este lado do hemisfério.

As grandes conquistas militares protagonizada por Baden-Powell, facilitam e concretizam esta expansão. As atenções do mundo anglo-saxónico estavam viradas para África e grande parte do sucesso militar por si alcançado, tinha por consequência um eco ampliado.

Rodes<sup>5</sup>. Neles, descobre "...a sede e ambição do poder e o miserável desejo das riquezas que se escondiam atrás da missão Inglesa...".

A fortíssima vocação africana da Europa e em particular da Inglaterra era geradora de apelos irresistíveis e atraentes entre os mais jovens alimentando os seus imaginários de aventuras e epopeias. A partida sistemática de barcos nos portos da Grã Bretanha, transportavam consigo o sonho e a fantasia de muitos que viam neles a panaceia de muitas das angústias pessoais e colectivas que na época viviam.

Nagy (1985), a propósito da interpretação que Baden-Powell faz da época e descrevendo o seu carácter visionário, afirma:

He had his personal vision of the kind of men his Scouts wished to become and also of the society in which their training and transformation were destined. That society needed explorers, missionaries, pioneers, foresters, land clearers and builders...They trained themselves in order to build and consolidate an Empire. (p. 14)

Um dos aspectos essenciais referidos por este autor e que de certa forma ilustra bem esta questão, reside na ideia de que o Escutismo encaixa de uma forma proporcionada no meio social, cultural e económico da época. A pressão exercida pelos acontecimentos, associada ao génio do Fundador faz do Escutismo uma resposta aos desafios e oportunidades de uma época.

Ainda de acordo com Nagy (1985):

This happy combination of aspirations and needs represents the very basis of the deep roots of scouting...Those deep roots automatically imply interdependence, or at least a virtually unbroken spiritual communication between the Movement and the society into which it is integrated. (p. 15)

De uma forma mais explícita o autor exprime o "parto" do Escutismo:

---

<sup>5</sup> Cecil Rhodes era na África do séc. XIX um polémico explorador Inglês "...dos mais astutos e impiedosos ..." (Bosco, nd) que motivado pela "caça aos diamantes", iniciou campanhas sanguinárias de imposição do imperialismo Inglês alcançando com estas e outras práticas o monopólio mundial do comércio de diamantes e um grande ascendente junto dos povos africanos (Corpas, nd). O encontro com Baden-Powell vai revelar-se determinante na construção por parte deste, de um certo sentimento de descontentamento pelos ideais protagonizados pela política colonial Britânica. Bosco (nd) sobre este episódio e sobre Rhodes refere: "Tinha uma ambição enorme e desprezava os negros como raça inferior. Estava convencido que a raça britânica estava predestinada para dirigir o mundo...Baden-Powell sente uma repugnância pelo seu orgulho... e pergunta-se estupefacto: "São estes os civilizadores do Mundo?" (p.42).

...born under a Christian monarchy, in an imperial nation where fidelity to God and the king was one of the basic values. This society was both conservative and deeply influenced by the liberalism of its times. The boys were asked to render service to God, but to the God of a multiconfessional and tolerance society...Scouting has multiple origins, simultaneously fortuitous, universal and typical British and many of the problems in this now worldwide movement can be traced back to those multiple origins of scouting with a British flavor which for so long served as a model for those who adapted it later to their local conditions. (p. 15)

Este pequeno excerto traduz a especificidade do contexto em que o Movimento surge e transporta-nos para a sua identidade mais profunda. Apesar de contextualizado, o futuro veio revelar o seu carácter universal e espontâneo. A simplicidade e abrangência da sua proposta, reforçada pelo esforço e empenhamento pessoal de Baden-Powell, contribuíram para a peculiaridade do método.

### 1.2.2. *Ambiente pedagógico na Europa do século XIX/XX*

Fruto da evolução histórica, económica e cultural que enformava a Europa no período em causa, surgiu entre alguns países a necessidade de um investimento na escolarização em massa das suas populações. Alguns sinais iam surgindo da separação entre o Estado e a Igreja, no que toca às políticas educativas e escolares. Pressionada pelas novas dinâmicas sociais e culturais decorrentes do modelo económico e cultural saído da Revolução Industrial, tornava-se agora importante a alfabetização e o acesso aos novos conhecimentos e fontes de informação. A valorização das competências e formação dos indivíduos eram considerados factores de desenvolvimento. Apesar das mudanças que se adivinhavam, o modelo escolástico ainda predominava e condicionava o surgimento de correntes pedagógicas potencialmente questionadoras do *status* vigente (e que defendiam a observação de abordagens não-escolares) (Vicente, 2004).<sup>6</sup>

Do ponto de vista educativo o pensamento *rousseano* enformava as correntes pedagógicas (com algumas resistências na realidade escolar inglesa), fruto desta ascendência surgiam os primeiros sinais precursores da denominada *Escola Nova*

---

<sup>6</sup> VICENTE, Ana. (2004). *A introdução do Escutismo em Portugal - 1911- 1914*. Dissertação de Mestrado não publicada em História Social e Contemporânea, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.

(Maria de Montessori, Claparède, Freinet). A natureza marcadamente burguesa e clerical da sociedade inglesa condicionava a mudança na realidade escolar (Abbagnano, nd)<sup>7</sup>, reiterando a manutenção das didáticas escolásticas sempre avessas a abordagens reformadoras e questionadoras do *status quo* vigente.

Apesar do ambiente social ser propício ao desenvolvimento de métodos activos de promoção da saúde física e moral e da vaga protagonizada pela corrente reformadora das várias expressões da escola activa, não encontrou em Inglaterra terreno propício a expansão.<sup>8</sup>

O modelo escolar actual seria, a exemplo da sociedade Inglesa, também ele formal e ritualista, virado em grande medida para o domínio de si mesmo, para o sentido colectivo da disciplina, respeito pela ordem estabelecida e fidelidade aos rituais e usos, relegando para um plano secundário a educação dos sentimentos. Esta realidade reflectia, exemplarmente, as necessidades de uma civilização imperialista que necessitava de preparar de um modo pragmático líderes e homens disponíveis e fiéis a um serviço leal à coroa (Corpas, nd).

Influenciando o seu pensamento pedagógico, além da sua experiência no campo pessoal e militar esteve o período em que, no desempenho do cargo de Inspector General da Cavalaria, Baden-Powell faz uma longa viagem pela Europa e aí pôde contactar com as grandes escolas de Cavalaria de França, Alemanha, Áustria e Itália. As novas abordagens pedagógicas, estudos e realizações mais avançadas no campo da educação, merecem a sua atenção (Bosco, nd)<sup>9</sup>.

Em Corpas (nd) encontramos uma descrição esclarecedora sobre a importância e a influência deste ambiente social e cultural no desenvolvimento do carácter e do pensamento do Fundador de Escutismo, quando afirma:

À mercê de todos estes ventos, - nesta segunda metade do século XIX - as vidas dos britânicos ao serviço da Coroa foram impelidas a movimentarem-se em tais cenários e a de Baden-Powell não foi excepção.

Três estadias na Índia, uma no Afeganistão, seis em África e duas na Irlanda - durante trinta e quatro anos de vida militar - assim o confirmam. A sua alma de

---

<sup>7</sup> ABBAGNANO, N., VISALBERGHI, A. (nd). *História da Pedagogia - IV*. Lisboa: Livros Horizonte.

<sup>8</sup> Neste quadro Baden-Powell, assumirá o escutismo como *complemento educativo activo* a uma escola tradicional e teórica. O palco da vida seria ele a *Escola Primordial*.

<sup>9</sup> BOSCO, Terésio (nd). *Robert Baden-Powell - O Fundador do Escutismo*. Porto: Edições Salesianas.

viajante, observador e explorador desfrutou enormemente, apesar da via aérea não estar incluída naqueles bilhetes.

Quando estes ventos para ele acalmaram, a expansão natural das suas ideias fluiu através da comunidade britânica de nações (p. 14).

É oportuno recordar o facto de que o grande interesse que Baden-Powell suscita na sociedade Inglesa no séc. XX, derivou da sua capacidade de narrar as suas vivências pessoais adquiridas no mundo africano. Narrativas insufladas de acção e aventura que tocavam o imaginário de muitos jovens presos na desilusão de um mundo em mudança acelerada.

É aqui que encontraremos alguns dos aspectos mais importantes da originalidade da sua proposta. Ele não foi nos albores do século XX, o primeiro ou o único a escrever sobre a importância do ar livre, observação, sentido do serviço, desporto ou auto-educação. Alguns pedagogos e educadores já o haviam proclamado. Autores consagrados como Rousseau, Claparède ou Montessori, já reclamavam alguns destes princípios em oposição aos convencionais métodos de ensino. A singularidade da sua proposta assentava na forma como transfere e traduz alguns aspectos e experiência da sua vida pessoal num modelo e metodologia, simples, prática, acessível e adaptada para as mais variadas faixas etárias e contextos. Este seria um esquema de auto-educação, auxiliado por um adulto (voluntário), mas explicitamente protagonizado por crianças e jovens que operavam em pequenos grupos (sistema de patrulhas) de 6 elementos, liderados por um guia escolhido pelos próprios (Nagy, 1985).

Sensivelmente no mesmo período e reiterando esta ideia Nagy (1985), (usando as palavras de Claparède) afirma: "...the supreme authority for educating a child must always be the child itself". A proposta escutista corporiza como nenhuma outra este princípio educativo.

### 1.2.3. O Escutismo no quadro da evolução do associativismo Europeu

Neste cenário de alguma precariedade social e económica, desenvolve-se o fenómeno do associativismo juvenil de cariz apostólico. Esta corrente surge para dar resposta à crescente descristianização das elites sociais por um lado e por outro a situações de grande fragilidade sócio económica que afectavam grandes franjas da sociedade inglesa da época.

Nos finais do séc. XIX surgem obras de evangelização denominadas *Patronatos* que alcançaram na Bélgica e França uma grande expansão, e que mais tarde darão azo ao aparecimento de organizações juvenis de acção católica vocacionadas para intervenções filantrópicas. Este Movimento foi precedido de uma corrente de associações desportivas e naturalistas. Em Navarro<sup>10</sup> (1991) encontramos de uma forma mais explícita o desenvolvimento deste processo:

A las originárias motivaciones religiosas se anaden más tarde las desportivas y naturalistas y algunos importantes Movimientos asoociativos, anteriores dan entrada en sus programas a nuevos deportes como el baloncesto o el voleibol...los patronatos franceses formam una federacion gimnástica y deportiva...para interessar a los muchachos extendiéndose por muchos países de Europa, aparecen los batallones escolares...para propiciar el cultivo fisico... (p. 141).

Complementarmente a este processo e num sentido contra corrente ao Movimento do liberalismo industrial burguês, surge na Alemanha uma frente romântica de exaltação da natureza e do naturalismo. A sua força foi de tal ordem expressiva que se propagou um pouco por toda a Europa, sendo fortemente apoiado pelo crescente descontentamento que envolvia grande parte da sociedade europeia, insatisfeita com as condições de vida resultantes da Revolução Industrial e em particular com o modelo capitalista dele saído.

Forestier (nd)<sup>11</sup>, afirma a explosão deste Movimento nascido na Alemanha e maioritariamente protagonizado por jovens ao dizer:

---

<sup>10</sup> NAVARRO, Anastasio Martinez (1991). *El Escultismo*. In Victor Garcia Hoz (org), *Iniciativas Sociales en Educacion Informal* (p. 131-162). Madrid: Ediciones Rialp, SA.

<sup>11</sup> FORESTIER, M. (nd). *Pela Educação à Liberdade – Um Caminho – O Escutismo*. Lisboa:LST.

“...o Movimento alemão de juventude pretendia ser um retorno à natureza, à vida simples alegre e livre, à tradição e ao sentimento religioso...fogem à cidade penetrando nas florestas, proclamam gostos frugais e um rude desprezo pelo conforto burguês...defraudada pelas estruturas do mundo capitalista...sente-se instintivamente atirada para o ar livre” (p. 241-244)

Ainda sobre a força, causas e capacidade deste Movimento este autor afirma:

“Um pouco por toda a Europa e Ocidente em geral – Rússia, França, EUA – um êxodo para os campos e mundo rural ocorrem. Não só os jovens, mas uma população operária, saída das fábricas e do mundo industrial, cansa-se do individualismo...os Movimentos sociais em busca da redescoberta da natureza foram uma reacção natural geral contra as condições de existência do mundo industrial, contra o isolamento antinatural e anti-social das grandes cidades” (p.246-251)

Esta circunstância histórica da evolução do associativismo juvenil, em particular o de carácter naturalista, que se estende até ao período da Primeira Guerra Mundial, abre um espaço social e emocional favorável ao aparecimento do Escutismo (Navarro, 1991).

Toda a dinâmica cultural e social gerada por estes Movimentos juvenis, rapidamente contagia a Europa, ganhando uma expressão tal, que grupos de jovens se associavam e autonomizavam no que à sua capacidade de intervenção social e política dizia respeito. Com ela abre-se um espaço amplo para o surgimento de novas formas de associativismo de cariz político.

A expressão desta frente foi relevante no quadro económico e social da época, na medida em que veio afirmar o poder de agremiação de uma juventude enformada de convicções. Revelou igualmente a tentativa de alguns Países de cariz fascista em, doutrinar ideologicamente alguns dos movimentos juvenis<sup>12</sup>. O desvirtuamento das causas do associativismo (tal qual ele havia sido criado) assumia agora contornos assumidamente políticos, através de uma doutrinação política e da manipulação do potencial educativo desta força social.

Apolítico e com fins explicitamente filantrópicos e humanistas, o Escutismo demarca-se deste processo (apesar das históricas tentativas de usurpação e deturpação

---

<sup>12</sup> Que em Portugal teve na *Mocidade Portuguesa*, durante o denominado *Estado Novo* a sua maior expressão.

dos seus ideais e dos seus métodos). Ele cunha de uma forma indelével toda uma época na evolução das associações juvenis e a ele soma um método e elementos próprios que sintetizam de uma forma original, toda a dinâmica inata ao mundo biopsicosocial do universo infanto-juvenil.

#### **1.2.4. Elementos do método escutista e a sua contemporaneidade nas práticas associativas juvenis da época**

Tem sido discutido entre a comunidade escutista a existência de uma ligação muito estreita entre as peculiaridades do método e a influência do Movimento da *Escola Nova ou Escola Activa*.

Uma vez que a nação inglesa foi o berço da fundação do Escutismo, é possível identificar um filão investigativo que nos possibilita explorar outros caminhos complementares que podem trazer uma visão mais abrangente sobre a sua Fundação. Alguns trabalhos de cariz académico consultados no âmbito desta pesquisa (<sup>13</sup>Palhares, 2004, <sup>14</sup>Vicente, 2001, <sup>15</sup>Granja, 2007), apoiam de alguma forma a exclusividade desta corrente investigativa.

Pelo exposto, até ao momento, é possível aferir da ligação entre o aparecimento do Escutismo e os Movimentos associativos juvenis na Europa do séc. XIX/XX. Apesar da sua identidade tão marcada, o Escutismo substancia, potencia e redimensiona do ponto de vista pedagógico, alguns elementos que na época eram já explorados nas várias comunidades associativas. (Navarro, 1991)

No período histórico que testemunha o pré e pós nascimento do Escutismo encontram-se registos da existência de associações congéneres. Uma referência à sua existência <sup>16</sup>é importante pelo facto de muitas delas transportarem algumas especificidades que fizeram a identidade deste Movimento. A história destas organizações

---

<sup>13</sup> PALHARES, José. (2005). *Os Jovens, experiência social e Escutismo*. Tese de Doutoramento não publicada, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga.

<sup>14</sup> Op. cit.

<sup>15</sup> GRANJA, Sandra. (2007). *Pedagogia Escutista como Complemento à Educação Escolar*. Dissertação de Mestrado não publicada, Departamento de Ciências da Educação, Universidade de Aveiro, Aveiro.

<sup>16</sup>No sítio: <http://www.scouting.milestones.btinternet.co.uk/> (acedido a 23/04/09), encontram-se descritas as características de cada uma destas associações, bem como a sua relação com a fundação do escutismo.

cruza-se com a do Escutismo. Entre elas destacamos a associação *The Boys Brigade* que fundada por William Smith assenta na disciplina, formação militar e moral, características que a aproximaram de Baden-Powell e da sua proposta. Seguidamente assinalamos a existência *The Young Men's Christian Association* (YMCA), foi fundada em 1844 por George Williams e fundava a sua acção na formação cristã dos seus jovens e nas dinâmicas de animação juvenil que colocava nas suas acções. Por fim destaque para a *Church Lads's Brigade*, fundada por Walter Mallock Gee. Este movimento foi a primeira associação juvenil a uniformizar-se e a usar para experimentação o esquema proposto por Baden-Powell no seu livro "Aids to Scouting" (obra que já enunciava alguns dos princípios norteadores do Escutismo).

Uma vez ultrapassada a competição inicial, estas associações foram nos alvares do século XX as grandes referências associativas juvenis na sociedade inglesa (também elas disponibilizavam uniformes, campismo e camaradagem) e pela força do carisma e da proposta de BP foram espaços de experimentação do modelo escutista. Os laços tecidos entre elas e o Escutismo foram de tal forma fortes que praticamente todas criaram dentro das suas organizações condições para a afirmação e consolidação do Movimento.

Um dos pilares fundamentais do Escutismo é a afirmação da Natureza como espaço privilegiado da vivência e da actividade escutista. Numa linha de influência preconizada já no séc. XVIII por Rousseau, afirma o espaço natural como contexto vital em que a "... relação educativa fundamental é...a relação entre o individuo e o ambiente natural...tratando-se de uma relação activa" (Abbagnano e Visalberghi, nd, p. 503), é de assinalar a presença de Movimentos e organizações juvenis onde a ligação com a natureza eram usuais.

Navarro (1991), apresenta-nos alguns desses exemplos: colónias de férias (iniciadas em 1876), escolas novas (a partir de 1889), escolas de ar livre (criadas em 1903). A *Young Men's Christian Association* (YMCA), tem em 1885 acampamentos organizados, a *Association Chrétienne D'étudiants da la Suisse Romande* organiza acampamentos de cariz educativo.

O uso do acampamento enquanto instrumento com potencial educativo parecia ser prática corrente entre organizações juvenis no séc. XIX.

Directamente associado a esta dimensão está a questão do Jogo, considerado elemento essencial da proposta escutista e que já havia sido, desde cedo, entendido como primordial nas dinâmicas de desenvolvimento psicossocial das crianças. Desde que, entre o fim do século XVII e fim do XIX os pedagogos da corrente da renovação pedagógica como: Friedrich Frobel, Lev Tolstói, Édouard Claparède, Cecil Reddie, Montessori (Abbagnano e Visalberghi); produziram escritos sobre as potencialidades do Jogo, ele é explorado por muitas organizações e espaços de experiências educativas, como a que Maria Montessori realizou na “Casa da Criança” (criada em 1907 - ano em que Baden-Powell realiza o primeiro acampamento escutista da história, na ilha de Brownsea)<sup>17</sup>.

Sobre a importância do Jogo enquanto elemento essencial de educação escutista recorreremos às palavras dos *scouts de france* na obra “Baden-Powell Hoje”<sup>18</sup>:

...o jogo escuta é uma natureza construída a partir deste facto: as crianças jogam, e ao jogar educam-se naturalmente...o Jogo é o primeiro Educador...Baden-Powell dá portanto um conteúdo original à educação nova. O Escutismo é a irrupção do jogo na esfera da natureza, seja ela o ambiente, o método ou as possibilidades de desenvolvimento...se a natureza educa, e permite às crianças educarem-se a si mesmas é porque a natureza é o seu jogo de construção. (p. 111)

O valor da cultura física e do jogo desportivo, e a título de exemplo, é plasmada em 1896, no restabelecimento das olimpíadas, bem como na vertiginosa expansão do futebol por toda a Europa (Navarro, 1991). São conhecidos os escritos do Fundador sobre a importância de uma cultura física entre os jovens.<sup>19</sup>

Enquanto espaços de vida e de experiências de formação de identidades, a acção que as associações juvenis naturalistas, de cariz desportivo e de educação física da época desenvolveram, foi determinante para a criação de um ambiente mais propício para o surgimento do Escutismo.

---

<sup>17</sup> [http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/sanderson/vida\\_e\\_obra\\_montessori.htm](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/sanderson/vida_e_obra_montessori.htm) (acedido em 09/11/09).

<sup>18</sup> Corpo Nacional de Escutas (1986). *Baden-Powell Hoje* (2ª edição). Damaia: Harga. (Trabalho original em Francês publicado em 1975)

<sup>19</sup> Nas palestras de Bivaque que mais tarde integraram o corpo central da obra referência de Baden-Powell – *Escutismo para Rapazes*, são constantes as referências do autor sobre a importância da saúde física para um bom escuteiro.

## 2. Robert Stephenson Smyth Baden-Powell: O Arquétipo de Escuteiro

O contexto histórico e cultural que envolvia a Europa do século XIX / XX foi determinante na construção do “esquema” educativo (Jeal, 2001) que BP propõe. A sua importância não anula a grandeza do génio do seu autor.

Usando as palavras de Nagy (1985) é possível aferir da relação estreita que o escutismo possui com a pessoa de Baden-Powell:

“To present the Scout Movement without speaking of Baden-Powell would be to make the same error as writing a book on Buddhism without mentioning Buddha, or to analyse Marxism without referring to Marx and His times” (p. 13)

Entre textos oficiais e publicações académicas, alguma bibliografia tem sido produzida sobre a vida do Fundador do Escutismo.

### 2.1. Da história contada à História real – Um caminho por percorrer?

Com efeito, o nome de Baden-Powell é conhecido e respeitado, em todo o mundo, como o homem que, em 83 anos de vida se destacou como soldado (herói de *Mafeking* e um dos mais brilhantes militares do exército Inglês) e impulsionador da paz através da fraternidade do Movimento Escutista. Este facto, reporta-o como autor de uma importante página da história das propostas de educação não-escolar e uma das mais brilhantes no associativismo juvenil do século XX.

Em 1967 na obra<sup>20</sup> “Escutismo – Presença do Futuro”, Monsenhor Manuel Ferreira da Silva dizia:

*Há Homens que fazem consistir a sua grandeza nos lugares que ocupam ou nos títulos que usam; mas há lugares que se tornam grandes precisamente graças aos homens que sabem desempenhá-los com grandeza moral.*

*Baden-Powell foi desses; e por isso a sua vida é verdadeiramente uma vida grande. (p.22)*

---

<sup>20</sup> SILVA, Manuel Ferreira (1967). *Escutismo Presença do Futuro*. Lisboa: Edições For de Liz.

Muitas mais citações poderiam aqui ser transcritas sobre o génio do “pai” do Escutismo. Muitos factos da vida do Fundador têm sido relatados, assumidos e supostamente consensualizados entre muitos autores e os seus textos.

Consideramos, no entanto, que faltará a este processo a produção de mais discurso e pensamento crítico e analítico, sobre as biografias que têm sido publicadas.

Apesar da dimensão do empreendimento escutista e do exemplo de vida deixado pelo seu Fundador (considerado por muitos como sendo uma das figuras mais proeminentes do séc.XX), a importância do Escutismo, parece não ter suscitado uma produção abundante de trabalhos de pesquisa biográfica neutros do ponto de vista da proveniência dos seus autores (sendo estes maioritariamente escuteiros), e não isentos de uma linguagem emocional ou romanceada, que nos permitam obter um olhar mais imparcial sobre o Movimento e o seu Fundador. A sua dimensão educativa, assente em ideais morais e espirituais, justificam algumas destas proposições.

Pelo seu carácter excepcional destacamos o manuscrito de Agostinho da Silva<sup>21</sup>, integrado em “textos pedagógicos II”, intitulado: “Baden-Powell, Pedagogia e Personalidade” onde, com a autoridade que lhe é reconhecida faz uma síntese dos princípios educativos do Movimento Escutista e da dimensão moral e pedagógica do seu Fundador. Não têm sido muitos os autores (não escuteiros) que se têm debruçado sobre a temática escutista com a isenção e a objectividade que o tema exige.

Entre algumas que merecem a nossa atenção destacamos, em 1989, Tim Jeal (2001)<sup>22</sup> com a obra: “Baden-Powell – Founder of the Boy Souts”, onde se levantam algumas questões sobre esta matéria ao afirmar:

Yet, incredibly, between Lord Baden- Powell’s death in 1941 and the first publication of this biography in 1989, no objective life of this major historical figure had appeared. The only post-war biography, until mine, was *Baden-Powell: The Two Lives of a Hero* by William Hillcourt and Olave Baden-Powell (1964)... (p. XIX, preface)

---

<sup>21</sup> AGOSTINHO, Silva da. (2000). *Baden-Powell. Pedagogia e Personalidade In Textos Pedagógicos*. Vol 2. Lisboa.

Nesta obra o autor faz uma aclamação da obra e da pessoa de Baden-Powell

<sup>22</sup> JEAL, T. (2001). *Baden-Powell – Founder of the Boy Scouts*. USA: Yale University Press Publications. (Edição original 1989).

O caricato da publicação, para além do título insinuante é que ela tem como co-autores respectivamente, um ilustre escuteiro dos *Boy scouts of America* e a sua viúva Olave Baden-Powell.

Sobre as notas dominantes da linha de pensamento deste escritor e que encorpam esta obra, elas vão numa primeira fase para o hiato de tempo que decorre entre a morte do general e a saída desta. Segundo ele, não existiram do ponto de vista bibliográfico, obras que cobrissem com seriedade este período, sendo que as que surgiram levantaram questões pouco dignificantes para a pessoa e a sua obra.

Sobre este aspecto em particular e porque é um assunto que não tem sido muito abordado com a profundidade desejada<sup>23</sup> (talvez porque contudem o carácter e a imagem publica de BP), ele afirma:

In the 1960, after more than fifty years of hagiographical publications, Baden-Powell shared the fate of numerous imperial heroes and was vigorously “debunked”- not in biographies (since there was none before the current work) but in books touching on parts of his career. Unlike many casualties of that era, his star, far from rising again, actually fell further during the 1970s and 1980s. (p.XIX, preface)

Algumas destas obras questionam as intenções e a paternidade da ideia da formação do Escutismo, levantando questões potencialmente sensíveis sobre a pessoa de Baden-Powell e os valores e conduta que empregou.

Usando uma cronologia que a seguir elencamos, Tim Jeal (2001) faz um apanhado destas obras e as ideias centrais a elas associadas.

A descrição de Jeal inicia-se pela referência a Brian Gardner e à obra “Mafeking: A Victorian legend” (1966). Sobre o autor desta obra Tim Jeal afirma<sup>24</sup>:

<sup>23</sup> Não tivémos contacto com publicações que citem ou explorem estas questões. A causa desta situação prende-se na nossa óptica, com o facto de elas serem secundárias face à obra de Baden-Powell. Segundo Jeal (2001) “...many of Baden-Powell’s strengths and weakness were mirrored in His Great creation, the Boys Scouts...” (p. Xi, preface). Outra das questões poderá ter que ver com o facto de, estas matérias serem de foro íntimo e que em face da escassez de informação sistematizada, não serem alvo de abordagens.

<sup>24</sup> Recordar-se aqui estes breves apanhados que ilustram esta matéria, resultam do trabalho que Tim Jeal concretiza no prefácio e que segundo as suas palavras realçam as motivações que o levaram a construir esta biografia do Fundador do escutismo, em que ele tenta “ ...do justice to a complex, dazzling and times disturbing man who made a unique and beneficial contribution to twentieth-century history...” (p. Xi, preface).

...argued that Baden-Powell should never have allowed himself to become entrap.ed at Mafeking and that the emergence of the siege as a Great event was little more than a clever piece of self-promotion” (p.XIX, preface)

Na obra: “The Edwardian Turn of mind”, no ano de 1966 Samuel Hynes, citado por Jeal defende que, “...despite the scout Movement’s longstanding protestations to be concerned only with good citizenship, it had been crudely militaristic from the beginning”. (p.XIX, preface)

Numa toada ainda menos abonatória para a memória do General, Tim Jeal lembra Piers Brendon, em 1979, na obra “Eminent Edwardians”. Nesta são ridicularizadas as pretensões e o esforço que BP faz para ser levado a sério, quer como soldado, quer como pedagogo, caracterizando o seu pensamento como arcaico e inócuo.

Thomas Pakenham’s no livro: “The Boer War” assume uma contundência ainda maior. Jeal ao citá-lo diz:

... the author lethal allegation being that Baden-Powell had forced two thousand Africans to choose between being shot by the Boers or starving to death. Unfortunately for Baden-Powell’s memory, Pakenham’s sinister and ruthless soldier would be the model adopted by Michel Rosenthal of Columbia University, whose formidably argued book, *The Character Factory* (1986), constitutes the single most vitriolic attack on Baden-Powell’s character and life’s work ever published.(p. X, preface)<sup>25</sup>

Esta obra (“The Boer War”) e sobretudo o teor da publicação que dela decorre (“The Character Factory”) inferem um dos golpes pessoais mais atrozes ao ideal escutista e ao seu Fundador. Usando ainda as palavras de Tim Jeal em citação do autor, lemos:

*The Character Factory* contains a biographical essay in which Baden-Powell is accused of being an anti-Semite, a fascist, a sadist, a racist, and using the scouts to inhibit the growth of political aspirations among the working class. Rosenthal also claimed that Baden-Powell had stolen from other men the essential ideas for the Scout Movement, and he agreed with Brian Gardner that Mafeking, as a serious military event, was Baden-Powell personal invention. He also surmised that Baden-Powell’s relationship with His close friend Major Kenneth McLaren could have been a physical one. (p., preface)

---

<sup>25</sup> JEAL, T., op. cit. p.X

Nestas linhas, o autor deixa-nos, ainda, um conjunto de referências para as abordagens e biografias que sobre a vida de Baden-Powell fizeram alguns autores.

Pela densidade e intensidade destas últimas citações, é possível aferir do interesse académico que estas biografias trazem. A seriedade e o rigor que uma exploração mais profunda requer saem do âmbito deste estudo.<sup>26</sup>

Não podíamos deixar de aflorar uma matéria que pouco ou nada é lembrada nas biografias oficiais de Baden-Powell. Todas as grandes figuras da história possuem aspectos que relevam a sua humanidade e fragilidades.

Com o encerramento das comemorações do Centenário do Movimento e da redacção de alguns documentos de cariz científico deseja-se que algum trabalho possa ser encetado no sentido da recontagem de uma biografia mais completa do Fundador.

## 2.2. O Escutismo enquanto objecto de interesse académico

Apesar da grandeza e projecção do Movimento durante estes 100 anos é para nós alvo de alguma estranheza que, no panorama académico português não encontremos publicações de carácter investigativo sobre as várias dimensões que tão grande empresa encerra.

Feito um levantamento sobre algumas bases de dados, particularmente nalguns recursos escutistas presentes na Internet e usados alguns contactos pessoais e institucionais entre a comunidade escutista, foi possível atestar a parafernália abundante de publicações estrangeiras, particularmente de língua Inglesa. Muitas destas publicações são contemporâneas do Fundador, consequência da fama e projecção alcançadas com a sua vitória em *Mafeking*.

O gráfico abaixo transcrito foi obtido na sequência da pesquisa de um site francês de cariz escutista que contempla a recolha de alguns trabalhos de investigação

---

<sup>26</sup> Consideramos de capital importância o levantamento e cruzamento das várias biografias oficiais existentes sobre o Fundador do escutismo. Avaliamos do ponto de vista académico essencial a realização deste trabalho. A dimensão e âmbito da tarefa, saiem do contexto desta dissertação.

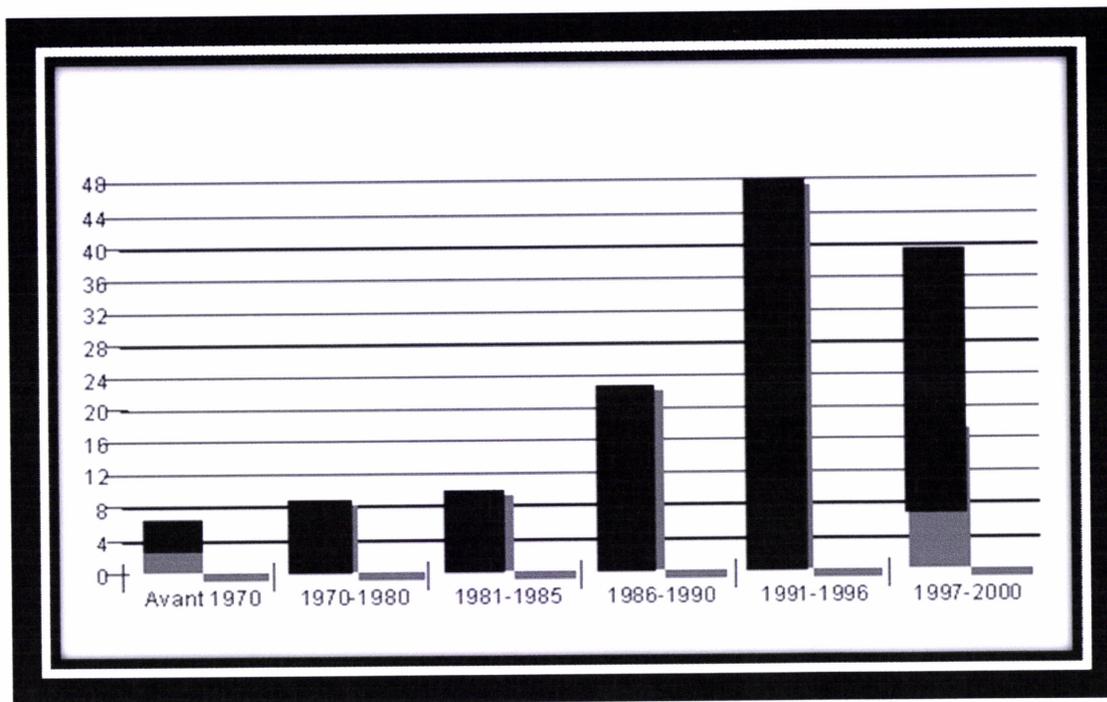
escutista<sup>27</sup> entre os anos de 1970 e 2000. Foi possível aceder à sinalização e levantamento de cerca de 150 produções de natureza investigativa visando a temática escutista e outras relacionadas com a área da juventude.

---

<sup>27</sup> [http://formation.conseil.free.fr/1907/travaux\\_universitaires.htm](http://formation.conseil.free.fr/1907/travaux_universitaires.htm) sítio na internet (consultado a 26/04/08).

Alertamos para o facto de nesta listagem não estarem contemplados trabalhos de autores portugueses. É possível que, com o crescente aumento do interesse das questões relativas à educação não-escolar e com as comemorações do Centenário do escutismo, outras obras poderem enriquecer e completar o citado gráfico.

**Gráfico 1 - Síntese do número de publicações académicas versando o Escutismo**



Fonte: [www.histoire.du.scoutisme.com](http://www.histoire.du.scoutisme.com) (acedido em 20/04/08)

Da leitura deste quadro síntese que teve em conta o número de trabalhos de investigação realizados sobre o tema, é possível aferir da existência de um gradual aumento do seu número entre 1970 e 2000: 7 antes de 1970, 9 entre 1970 e 1980, 12 entre 1981 e 1985, 23 entre 1986 e 1990, 52 entre 1991 e 1996 e 37 entre 1997 e 2001.

Em consequência, entre 1986 e 1996 as publicações duplicaram de 5 em 5 anos. Verifica-se uma estabilização nesta série a partir desta data. De referir, ainda que, de acordo com os dados obtidos por este documento, o trabalho mais antigo registado data de 1931.

A maioria destas obras (sessenta e uma) é alusiva ao Escutismo católico, sendo que, de uma forma genérica dezanove correspondem a trabalhos sobre associações escutistas francesas e catorze especificamente ao Escutismo feminino e outros subtemas. As restantes publicações versam outras temáticas como o Escutismo protestante, judaico e laico, dedicando ainda alguma atenção a ritos e literatura

específica do Movimento e de agremiações de jovens de outros territórios como: Inglaterra, Suécia, Polónia e Chile. No que toca à produção universitária Espanhola, Belga, Inglesa, Canadiana e Alemã, estavam sinalizados aproximadamente vinte trabalhos em cada um destes países.

A fonte central de recolha destes dados tem como proveniência o trabalho que a *Associação 1907*<sup>28</sup> desenvolve, no que toca à pesquisa e inventariação de publicações escutistas e relacionadas com Movimentos juvenis um pouco por todo o mundo. Pela análise consideramos que poderá não estar actualizada a totalidade da informação. Acreditamos que no âmbito das comemorações do Centenário do Movimento e um pouco por todo o universo escutista<sup>29</sup>, outros trabalhos de cariz académico terão sido realizados e publicados. Uma abordagem mais profunda ao tema deverá ser lançada.

Ao olharmos a realidade portuguesa verificámos não existir correspondência entre esta proficuidade investigativa e a produção nacional.

Sobre o pouco interesse que o Escutismo suscitou do ponto de vista académico e no caso Português, Palhares (2005)<sup>30</sup> atesta o “desinteresse investigativo a que tem sido votado o Escutismo entre nós” (p. 231) e a sua “... perplexidade ... quanto à pouca atenção que as ciências da educação têm dedicado ao fenómeno escutista” (p. 232).

Nesse sentido, e cruzando os dados recolhidos por esta investigação e usando os dados alcançados por Ana Vicente (2004) no âmbito da sua dissertação de mestrado e ainda por Reis (2007), encontramos a citação de sete trabalhos académicos, realizados na área das Ciências da Educação e História.<sup>31</sup> No seu trabalho de fim de licenciatura Carla Mira desenvolve as potencialidades de socialização do Sistema de Patrulhas.

---

<sup>28</sup> ASSOCIATION 1907. RÉSEAU DE RECHERCHES INTERDISCIPLINAIRES SUR LE SCOUTING ET LES MOUVEMENTS DE JEUNESSE. 1907. Paris (acedido em 10/04/08).

Disponível em <http://www.home.nordnet.fr/~plefevre/1907/>.

Este organismo coordena e sistematiza internacionalmente trabalhos de investigação versando a temática do escutismo e juventude em geral.

<sup>29</sup> [www.scout.org](http://www.scout.org) (acedido em 20/04/08)

Dados desta Organização assinalam a presença do escutismo em 216 Países e Territórios num total aproximado de 28 milhões de escuteiros no activo. Referência ainda para a inexistência de escutismo em 6 países: Andorra, Republica Popular da China, Cuba, Republica Democrática da Coreia, Republica Democrática do Lao e Myanmar. Por coincidência (ou não) a maioria destas nações possui regimes políticos totalitários.

Sinal evidente da incompatibilidade da proposta escutista a ambientes e contextos onde não reina a democracia e a livre expressão de ideias.

<sup>30</sup> PALHARES, J., op. cit. p. 231, 232

<sup>31</sup> Não foi possível no âmbito desta investigação aceder a mais dados bibliográficos sobre todas as citadas obras. Optámos por fazer uma genérica referência ao tema e área.

António José dos Santos, também no seu trabalho de fim de licenciatura explora a dimensão pedagógica do Jogo Escutista. Em José Carlos Novais, na sua dissertação de mestrado é feita uma abordagem global à metodologia educativa do Corpo Nacional de Escutas. Ana Dias Vicente, na sua tese de mestrado, explora a introdução do Escutismo em Portugal entre 1911 e 1942.

Decorrente de inquirições pessoais foi possível aceder a mais três trabalhos de cariz académico nas áreas da Pedagogia, Contabilidade e Sociologia, respectivamente duas dissertações de mestrado e uma tese de doutoramento. Sandra Granja, no ano de 2007, analisa na sua tese de mestrado, as potencialidades da pedagogia escutista enquanto complemento à educação escolar. Luís Francisco, em 2005,<sup>32</sup> apresenta-nos o sistema de contabilidade em organizações não governamentais, usando para o efeito o caso do Corpo Nacional de Escutas.<sup>33</sup>

Pelo alcance e arrojo, José Palhares (2005)<sup>34</sup> no quadro de sua tese de Doutoramento: “Os Jovens em Contexto de Educação Não-Escolar”, “usa” a IVª Secção (Caminheiros) para o seu trabalho de campo e apresenta-nos de uma forma completa as linhas gerais que enformam as macro características do Escutismo. Esta obra é inédita em meio académico e abre uma “janela de oportunidade” excepcional a todos quantos desejem explorar com profundidade o tema escutista do ponto de vista investigativo. As questões que levantam e as fontes que sinalizam são muito ricas do ponto de vista científico.

---

<sup>32</sup> FRANCISCO, Luís. (2005). *Sistema de Informação de Contabilidade em Organizações Não governamentais Sem Fins Lucrativos: o caso do Corpo Nacional de Escutas*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Aberta, Tomar.

<sup>33</sup> Tivemos ainda conhecimento da realização de dois trabalhos exploratórios, para obtenção de grau de mestre na área da Pedagogia. Por impossibilidade no acesso de mais dados deixamos só esta nota.

<sup>34</sup> O apoio disponibilizado pelo seu autor e o seu teor fizeram desta obra um pilar essencial na construção deste trabalho de investigação.

### 2.3. Referências para uma biografia possível

Por opção metodológica e por questões ligadas com a vastidão bibliográfica<sup>35</sup> que o tema encerra, optámos por sinalizar e priorizar algumas obras (consideradas por nós como referência).

Assim e para além do teor sobre a vida factual do Fundador que constam nos documentos e sítios da internet oficiais do Movimento, decidimos no desenvolvimento deste subcapítulo usar como referência a obra de João Reis, intitulada “Corpo Nacional de Escutas - Uma história de factos” publicada no ano 2007, ano do Centenário do Escutismo. Pela abrangência colocada nas fontes por si consultadas, é possível registar dados e informações interessantes sobre os principais momentos da vida do Fundador do Escutismo.

Apesar de não ter sido contemplada nas fontes de pesquisa usada por Reis, tivemos, ainda, em conta nesta inquirição biográfica a já citada obra de Tim Jeal reeditada em 2001, denominada: “Baden-Powell – Founder of the Boy Souts”. Ainda Laslo Nagy - “250 Million Scouts”, Pedro Corpas - “Robert Baden-Powell e Terésio Bosco - Robert Baden-Powell – O Fundador do Escutismo.

É indispensável, a referência da autobiografia de Baden-Powell editada em português: “A Escola da Vida”<sup>36</sup>. São as palavras do Fundador num relato na primeira pessoa.<sup>37</sup>

---

<sup>35</sup>Sobre a produção literária de Baden-Powell, Jeal (2001) lista um total de 32 obras publicadas de sua autoria, cerca de 31 Manuscritos constituídos maioritariamente por correspondência trocada, por relatos de guerra, esboços cartográficos e inclusivamente poemas. Outra informação relevante prende-se com uma listagem completa e exaustiva de obras que abordam o tema do escutismo, do Fundador e de outros temas colaterais. Cronologicamente acompanham o período de 1822 a 1987 e totalizam 192 títulos. Para uma abordagem mais aprofundada sobre esta matéria sugerimos o sítio: <http://www.pinetreeweb.com/home-portuguese.htm> (acedido a 23/03/08).

<sup>36</sup>BADEN-POWELL, Robert (2007). *A Escola da Vida*. Lisboa: Esquilo edições e multimédia. (trabalho original em Inglês publicado em 1933). Esta publicação é a primeira autobiografia de Baden-Powell. Editada em português no âmbito das comemorações do Centenário do Movimento realizadas em 2007.

<sup>37</sup> Outras fontes essenciais de pesquisa e informação que consideramos neste trabalho e que corporizam nos dias que correm o conceito universal e global de Escutismo, foram os sítios na internet. Entre estes destacamos pela qualidade e diversidade na informação os: <http://www.pinetreeweb.com>, [www.gaelwolf.com](http://www.gaelwolf.com), <http://www.scouting.milestones.btinternet.co.uk>. (acedidos em 20/04/08). Existem sites em quantidade e qualidade que podem ser acedidos a partir do site oficial da WOSM ([www.scout.org](http://www.scout.org)).

Num primeiro olhar é possível ainda identificar em toda a bibliografia de Baden-Powell, variadas e abundantes referências sobre a sua vida intensa e generosa. E a forma, como esta se traduziu num *balão de ensaio* para alguns dos princípios que mais tarde sistematizariam a proposta escutista.

A sensibilidade e o saber que motivaram Baden-Powell a fundar o Escutismo, assentam sobretudo na riqueza de experiências e vivências produzidas ao longo da sua vida, desde a sua infância até à idade adulta.

*Intensa e distinta*, são dois adjectivos que usaremos para qualificar a vida de Baden-Powell. Por isso, impossíveis de incluir em todas as suas dimensões num espaço tão abreviado quanto o que este trabalho académico disponibiliza.

### 2.3.1. A vida (já) *Scout*<sup>38</sup> do Fundador

Iniciamos este capítulo destacando os momentos mais intensos e marcantes da vida de BP.

A sabedoria popular diz que a “dimensão e natureza do carácter de um homem serão o seu destino”. São muito próprias estas palavras quando falamos de BP.

No trilho a percorrer sobre a sua vida, vamos iniciar esta fase transcrevendo as suas próprias palavras no livro: “Escola da Vida” (2007):

No one can pass through life, any more than he can pass through a bit of country, without leaving tracks may often be helpful to those coming after him in finding their way. (p. 21)

São nos acontecimentos da sua existência que se encontram os principais registos dos elementos que anos mais tarde fizeram a proposta escutista.

### 2.4. A Matriarca Henrietta Smyth

Nesta senda a figura de Henrietta Grace Smyth<sup>39</sup> tem, de acordo com o próprio BP (2007), um papel de grande destaque:

o segredo do meu sucesso reside totalmente na minha mãe... foi a influência de minha mãe que me guiou ao longo da vida. Mais do que quaisquer preceitos ou disciplina que tenha aprendido na escola. (p.27)

A sua mãe, nascida em 1824, era filha do Almirante Inglês W.T. Smyth um reputado Militar Naval, conhecido pelos trabalhos científicos produzidos na área da Astronomia (Membro da Royal Geographical Society e da Royal Astronomical Society,

<sup>38</sup> Sobre o termo *SCOUT* e o seu significado até ao momento da sua adopção pelo Movimento, vamos usar as palavras de Corpas (nd) quando afirma: “uma palavra acabava de adquirir um novo significado que daria a volta ao mundo: *Scout*. Até então o verbo inglês *to scout* significava simplesmente explorar. Agora passava a designar, além de um modo de ser, um modo de educar, com umas características inventadas por Baden-Powell. Tinha nascido o ESCUTISMO” (p. 95)

<sup>39</sup> Nome completo da mãe de Baden-Powell.

autor de um guia enciclopédico sobre o movimento das estrelas). Foi uma mulher nascida numa família tradicional Inglesa abastada e com relações estreitas com uma comunidade de intelectuais do seu tempo<sup>40</sup>, que proporcionava à futura progenitora de BP um ambiente propício ao gosto pelas artes e cultura. Ela própria, decorrente de uma relação muito intensa e competitiva com os seus irmãos (educados para serem bem sucedidos<sup>41</sup>), vê-se impelida a alcançar e cumprir os desígnios estipulados para uma mulher educada em ambiente tão diligente. Esta relação e o sucesso profissional e pessoal dos seus irmãos irão futuramente condicionar a educação que ela irá administrar aos seus filhos (Jeal, 2001).

É neste contexto que ela conhece o futuro marido o Reverendo H.G. Baden-Powell, Professor de Geometria e Matemática na Universidade de Oxford a quem eram reportados talentos na área da pintura e poesia, assim como uma profunda sensibilidade. O Professor era casado, frequentador e amigo da família Smith, tiveram um primeiro contacto em 1839 quando ela tinha quinze anos a propósito de uma sua visita a Oxford. Voltam a encontrar-se em 1945 tendo ele quarenta e cinco anos e viúvo da sua segunda esposa e ela vinte e um anos. A partir desse momento o sentimento de ambos amadurece e o casamento ocorre pouco tempo depois. O Reverendo tinha do seu anterior casamento quatro filhos, que devido a um conjunto de complexas vicissitudes acabam por se afastar do novo casal. (Jeal, 2001).

Desta relação nascem dez filhos<sup>42</sup>, sendo que somente sete sobrevivem. Robert Stephenson Smyth Baden-Powell (desde logo carinhosamente apelidado de Stephe, Ste ou Steevie) nasceu em Londres a 22 de Fevereiro de 1857. O seu nome resulta da homenagem da sua família ao filho de um famoso Engenheiro, amigo e admirador do Reverendo Powell (Jeal, 2001).

Entretanto com o passar do tempo e com uma dedicação às actividades académicas cada vez mais intensas, o estado de saúde do Professor Powell degradou-se

---

<sup>40</sup> A localização da sua casa contribua para esta situação, dado que se encontrava situada na *Cheyne Walk* em Chelsea. Local de residência e passagem de académicos, artistas e poetas como George Eliot (Jeal, 2001). O ambiente marcado por um certo elitismo cultural, ficará gravado na personalidade de Henrietta e será determinante na criação da oportunidade que envolve o conhecimento e posterior casamento, com o seu primeiro marido e pai de BP.

<sup>41</sup> Henrietta tinha 3 irmãos, Warrington foi Geólogo, cavaleiro reputado e inspetor de minerais da coroa. Charles alcançou a carreira de Astrónomo real e Henry distinguiu-se na carreira militar como general de Artilharia (Jeal, 2001)

<sup>42</sup> Warrington, George, Augustus, Frank, Henrietta, Penrose, Jessie (estes três últimos viriam a morrer). Mais tarde Robert Stephenson (BP), Agnes e mais tarde Baden Fletcher.



consideravelmente e acaba por falecer a 11 de Junho de 1860 quando Baden-Powell tinha a idade de três anos.

Esta morte para além de provocar um desequilíbrio no bem-estar emocional e económico da família Powell, trouxe também a polémica e algum ultraje, "...o carácter do meu pai foi atacado... após a sua morte pelo Dr. Pusey, que escreveu tais imputações contra a sua Cristandade que acabou por erguer um coro de vozes indignadas... por parte daqueles que conheciam e admiravam os seus pontos de vista e espírito aberto." (Baden-Powell 2007, p. 269).

Este episódio permitiu que BP tivesse um conhecimento mais aprofundado da vida e da grandeza do carácter de seu pai e com isso alimentasse um respeito e reverência consideráveis.

Após este período e procurando nunca descurar a grandeza e nobreza que caracterizava o seu passado familiar, Henrietta, enceta um conjunto de esforços e..." juntando alguns haveres de seu marido, com a pensão com que ficou e outros dinheiros que pode reunir, delineou seriamente o presente e o futuro da sua família." (Corpas, nd, p. 22). Entre estas diligências esteve"... a decisão de solicitar a união dos dois ramos da família... e usou a partir deste momento o apelido Baden-Powell" (Corpas, nd, p.23).

A condição de viúva e a conjuntura adversa que daí decorre fizera com que um espaço de relação próxima e intensa nascesse na ligação entre Henrietta e os seus filhos. Ela colocou no seu desenvolvimento pessoal e social o seu próprio exemplo, que assente no seu esforço proporcionava aos filhos uma vida equilibrada e de grande qualidade, inculcando-lhes desde sempre os valores da responsabilidade, sobriedade, coragem e verdade.

Ainda sobre o seu papel e influência na educação dos seus filhos Corpas (nd) diz:

Esta mulher, fora do comum e relacionada com os Cristãos Socialistas, ensina aos seus filhos que o mundo está cheio de maravilhas e que a natureza é uma escola onde se aprende em qualquer idade. Faz-lhes levar uma vida ao ar livre, animando-os a sair seja qual for o tempo que faça, e esforçar-se por desenvolver neles o sentido de observação, carácter e o gosto pelo esforço. É evidente que não se intimidou com as responsabilidades que lhe caíam em cima. (p. 19)

A formação de Baden-Powell foi também marcada pela influência do seu avô, Almirante Smyth, com quem trocava correspondência e escutava histórias do mar.<sup>43</sup> E, pelo seu irmão Warington (treze anos mais velho) que recentemente havia integrado a guarnição do Navio Escola *Conway* e que nas férias escolares organizava grandes excursões de barco. Nestas aventuras Robert aprendeu as regras da exploração e da vida ao ar livre, desenvolvendo um gosto muito especial pela natureza (Reis, 2007).

27

Mercê da saída de casa dos seus irmãos mais velhos e da consequente necessidade de assumir algumas responsabilidades (nomeadamente no apoio aos seus irmãos mais novos Agnes e Baden), Baden-Powell “cresceu rápido” e aos doze anos ingressa na escola de Chaterhouse<sup>44</sup> após passagem pela Escola de Kensington aos sete e por Tunbridge Wells, aos onze (Corpas, nd).

---

<sup>43</sup> Lazlo Nagy relata-nos uma carta escrita por BP a seu Avô onde ele insere aquilo que intitulou: “Laws for me when I’am old (“Leis para quando for grande”. Tradução nossa) com o seguinte texto: “I will have the poor people to be as rich as we are, and they ought by rights to be as happy as we are. God has made the poor people to be poor and rich people to be rich, and I can tell you how to be good, now I will tell you. You must pray to God whenever you can bit you cannot be good with only praying but you must also try very hard to be good”(Nagy, 1985, p.18). Nela revela-se o carácter clarividente e consciente desta criança de 8 anos.

<sup>44</sup> De referir que Chaterhouse era uma escola reputada no quadro das rede publica de ensino em Inglaterra.

## 2.5. Da escola da vida à vida militar

### De Mafeking a Brownsea

Para o ensino regular Robert leva consigo hábitos enraizados de leitura e de escrita que vieram facilitar a sua inserção no meio. Em Chaterhouse foi detentor de uma bolsa de estudo que de nada serviu em termos de estímulo, dada a presença em torno deste estabelecimento de ensino de um bosque povoado de animais e densa vegetação. Aqui treina as suas habilidades na arte de caçar e observar animais.

Ao contrário do sucesso e facilidades alcançadas nas actividades de ar livre, desportivas e artísticas, a eficácia e o tempo dedicado ao estudo não abundavam e as notas obtidas em disciplinas base como a Literatura, Matemática, Língua e Ciências Naturais, demonstravam a sua mediania.

Sobre este propósito ele próprio diz: “Eu não era muito esperto, nem, lamento dizer, um rapaz tão aplicado como deveria ter sido” (Baden-Powell, 2007, p. 28). Não foi de estranhar por isso que quando se aproximava o final dos seus estudos secundários, as evidências e as motivações não apontavam no sentido do ingresso numa carreira académica. Apesar dos seus esforços<sup>45</sup> e da desolação da família Baden-Powell, acaba por não ingressar na Universidade e por fortuita oportunidade tem conhecimento através dum jornal da existência de um concurso para a admissão de voluntários para uma Escola de Oficiais<sup>46</sup>. Entre os muitos candidatos apresentados a concurso para as dezanove vagas para Infantaria e trinta para Cavalaria, Robert classificou-se em quinto e em segundo lugar respectivamente entre os 718 candidatos.

Ingressa na Sandhurst Royal Military College e volvidos três meses a trinta de Outubro de 1876, embarca como subtenente incorporado no 13th Hussars no navio *Serapis* a caminho de Lucknow na Índia. (Nagy, 1985).

---

<sup>45</sup>Por duas ocasiões tentou o ingresso em Oxford em 1876 e logo de seguida em Christ Church College. Nesta última ocasião o famoso Professor de Matemática Charles Lutwidge conhecido autor da obra infantil - juvenil, “Alice no País das Maravilhas”, recomenda-lhe o abandono das suas aspirações académicas (Nagy 1985)

<sup>46</sup>Jeal levanta algumas dúvidas sobre a verdade e naturalidade deste processo. A tão propalada sorte de BP poderia ter algumas conexões com conhecimentos e amizades cultivadas por sua mãe entre alguns membros de famílias poderosas, onde alguns dos seus membros ocupavam lugares de destaque, incluindo a instituição militar.

A necessidade militar do Império e a boa classificação obtida permitiu-lhe “escapar” aos dois anos da Real Escola Militar de Sandhurst.

Este momento marcou a viragem na vida do Fundador do Escutismo. A *bagagem* emocional de aprendizagens pessoais e culturais iriam ser determinantes no sucesso retumbante desta nova fase da sua vida.

A enumeração dos feitos militares da carreira militar de Robert Baden-Powell revela-se de tal ordem uma tarefa hercúlea que não iremos aqui intentá-la. Procuraremos de uma forma sucinta explicar os principais momentos da vida militar e a forma como estes condicionaram o processo de criação da proposta escutista, daquele que viria a ser o mais jovem General do exército Inglês.

### 2.5.1. Índia

As condições climáticas inóspitas encontradas e o moral das tropas Inglesas fizeram com que Robert tivesse iniciado um processo de adaptação ao novo meio, onde através de elevado estado de espírito e perícia se destaca e rapidamente é promovido a Tenente, passando assim à condição de oficial.

Sobre esta a sua capacidade de adaptação integração, Nagy (1985) afirma:

Most of the character traits which were to shape BP's destiny in civil life were revealed during his military career, He was resourceful, stimulating, cheerful yet sober in His habits, with an insatiable curiosity and an instinctive urge for the open air life. His love of nature was evident from the start... (p. 25)

Após uma passagem por Londres onde esteve em convalescença, é novamente indigitado a regressar ao seu 13th Hussars e ao Afeganistão onde graves distúrbios militares fragilizavam a posição inglesa<sup>47</sup>.

---

<sup>47</sup> Na fronteira noroeste da Índia com o Afeganistão, cerca de mil e duzentos soldados e oficiais tinham sido mortos após a deposição do Emir local. A sede do corpo diplomático Inglês no Afeganistão, havia sido destruída e a sua representação morta

Já no local desenvolve um trabalho de exceção em torno do mapeamento do território, “...pouco a pouco afirma-se mestre nas suas inclinações para rastrear, exploração, observação, dedução, informação avaliada...técnicas de adaptação ao terreno” (Corpas, nd,) e apuramento de informações sobre os contornos políticos e militares que envolveram os incidentes.

Os três anos que se seguem na cidade de Muttra (Índia) são utilizados para aperfeiçoamento e aquisição de competências militares e também para interações culturais com a comunidade local. Entre algumas actividades destaque para o pólo e a caçada aos Javalis a Cavalo<sup>48</sup>, onde granjeia particular destaque. Neste período e fruto da dedicação colocada na formação dos seus homens é promovido a Capitão. Nesta condição instrui-os nas técnicas mais avançadas de espionagem, exploração, “...levantamento de planos e no seguimento de pegadas” (corpas, nd, p. 52).

Sobre a importância destas competências *Scout*, Baden-Powell (2007) escreve:

*Scouting* inclui um leque de tarefas. Resumidamente, é a arte do *Scout* (batedor militar) em obter informações. Antes ou durante a guerra, para ganhar, é vital e essencial que um comandante tenha informações acerca dos preparativos do inimigo dos seus pontos fortes, das suas intenções, do país, das circunstâncias, das movimentações, etc....a tarefa que recai sobre esse indivíduo é uma tarefa difícil e arriscada...exige...nomeadamente, Coragem, Bom senso, Astúcia e Cooperação Voluntariosa.

*Scouting* é com toda a certeza um jogo fascinante para o *Scout* é um jogo em que todo o risco vale a pena, devido ao imenso valor que tem para o seu lado da refrega. (p. 31-32)

Nestas palavras do Fundador encontramos o esboço de algumas das linhas mestras que vão enformar a sua proposta escutista. O valor simbólico desta capacidade de Baden-Powell, além de o colocar num patamar de grande destaque no quadro militar inglês da época, transporta-nos para o contexto em que futuramente designaremos como Escutismo.

---

<sup>48</sup> Fruto deste particular interesse, edita o livro: *Pigsticking or Houghunting*. Já antes havia publicado: *Reconnaissance and Scouting* (este reunia o teor das palestras que administrava aos seus homens) e *Cavalry Instructions* (esta publicação sugere a aplicação na cavalaria de algumas das técnicas *Scout*) (Nagy, 1985, 26). É de notar a sua capacidade literária em finais do século XIX, tendo em conta o contexto político e cultural vigente

## 2.5.2. África e o Herói

Quando em 1488 Bartolomeu Dias dobra aquele a que D. João II, futuramente designará como *Cabo da Boa Esperança*, estariam concerteza longe de imaginar que séculos mais tarde este lugar seria palco de guerras fratricidas. A presença de Vasco da Gama em 1497, naquele território que é por si rebaptizado como “Natal”, não conferiu a manifestação de qualquer tipo de atenção ou conveniência por parte da Coroa Portuguesa sobre aquele território. Esta situação viria a trazer graves conflitos de interesses envolvendo futuramente os Boers<sup>49</sup> a quem se haviam de juntar outros de nacionalidade alemã e escandinava foragidos de guerras e perseguições. Apesar da heterogeneidade de proveniências e interesses, rapidamente ganham alguma homogeneidade no que diz respeito à sua capacidade de sonegar território e recursos aos povos indígenas, ganhando em consequência alguma autonomia em relação à terra mãe (Holanda). (Corpas, nd).

Neste impasse a Inglaterra, proclama em 1795 o seu protectorado, provocando a rápida reacção da aliança entre os Boers e os autóctones. Apesar de assinados acordos com a Holanda este território nunca viveria momentos de paz. Os Ingleses pretendiam a fixação de um ponto de referência militar que lhes permitisse alcançar algum ascendente sobre a contenda. Neste sentido, Baden-Powell é destacado para o local e usando do seu saber *Scout*, procede a um trabalho exaustivo de levantamento topográfico, que apesar de não ter sido considerado pelas hierarquias militares, permitiu aprimorar e consolidar as suas competências nesta área.

Em 1886 é indigitado pelo Governo Inglês, juntamente com o seu irmão, para uma missão de alta espionagem por vários países da Europa central. Esta visava a aquisição de informações, que permitissem o eventual estabelecimento de alianças que possibilitassem um melhor entendimento e equilíbrio nas degradadas relações Anglo-Russas. Apesar de ter sido detido, desenvolve outras experiências de espionagem.

---

<sup>49</sup> Bóeres – tribo “branca, descendente dos colonos holandeses e renanos instalados na África do sul no território do Cabo. (REIS, pág. 56)

Ainda no mesmo ano regressa a Natal e em Junho integra o contingente que enceta uma forte ofensiva contra os Zulus<sup>50</sup> que antes haviam chacinado três companhias de Infantaria Inglesa. O General Smyth (seu tio) nomeia-o Segundo Oficial e responsável pela montagem de um sistema de informação, higiene e enfermagem. Para esta tarefa BP, vai usar de toda a sua competência e capacidade de interação com alguns Zulus e procede a um aturado trabalho de conhecimento dos seus recursos e características do inimigo. O fascínio que vem adquirir por este povo acompanhou-o para sempre e são vários os seus testemunhos sobre este estado de espírito.<sup>51</sup>

Outros feitos militares se desenvolvem e com eles a confirmação das promoções. A determinada altura, eram quase automáticas, tal era a regularidade com que ocorriam.

Em 1899 já na condição de Coronel, viverá um dos momentos mais marcantes da sua história pessoal e militar e que viria a ser determinante no processo de construção da proposta escutista.

### 2.5.3. “Quem tem *Mafeking* tem as rédeas da África do sul”<sup>52</sup>

Na África do Sul as relações entre Inglaterra e o Governo da República do Transval haviam atingido um ponto sem retorno de tensão<sup>53</sup>. Baden-Powell é destacado no sentido de organizar um corpo militar e policial que pudesse repor alguma ordem e o equilíbrio das forças na fronteira noroeste do Cabo

Detentor de uma maturidade e experiências militares e (sobretudo) pessoais, comandava agora o Regimento de Dragões 5. Em 1897 nesta nova missão, o Coronel Baden-Powell desenhou um conjunto audacioso de técnicas de treinamento militar que

---

<sup>50</sup> Zulus: povo banto, do grupo dos Angoni, estabelecido na África do Sul. Tornaram-se conhecidos nos meados do séc. XIX através do Chefe Chaca, que liderou o seu povo no domínio militar e territorial daquelas províncias, vindo a ser derrotados pelos Ingleses no final do século e integrados no seu domínio colonial. (REIS, pág. 55)

<sup>51</sup> O respeito e admiração eram recíprocos, entre os membros de algumas das tribos com quem travou combates. Entre os epítetos com que era conhecido estavam os de *M' hlaha Pazi* (homem que se deita para disparar), *Impisa* (Lobo que nunca dorme), *Kantankye* (homem do chapéu grande). (REIS, pág. 56)

<sup>52</sup> <http://www.escoteiros.org/> (acedido em 24/04/08).

Dito corrente entre os nativos locais, que exprime a importância geo-militar da localidade de Mafeking.

<sup>53</sup> Estas assentavam em interesses irreconciliáveis em Minas de ouro e em territórios de grande importância militar. (Bosco, pág. 42)

viriam a ser cruciais quer no sucesso militar de *Mafeking*, quer nos pressupostos que mais tarde viria a constituir a proposta escutista.

Questões como os elevados níveis de excelência na prontidão militar dos seus homens, a criação pequenas unidades de meia dúzia de homens comandados por um dos seus membros, sistema de compensações decorrente de conquistas que alcançassem<sup>54</sup>, espírito de grupo coeso e solidário, rigor e mestria no uso das mais avançadas técnicas e tácticas de “scouting”, férreo sentido de disciplina e dever, grande proximidade da sua parte e uma liderança relacional que garantia a unidade e coesão dos seus homens.

Este processo e a sistematização de toda estas experiências militares iniciada na Índia, culminou em 1899 na redacção do seu *Aids to Scouting (Auxiliar do Explorador - Tradução nossa)*. Nele estavam incluídas muitas das palestras dirigidas aos seus homens e já esboçados aqueles que seriam os princípios do seu mais célebre livro e prenunciador do Escutismo: *Escutismo para Rapazes*. Aquando do seu previsto lançamento, o Coronel Baden-Powell encontrava-se em Londres, para onde se tinha deslocado para uns dias de repouso e é lá que receberá o ultimato que determinava o seu regresso a África do Sul.

A 12 de Outubro de 1899 a Grã-Bretanha declara guerra ao Transvaal e a Orange. Numa semana (mais tarde denominada, “Semana Negra”) os Boers dizimaram três colunas do exército Inglês, usando técnicas de guerrilha em pequenos grupos e beneficiando do terreno acidentado provocara a inacção dos Ingleses e pesadas perdas (Corpas, nd).

A 11 de Outubro do mesmo ano Baden-Powell estava nas imediações de uma pequena localidade (*Mafeking*) com cerca de 2000 mil habitantes e apenas um milhar de soldados inexperientes e recentemente armados. Aqui é surpreendido por cerca de 8 mil soldados Boers comandados pelo Chefe Cronje (Corpas, nd).

O cerco de *Mafeking* pelos homens Boers iria durar 217 dias (de 13 de Outubro de 1899 a 18 de Maio de 1900, dia em que chegaram os reforços Ingleses) e iria constituir uma das mais veementes páginas da história Militar Inglesa. Neste cenário BP

---

<sup>54</sup> Exemplo deste sistema estava a atribuição de uma pequena insígnia sob a forma de Flor-de-lis que representava na bússola o rumo do norte (Reis, pág. 56). Mais tarde seria adoptada como a insígnia Mundial do Escutismo e este sistema convertido naquilo a que se denomina por sistema de progresso. Um dos elementos essenciais do Método escutista.

iria colocar em prática as suas qualidades de chefia e mestria nas táticas militares<sup>55</sup> e com o sucesso decorrente viria a ser considerado herói de guerra. Fruto de técnicas de guerrilha foi possível passar para fora do apertado cerco, informações e relatos de algumas das situações que eram ali experimentadas. Estas “fugas de informação” possibilitaram a “mediatização” do processo junto da sociedade Inglesa. Em Nagy (1985), podemos no momento em que se comunica o fim do cerco, perceber o impacto que este episódio histórico tem junto da população:

It is not easy to explain the collective hysteria which seized the British people, normally so calm and phlegmatic, when it was announced that the siege of this long-forgotten city was lifted...immense crowds invaded the streets of London to break out into an orgy of celebration, to followed by the rest of the country...Audiences, artists and actors in theatres and music halls stood up spontaneously to sing the national anthem...special newspaper editions described the courage of the British forces as “ a new page in the history of human heroism. (p. 43, 44)

Em a “Escola da Minha Vida” Baden-Powell, transcreve o telegrama enviado pela Rainha Vitória, onde é possível entender a importância deste acontecimento:

Eu e todo o meu Império rejubilamos muitíssimo com o Render das Tropas em *Mafeking*, após a esplêndida defesa feita por si ao longo de todos estes meses. Congratulo-me do fundo do coração e senhor e todos os que estão sob o seu comando, militares e civis, Britânicos e Nativos, pelo Heroísmo e devoção que demonstraram. (p. 168)

A importância do cerco de *Mafeking* na vida pessoal de Baden-Powell foi determinante no processo de criação do Escutismo. Naquele palco usou de todas as técnicas *Scout*, de dinâmica de grupo, de gestão de recursos materiais e humanos. Viu ser testado o seu quadro de referências morais e espirituais, experimentou a eficácia do (futuro) sistema de patrulhas e trabalho em pequeno grupo (cinco elementos no

---

<sup>55</sup> Corpas (nd) relata-nos intensamente alguns dos mais marcantes episódios vividos durante o cerco. São várias as descrições de episódios de autênticas dramatizações, jogos cénicos, situações onde a criatividade das técnicas militares surpreendiam e traíam os inimigos. A título de exemplo citamos de Corpas este relato: “As provisões começaram a escassear. Para matar a fome, fez farinha com a aveia e papas com os grãos de arroz. Quando um cavalo caía, a carne transformava-se em salsichas; os ossos depois de terem servido para a sopa, secavam-se e reduziam-se a pó que se acrescentava à farinha; a pele, a cabeça e as patas, uma vez cozidas e cortadas em fatias muito finas, convertiam-se em pasta bastante comestível. Quanto às crinas e ao cabelo da cauda, enviavam-se ao hospital para encher as almofadas” (p.87).

É possível a partir desta enunciação entender a dimensão do génio militar e pessoal de BP.

máximo) ao organizar um corpo de jovens mensageiros que tinham como missão “quebrar” as linhas dos inimigos e dinamizar um sistema de informação que se veio a revelar essencial no desfecho final da batalha. Com esta experiência descobre que, quando se atribui a um jovem responsabilidade e confiança, este tende a responder com um sentido do dever e elevação.

Estes aspectos maturados seriam de grande valor para aquilo que se tornaria o Escutismo.

#### 2.5.4. O cerco de *Mafeking* ou o logro?

Face à importância já enunciada de *Mafeking* no rumo que a fundação do Escutismo teve, é de capital importância explorar algumas questões que Nagy (1985) e Jeal (1989) levantam sobre factos eventuais não tão conhecidos.

A primeira tem que ver com algum empolamento que o cerco terá tido junto da sociedade Inglesa e do seu eventual aproveitamento. Usando as palavras de Nagy:

With all due respect to the innocent victims of the Mafeking legend, it has to be said that the sieg was not conspicuous for its bravery, on either side... Mafeking was at no time entirely surrounded by the Boers. Runners' and messengers went in and out freely... above all it was not a bloody siege. In fact there were only two encounters which could be described as violent. (p. 44)

Mais á frente o autor usando expressões de historiadores da época, cataloga o cerco de *Mafeking* com sendo “the last of the gentlemen’s wars”. Refere ainda a paragem das hostilidades militares ao Domingo para repouso dos homens e cumprimento das obrigações religiosas de ambas as partes. Na correspondência trocada entre BP e o chefe Boer estes tratavam-se cordialmente por “Your Excellency”.

De acordo com a leitura destes excertos é possível aferir da existência de um ambiente incharacterístico de um conflito bélico.

Em Jeal (2001), as principais questões que se assinalam prendem-se com eventuais condutas racistas do Fundador do Escutismo aquando das diligências de racionamento dos alimentos e nas medidas de segurança e bem-estar deste grupo.

Socorrendo-se da obra de Thomas Pakenham “The Boer War”, onde estas questões são exploradas, Jeal analisa com alguma profundidade os argumentos evocados e que afirmam que BP terá suprimido alimentos á população negra sitiada em favor dos brancos<sup>56</sup>. Esta teria sido a causa do sucesso do racionamento dos alimentos e com eles a possibilidade da resistência durante os 217 dias. No decorrer do processo de análise, o autor assinala as fragilidades de Pakenham e avança com outros dados que contrariam as conclusões obtidas. Em tom de conclusão Jeal (2001) afirma:

there is... no doubt that Baden-Powell owed more to black warriors than any other British commander in the war and was under a unique obligation to them. Before the end of the siege, he would pay a tribute in General Orders to the Barolongs success in absorving the principal shock of the Boers most threatening attack and would name various Africans for individual acts of bravery. (p.285)

Optámos metodologicamente por assinalar este episódio no sentido de evidenciar um conjunto de questões de natureza histórico-cultural típicas da Grã-Bretanha do período vitoriano. Estas sustentam alguns dos acontecimentos aqui narrados e relevam a razão pela qual Baden-Powell se eleva a *Herói Nacional* e com ele o palco que o Escutismo iria ter na sua afirmação.

O principal argumento prende-se com a grande vulnerabilidade e desgaste militar e político que a Grã-Bretanha vivia no início nos meados do séc. XX. A manutenção do Império e a resistência colocada pelos povos autóctones (com os Boers á cabeça) expuseram as fragilidades da Inglaterra Imperial. Segundo Nagy (1985):

two absurd little republics...the Transvaal and the Orange Free State, inhabited by a population of pious and frustrated peasants –had dared to twist the tail of the invincible British lion, to the amusement of the rest of the world. Despite its numerical and technical superiority, the British army had suffered humiliating and unexpected reverses... (p. 45)

A auto-estima da Inglaterra Imperial necessitava de ser revigorada e *Mafeking* vem cumprir essa função ao passar a ser o símbolo da sobrevivência do Império, uma verdadeira questão de honra. A construção do Império, a expansão e consolidação da

<sup>56</sup> Outras situações eventuais de injustiças são assinaladas por Jeal, mas optámos por agrupá-las genericamente nestes dois grupos. Grosso modo os argumentos evocados apontam para condutas xenófobas de BP em que explicitamente a comunidade negra era marginalizada, exposta a perigos desnecessários e usada em situações de fragilidades militares que expunham as forças britânicas.

industrialização consumia a atenção dos Ingleses. Havia por consequência uma  
“...psychological need for the mistery and fantasy of conquests of faraway lands and by  
the same token, of heroism and heroes” (Nagy, 1985, p.46).

A resposta a este estado de espírito estava em *Mafeking* e em Baden-Powell.

Do ponto de vista do ideal de herói, Baden-Powell preenchia os requisitos expectáveis para um Herói Britânico: inteligente, calmo, corajoso, pragmático, provido de sentido de humor, sensível e humilde.

É o próprio Baden-Powell nas palavras de Nagy (1985) que ilustra toda o ambiente emocional e social que envolveu *Mafeking* e a sua projecção a Herói Nacional:

The whole thing was, and had to be, a game of bluff from start to finish. It was not what you would call a proper military feat of arms but just a minor episode, though it got very much over-advertised in the press of the time. (p. 46)

Apesar de tudo, o capital adquirido no seu trajecto pessoal e sobretudo militar veio revelar-se determinante no percurso da fundação do Escutismo. Mercê de todo o impacto mediático que *Mafeking* foi alvo, BP tornar-se-ia um ídolo da Juventude Inglesa e com isso estava criada a dinâmica favorável para a projecção das suas ideias, propostas e projectos para a Juventude inglesa<sup>57</sup>.

---

<sup>57</sup> De referir que a fama do Fundador do escutismo ultrapassava as fronteiras da Grã-Bretanha, percorrendo um pouco por todo o mundo anglo-saxónico e todos os territórios por si cultural, social e economicamente influenciados. Esta evidência vem a ser testada pela forma célere como o escutismo se difunde por todo o mundo.

## 2.5.5. De Herói a Escuteiro

Uma vez atingido o topo de carreira e esgotadas as ambições de outras progressões, BP opta por, aos 50 anos, abandonar a vida militar. Vários foram os motivos que levaram a esta decisão. Sobre este assunto Corpas (nd) refere:

*As razões para esta decisão? Basicamente o ter mantido um combate contra a rotina e as difíceis condições. Ele que toda a sua vida tinha trabalhado com os homens, aborreceu-se ao ter que lutar com as instituições. (p.92)*

A notoriedade e excessivo “mediatismo” obtido com *Mafeking* transportam-no para cargos<sup>58</sup> (de prestígio, mas de...) de *secretaria* privando-o das emoções que a proximidade do terreno lhe proporcionava.

Na qualidade de Inspector-Geral da Cavalaria tem a oportunidade de percorrer uma série de países europeus, americanos e africanos, onde pode atestar e apreender as práticas de instrução militar ligadas à Cavalaria tomando conhecimento de correntes de pensamentos pedagógicos particularmente nos Estados Unidos e Europa.<sup>59</sup> Este desempenho possibilitar-lhe-á clarificar e consolidar algumas das ideias que fervilhavam em torno de algumas experiências e conceitos sobre educação e que eram desenvolvidas na alvorada do séc. XX na Europa.

O período entre 1903 e 1907 será relevante no que diz respeito às aprendizagens e amadurecimento do pensamento pedagógico que iria determinar o *esquema escutista*. O tempo (fruto de algum trabalho de planeamento e organização que teve de produzir) que pode desfrutar permitiu-lhe explorar algumas ideias sobre a educação de jovens (Warren, p.948)<sup>60</sup>.

<sup>58</sup> Em 1900 é indigitado para formar a polícia montada sul-africana “... um corpo de polícia que se encarregasse de restabelecer progressivamente, na África do Sul, as bases de uma vida normal...em 1903, com a idade quarenta e seis anos, foi nomeado Inspector-Geral de Cavalaria, o mais alto cargo na sua própria secção do exército”. (Corpas, nd, p.89).

<sup>59</sup> Bosco (nd) refere: “ Enquanto viaja pela Europa, procura informar-se dos estudos e realizações mais avançadas levadas a cabo pelos estudiosos no campo da Educação. Discute com eles os prós e contras” (p.44)

<sup>60</sup> WARREN, Allen. (1997). *Baden-Powell: A Final Comment. The English Historical Review*, Vol. 102, No. 405. p. 948-950.

A 5 de Maio de 1907, no topo da carreira militar e com o título de Herói<sup>61</sup>, despede-se do cargo de Inspector-Geral de cavalaria com 50 anos de idade. É nesta altura que tem conhecimento que o seu livro *Aids to Scouting* havia sido adaptado como manual de educação da Juventude por acção de William Smith Fundador da *Boys Brigade*<sup>62</sup>, com quem viria a ter uma relação próxima de amizade (Reis, 2007).

O acampamento que Baden-Powell organizou em Agosto de 1907, na ilha de Brownsea, com um conjunto de vinte jovens visando a testagem de um conjunto de experiências, ideias e princípios que constavam no Livro: “Escutismo para Rapazes” – *Scouting for Boys*, 1908), é considerado o momento crucial e simbólico para o início do Escutismo.

Dotado de uma sensibilidade social muito apurada e após o regresso das suas campanhas militares em África, Baden-Powell depara-se com um conjunto de constrangimentos de natureza sócio económica que afectavam particularmente a juventude inglesa. As profundas alterações sociais decorrentes da Revolução Industrial e as consequências humanas saídas da Primeira Guerra Mundial marcaram

---

Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0013-8266%28198710%29102%3A405%3C948%3ABAF3E2.0.CO%3B2-U>

Acedido a 21/09/08

<sup>61</sup> Jeal (1989, p. 305, 306) relata-nos algum mal-estar por parte de BP no que diz respeito á gestão que os Media e a própria mãe fazem desta sua condição. Os excessos e algum aproveitamento desagradam-no profundamente.

<sup>62</sup> William Alexander Smith, filantropo e militar fora do activo, havia fundado em 1883 a denominada “Boys Brigade” na cidade de Glasgow. Um Movimento para jovens, com alguns pontos com aquele que BP viria afundar em 1097. As preocupações com disciplina, formação paramilitar e instrução cristã levaram a uma rápida adesão de milhares de jovens (cerca 40,000, segundo Nagy (1985)). Com o tempo a relação pessoal entre os dois viria a intensificar-se e consolidar-se. Existem relatos da colaboração de BP nalguns momentos e iniciativas da “Boys Brigade”, nesta sequência foi inclusivamente nomeado seu Vice-Presidente Honorário. Com o tempo BP sugere a Smith a adopção de alguns princípios por si preconizados no “Aids to scouting” (uma síntese desta sua obra é publicada no órgão oficial desta organização “The Gazette”). Apesar de criticar o excesso de militarismo na prática educativa de Smith, a associação de BP com as “BB” vai favorecer a divulgação e disseminação dos princípios escutistas por si preconizados.

Com o desenvolvimento do escutismo e uma perda de protagonismo por parte das “BB”, alguma rivalidade surge, muito embora o respeito e admiração entre os seus Fundadores terem sido sempre preservadas.

Olhando as particularidades de cada Movimento é possível identificar algumas semelhanças. As “BB” organizavam-se em pequenos grupos e exploravam um sistema de progresso, com conquista de distintivos e adopção de um uniforme, liderados por adultos. Fica a ideia de que o escutismo muito deve a esta organização e á sua implantação na Inglaterra dos meados do século XX (alguns dos jovens envolvidos no acampamento de *Mafeking* eram membros das “Boys Brigade”).

Disponível em: <http://www.scouting.milestones.btinternet.co.uk/> (acedido em 10/09/08).

É referida igualmente a importância de Mr. E.P. Carter, Fundador em Pretória dos *Boys Guides Brigade*, na influência sobre BP. As preocupações de cariz formativo no que toca ao desenvolvimento físico e militar, enformavam esta organização (Jeal, 2001, p. 366)

indelevelmente a sociedade europeia. Bosco (nd) relata uma sociedade europeia onde “...2 milhões de jovens envilecidos, abandonados, que percorrem, em grupos, lugares suspeitos, sem qualquer ideal... esperam, ansiosamente, que surja alguém que se interesse por eles.” (p. 43,44).

Nesta altura, o editor Arthur Pearson<sup>63</sup> havia garantido e consolidado a divulgação (editada em pequenos fascículos) de uma proposta concreta de trabalho não-escolar para jovens e incentivado a concretização do acampamento de *Brownsea*. Outro elemento essencial nesta fase de concretização do *esquema escutista* foi Ernest Thompson Seton<sup>64</sup> que lhe oferece um esboço para rapazes dos oitos aos quinze anos onde é feita a apologia da vida ao ar livre e do ideal natural no homem, encarnado pelos Índios das pradarias Americanas.

De E.P. Carter Fundador em Pretória da *Boy Guides Brigade*, Baden-Powell foi recuperar, adaptando (apesar de Caster o acusar de plágio), a divisa “In Omnia Paratus” no lema “be prepared” (BP)<sup>65</sup> As preocupações de cariz formativo no que toca ao desenvolvimento físico e militar, também enformavam esta organização (Jeal, 2001, p. 366).

Anos antes e fruto da popularidade alcançada em *Mafeking* e das suas posições públicas sobre a juventude e educação, recebe pedidos para palestras e evocações públicas.<sup>66</sup> Alguma delas, em espaços escolares, tantas vezes alvo da sua crítica.

<sup>63</sup> Segundo Corpas (nd) Pearson era um milionário filantropo editor livreiro que em 1907 desafia o General a materializar algumas das ideias que possuía para a juventude. Para o efeito propõe-se a patrocinar e divulgar algumas das suas propostas. Segundo este autor terá sido o primeiro a quem o Fundador verbalizou a ideia original do Movimento Escutismo.

<sup>64</sup> Ernest Seton, foi um célebre naturalista autor do livro “The Birch-Bark Roll of the Woodcraft Indians” que influenciou o pensamento pedagógico do Fundador do escutismo. Manifestou algumas preocupações de natureza educativa, possuindo para o efeito um programa para jovens, de “especialidades técnicas” que haviam influenciado algumas das propostas que BP usou com o 5º Regimento de Dragões e posteriormente no escutismo (corpas, nd). Este escritor vai travar com BP uma batalha sobre a paternidade da fundação do escutismo.

Para mais detalhes sugerimos:

- MORRIS, Brian. “Ernest Thompson Seton and the Origins of the Woodcraft Movement”. *Journal of Contemporary History*, Vol. 5, No. 2. (1970), p. 183-194.  
Disponível em <http://links.jstor.org/sici?sici=0022-0094%281970%295%3A2%3C183%3AETSATO%3E2.0.CO%3B2-7> (acedido a 20/09/08).
- <http://www.scouting.milestones.btinternet.co.uk/>. (acedido a 10/09/08).

<sup>65</sup> “Sempre Alerta” em Português. As letras “BP” são universalmente conhecidas como as iniciais do nome pelo qual o Fundador é conhecido.

<sup>66</sup> Uma das mais ilustrativas tem que ver com o relato de um pedido de alguns jovens para a constituição de uma organização de promoção da saúde com o seu nome. É assim fundada a “Associação Baden-Powell de Saúde e Virilidade”, onde os jovens eram convidados a não fumar antes da

A pedagogia militar que até aí dominava a prática de algumas das associações juvenis da época, vai agora sendo gradualmente substituída por mensagens pacifistas assentes em pressuposto de cariz ético e moral. A formação de *bons cidadãos* preconizada pela proposta escutista, contrariava a ideia de *bons militares*, até aí em vigor.

O espaço escolhido para o “primeiro laboratório de experiências” escutista foi a ilha de Brownsea, uma “...pequena ilha do sul de Inglaterra – perto da cidade costeira de Poole, no Dorsetshire...inteiramente deserta... e vedada à curiosidade dos turistas...” (p.109)<sup>67</sup>. Com seis tendas cedidas pelo exército, mapas, cordas, bússolas, plantas topográficas e um cozinheiro profissional, acrescentou-lhe uma planificação rigorosa enriquecidos com todo o seu saber, experiências e a solidariedade do seu “fiel” amigo Major Mc Laren.

Nas palavras de BP (citado por Corpas), podemos entender o sentido e a dimensão colocados nesta empresa:

*Juntei vinte rapazes de distinta educação e posição social... misturei-os como ameixas num cesto para que convivessem juntos no acampamento. Queria ver em que medida a minha ideia interessaria às diferentes classes de rapazes... ensinámos campismo, cozinha, observação, dedução, trabalhos de pioneirismo com madeira, socorrismo, saúde, higiene e todo esse tipo de destrezas*

*O resultado obtido com estes rapazes, nesse curto período de tempo, mostrou-me as possibilidades que o treino oferecia aos rapazes. (p. 93,94)*

A experiência de *Brownsea* pelo impacto produzido, revelou a grande capacidade de organização, planeamento e reconhecimento social de BP, mas sobretudo, a evidência do sucesso da sua proposta educativa.<sup>68</sup> Este ensaio confere-lhe a

---

maioridade e a manterem-se jovens através da prática desportiva. Segundo Corpas (nd) estava lançada de alguma forma o apelo á Promessa. Um dos futuros elementos do Método.

Ainda sobre este tema, Jeal (2007,p. 364), relata-nos a existência de uma “liga antitabágica” constituída maioritariamente por jovens e que adoptou o nome de Baden-Powell (originalmente designada “Baden-Powell League of Health and Manliness”).

<sup>67</sup> MULLER, Adolfo (1975). *A Pista do Tesouro – Baden-Powell e o Escutismo*. Porto: Livraria Tavares Martins.

<sup>68</sup> Em Muñoz (1997, p.7), encontramos uma referência sobre o trabalho de pesquisa e investigação que BP terá feito junto de pedagogos e Dirigentes de organizações juvenis, fontes bibliográficas sobre educação de jovens em países como a Irlanda, Inglaterra, Japão e outros. Existe ainda uma referência sobre a inspiração que terá encontrado na obra e propostas de Seton. O autor relata ainda alguma censura e desvalor atribuída á obra por parte de alguns pedagogos e imprensa da época.

competência e entusiasmo para a redacção final da sua grande obra “*Scouting for Boys*”<sup>69</sup>. A partir deste momento estavam sistematizados os pressupostos teóricos do método e lançadas as bases para uma nova abordagem ao universo da educação não-escolar.

42

Sobre este período Nagy (1985) usa uma comparação que ilustra a importância do episódio de *Brownsea* no desenvolvimento do Escutismo:

One of the golden rules of modern marketing is to test the product on the market before launching, and this is exactly what the author of *Scouting for Boys* decided to do. He wanted to try out his “goods” and the reaction of his future “consumers” – in other words, on the boys themselves (p.54).

Uma vez testada, a proposta viria a tornar-se modelo de vida para muitos milhões de jovens e adultos.

---

Muñoz, Francisco. “Origen y Evolucion Histórica de la Pedagogia Scout”. In: Jornadas Andaluzas Universitárias de Pedagogia Scout, 1, Andaluzia, Scouts de Andaluzia – Publicaciones, 1997. Disponível em: <http://scoutndeandalucia.org/kanguro/documentacion/colaboraciones/escultismo.pdf> (acedido em 15/09/08).

<sup>69</sup> Segundo Reis (2007) “*Scouting for Boys*”, vendeu cerca de 110 mil exemplares. Estatisticamente estava revelada a importância que a obra viria a ter na dinamização do Movimento pelo mundo. Nagy sobre a importância desta obra, afirma: “...the book which was to change the life and destiny of millions of young men in His country as well as the rest of the world” (1985, p. 51). Apesar de algum cepticismo, humor e até alguma indiferença manifestada pela comunidade de pedagogos da época e alguns media.

### 3. A Obra depois do Criador

#### 3.1. O desenvolvimento posterior e o reconhecimento da comunidade

Apesar não ser intenção de Baden-Powell a fundação de um novo Movimento de jovens<sup>70</sup> (a sua ideia ia no sentido da integração da sua proposta num Movimento juvenil já existente), sentia-se que a obra, brevemente ganharia vida própria.

Após *Brownsea*, uma onda de entusiasmo percorre toda a Inglaterra, o Movimento Escutista germinou de um modo espontâneo e sem que alguém o anteviesse existiam em finais de 1908 (um ano após o mítico acampamento), cerca de sessenta mil jovens e adultos e o livro *Scouting for Boys* era best sellers e “was... translated into as many languages as the Bible...”(Nagy, 1985, p.61).

Nesta altura alguns acontecimentos precipitam e determinam a evolução do Escutismo enquanto Movimento. Primeiramente a relutância de BP em assumir o Escutismo como um Movimento autónomo de juventude, esbarrou na força e na vida que *o modelo de Brownsea* ganhou junto dos jovens. Em segundo lugar, com rapidez muitos adoptaram espontaneamente o esquema e com idêntico sucesso. A resistência colocada por muitos Dirigentes de outras associações de jovens em integrar a proposta de BP, associada ao sucesso que ela granjeava junto da comunidade juvenil, levaram-no a rever esta posição.

No entanto, um dos acontecimentos que determina a evolução do processo e faz efectivamente a diferença, tem que ver com a adesão e a aceitação do Escutismo enquanto proposta educativa por parte dos três grandes pilares da sociedade inglesa no séc. XX: a Igreja<sup>71</sup>, a Família e a Escola

Apesar do acolhimento inicial não ter sido imediato, as resistências foram caindo. Uma vez que foi percebido que a proposta escutista não tinha como fim a substituição do trabalho educativo que estes *pilares fundamentais* desenvolviam, mas sim constituir-se como um complemento e um recurso ao trabalho por si desenvolvido.

---

<sup>70</sup>É o próprio Fundador, que o diz a propósito do sucesso de *Brownsea*: “...comecei logo a trabalhar no livro...com a intenção de vir a ser útil às organizações de rapazes já existentes, como a Brigada de Rapazes, a Brigada de Moços da Igreja, os Y.M.C.A., e outros.” (BADEN-POWELL, 2007, p. 243). O facto de não ter abandonado desde logo a vida militar é revelador das suas pretensões.

<sup>71</sup> Esta instituição olhou com alguma reserva o facto de Baden-Powell ser protestante. Mas a massiva adesão dos jovens e a nobreza da mensagem educativa da proposta, alteraram o rumo dos acontecimentos.

Em Setembro de 1910 no Cristal Palace em Londres e de uma forma quase espontânea “...more than 10.000 boys responded...” ao apelo, “...it was clear to the most sceptical that nothing could stop the Scouting bulldozer. The “snowball” turned into an avalanche” (Nagy, 1985, p. 63).

Pressionado pelos acontecimentos e expectativas, mas sobretudo pelo entusiasmo colocado pelos jovens aderentes à sua proposta, o General Baden-Powell, assume a incompatibilidade da sua condição militar com a empresa que agora tinha em mãos.

Em 10 de Maio de 1909 abandona o Movimento. Nesta data estava constituído o “...1º Executive Committee of the Boy Scouts Association” e estavam nas suas fileiras, um pouco pelo Reino Unido 107, 986 boys and volunteer leaders.” (Nagy, 1985, p.64).

No momento em que eram dados os primeiros passos para a constituição de uma organização com a subsequente lógica territorial, é importante realçar a forma como o Escutismo se expande na sociedade inglesa. Favorecido pelo carácter informal das primeiras estruturas nacionais (representativas do Movimento), que sem vocação inspectiva e capacidade de exercer sobre estes novos grupos o controlo e supervisão sobre o seu aparecimento e funcionamento, iam criando as condições ideais para o surgimento espontâneo e rápido de novos grupos. Este contexto foi igualmente favorecido pelo carácter eclético da proveniência e experiências dos primeiros colaboradores de BP que, respeitando as linhas mestras definidas para a missão do Movimento, não deixavam de promover a criação de espaços de liberdade e heterogeneidade indutoras da expansão do Movimento (Warren, p.950).

Os tempos que se seguiram confirmaram a força expansiva do Movimento e com ela o surgimento de detractores. Alguns dissidentes descontentes com a orientação tomada, forçaram o aparecimento de grupos com designação “*Scout*” conotando-o com tendências que nunca vieram a vingar.<sup>72</sup> Os pacifistas notavam o seu “excessivo” belicismo, os militaristas assinalavam a ausência de uma cultura bélica. A própria Igreja Católica, na sua fase inicial de algum cepticismo, duvida do sentido espiritual e religioso que o Fundador imprimiu. Apesar de não ser vincadamente uma proposta confessional Baden-Powell sugeria que esta condição poderia atrair jovens de vários credos no sentido da construção de uma pedagogia de paz, humanista e universal.

<sup>72</sup> “The empire scouts”, “National Peace scouts”, ou ainda “British Boy Scouts” (Nagy, p.86).

Foi Pio XI que em 1925 assume a importância evangélica que este Movimento juvenil possui para a Igreja Católica e o adota. A Igreja Católica "... reconheceu as virtualidades do Escutismo para a formação integral da juventude, dentro da sua confessionalidade específica " (Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa, p.1).<sup>73</sup>

Este reconhecimento impulsiona extraordinariamente a sua expansão, mas não impede que, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial se verificasse um dos momentos mais tensos da sua curta vida. A educação para a paz desenvolvida na sua proposta, a par da expansão geográfica e demográfica alcançada, colocava o Escutismo numa situação de aparente fragilidade uma vez que iria colocar em lados opostos da barricada jovens escuteiros em contextos de grande tensão e debilidade social, económica e política.<sup>74</sup>

Segundo Nagy:

*...Scouts in large numbers rushed to serve their country...In all their varied tasks they performed efficiently and with devotion. They earned the gratitude of their country and did much to enhance the scouting image in the eyes of the public: One of the results was a large increase in membership (Nagy, p. 79)*

O próprio Baden-Powell sentia o receio. Conhecedor dos efeitos devastadores da guerra, ele temia que a precocidade do Movimento (sete anos de existência) fosse a causa da sua decadência. Mas o efeito contrário ocorre e "...they are eloquent proof of how the Movement grew during the world war. On the eve of war in 1914, there were 152, 333 Scouts and Scoutmasters in the United Kingdom. By autumn of 1918, the figure had risen to 193, 731." (Nagy, 1985, p.79).

Parecia ter sido superada a prova de sobrevivência e garantida com sucesso a testagem dos seus pressupostos pedagógicos.

---

<sup>73</sup> Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa. Centenário da Fundação do Escutismo. Disponível em: [www.patriarcado-lisboa.pt/vidacatolica/vcnum25/2\\_05\\_CEP\\_Nota\\_Past\\_Escutismo.doc](http://www.patriarcado-lisboa.pt/vidacatolica/vcnum25/2_05_CEP_Nota_Past_Escutismo.doc). Acedido em 19/09/08.

No âmbito das comemorações do Centenário do Escutismo, a Igreja católica Portuguesa, reconhece e afirma a importância pedagógica do Escutismo e sua importância na evangelização apostólica da juventude.

<sup>74</sup> O próprio Fundador disponibiliza os seus préstimos militares, que são prontamente rejeitados pelas estruturas militares que considera que a sua obra era nesta fase da sua vida prioritária. (Nagy, p. 77).

### 3.2. A universalidade, a geografia e a estatística escutista

Geograficamente as ideias de Baden-Powell rapidamente alcançaram outros territórios além do Império Britânico. Um pouco por toda a Europa, África e América Latina o Escutismo assume contornos de organizações.

Citando y. Hilaire, Vicente (2004) propõe alguns princípios que enformam este período:

*...para melhor compreender a aceitação do método em causa, que se considerem as diferenças de experiência e vivência que a juventude que subsistiu à I e II Guerras possuía em relação às que a haviam antecedido. As retaguardas dos conflitos criaram um novo lugar para as mulheres e para os jovens, gerando um novo padrão de existência. Neste quadro, impôs-se um espírito mais pragmático e menos livresco, pelo que várias organizações de juventude perfilharam o objectivo de matizar as diferenças de classes e géneros (apesar da experiência co-educativa não se ter tornado nas primeiras décadas do século uma realidade, aplicaram-se, de formas particulares, os mesmos princípios a rapazes e raparigas), de educar para a cidadania e, no caso das associações de cariz religioso, para a piedade. (p. 35)*

Longe de asfixiar o Movimento as duas grandes guerras alavancaram a sua expansão.

Segundo Navarro (1991), num ápice entre 1907 e 1914 foram cerca de 22 os países que adoptaram o Escutismo como proposta educativa para os seus jovens.

A expansão do Movimento veio-se a revelar imparável.

No sentido de obtermos uma visão mais aturada da dimensão assumida do ponto de vista geográfico pelo Escutismo nestes 100 anos de existência e tendo como base os dados oficiais inclusos no último censo obtidos pela *world organization of the scout movement* (WOSM)<sup>75</sup>, transcrevemos o quadro da evolução do Movimento e o número de associados nos 160 países reconhecidos internacionalmente e possuidores de organizações oficiais representativas dos cinco continentes e o mapa da sua distribuição por países e regiões escutistas.<sup>76</sup>

<sup>75</sup> <http://www.scout.org/en> (acedido em 16/09/08).

<sup>76</sup> Existem no entanto, 26 territórios onde o escutismo se encontra associado a outras organizações de juventude e 31 países onde as organizações locais ainda não integraram oficialmente a WOM, num total de 217 países e territórios

Ainda segundo a fonte citada, somente seis países estão identificados como não possuindo Escutismo. São eles, Andorra, People's Republic of China, Cuba, Democratic People's Republic of Korea, Lao People's, Democratic Republic, Myanmar. Por coincidência países com regimes políticos totalitários.

**Figura 1. Países, número de associados e ano de adesão oficial á WOSM e fundação do Movimento Escutista (acedido a 16/09/08)**

País	Associados	Adesão á WOSM	Ano de fundação do Escutismo
Albânia	1,000	2005	
Algeria	11,120	1963	1939
Angola	13,777	1998	
Argentina	46,264	1922	1912
Armenia	2,385	1997	1912
Australia	73,955	1953	1908
Austria	10,768	1922	1912
Azerbaijan	1,356	2000	1997
Bahamas	1,017	1974	1913
Bahrain	1,867	1970	1953
Bangladesh	896,118	1974	1972
Barbados	2,738	1969	1912
Belgium	88,307	1922	1911
Belize	2,376	1987	1911
Benin	6,350	1964	1932
Bhutan	16,738	1999	1991
Bolivia	7,829	1950	1915
Bosnia and Herzegovina	1,901	1999	
Botswana	4,660	1958	1936
Brazil	59,057	1922	1910
Brunei Darussalam	1,886	1981	1933
Bulgaria	2,711	1999	1911-13
Burkina Faso	10,165	1972	1943
Burundi	6,661	1979	1940
Cambodia			2008
Cameroon			
Canada	146,250	1946	1909
Cape Verde	733	2002	
Chad	8,132	1974	1960
Chile	35,189	1922-71, 1974	1909
China, Scouts of	57,039	1937	1912
Colombia	14,045	1933	1917
Comoros	1,725	1990	1975
Congo, The Democratic Republic of The	71,486	1963	1924
Costa Rica	5,050	1925	1915
Côte-d'Ivoire	6,436	1972	1937
Croatia	4,825	1993	1915
Cyprus	4,478	1961	1913
Czech Republic	23,088	1996	1911
Denmark	44,591	1922	1909
Dominica	1,100	1990	1929
Dominican Republic	8,899	1930	1926
Ecuador	4,132	1922	1920
Egypt	74,598	1922	1918
El Salvador	3,970	1940	1938
Estonia	1,209	1996	1912
Ethiopia	1,827	2002	1950
Fiji	2,825	1971	1914

<b>Finland</b>	31,735	1922	1910
<b>France</b>	67,383	1922	1910
<b>Gabon</b>	3,809	1971	1936
<b>Gambia</b>	18,448	1984	1921
<b>Georgia</b>	1,240	1997	1994
<b>Germany</b>	123,686	1950	1910
<b>Ghana</b>	2,311	1960	1912
<b>Greece</b>	17,658	1922	1910
<b>Grenada</b>	1,665	1979	1924
<b>Guatemala</b>	11,272	1930	1928
<b>Guinea C</b>		2005	
<b>Guyana</b>	424	1967	1909
<b>Haiti</b>	9,859	1932	1932
<b>Honduras</b>	3,031	1957	1952
<b>Hong Kong</b>	99,591	1977	1911
<b>Hungary</b>	6,236	1990	1912
<b>Iceland</b>	1,526	1924	1912
<b>India</b>	2,423,686	1938	1909
<b>Indonesia</b>	8,103,835	1953	1912
<b>Ireland</b>	36,185	1949	1908
<b>Israel</b>	21,920	1951	1920
<b>Italy</b>	100,689	1922	1912
<b>Jamaica</b>	3,181	1963	1910
<b>Japan</b>	195,370	1922	1913
<b>Jordan</b>	15,538	1955	1954
<b>Kazakhstan</b>	1,640	2008	1992
<b>Kenya</b>	262,146	1964	1910
<b>Kiribati</b>	1,333	1993	
<b>Korea, Republic of</b>	214,363	1953	1922
<b>Kuwait</b>	6,061	1955	1952
<b>Latvia</b>	544	1993	1917
<b>Lebanon</b>	14,334	1947	1912
<b>Lesotho</b>	371	1971	1936
<b>Liberia</b>	2,418	1965	1922
<b>Libyan Arab Jamahiriya</b>	13,698	1958	1954
<b>Liechtenstein</b>	689	1933	1931
<b>Lithuania</b>	2,107	1924-40, 1997	1918
<b>Luxembourg</b>	5,092	1922	1914
<b>Macedonia, The former Yugoslav Republic of</b>	1,988	1997	1921
<b>Madagascar</b>	9,473	1960	1921
<b>Malawi</b>	4,000	2005	
<b>Malaysia</b>	73,494	1957	1911
<b>Maldives</b>	4,518	1990	1963
<b>Malta</b>	2,531	1966	1908
<b>Mauritania</b>	3,790	1983	1946
<b>Mauritius</b>	3,022	1971	1912
<b>Mexico</b>	28,963	1926	1920
<b>Moldova, Republic of</b>	1,540	1997	1991
<b>Monaco</b>	61	1990	
<b>Mongolia</b>	8,264	1994	1992
<b>Montenegro</b>			2008
<b>Morocco</b>	12,304	1961	1933
<b>Mozambique</b>	28,993	1999	1960
<b>Namibia</b>	2,172	1990	1917
<b>Nepal</b>	15,621	1969	1952
<b>Netherlands</b>	59,500	1922	1910
<b>New Zealand</b>	19,751	1953	1908
<b>Nicaragua</b>	1,541	1948	1937

<b>Niger</b>	3,113	1996	1947
<b>Nigeria</b>	46,701	1961	1915
<b>Norway</b>	18,818	1922	1911
<b>Oman</b>	9,078	1977	1948
<b>Pakistan</b>	526,403	1948	1947
<b>Palestinian Authority</b>	20,017	1996	1912
<b>Panama</b>	1,868	1924-36, 1950	1924
<b>Papua New Guinea</b>	5,515	1976	1926
<b>Paraguay</b>	1,075	1962	1960
<b>Peru</b>	9,147	1922	1916
<b>Philip.ines</b>	1,872,525	1946	1923
<b>Poland</b>	61,394	1922-50, 1996	1919
<b>Portugal</b>	73,181	1922	1913
<b>Qatar</b>	3,518	1965	1956
<b>Romania</b>	4,930	1993	1914
<b>Russian Federation</b>	14,130	2000	1909
<b>Rwanda</b>	18,884	1975	1940
<b>San Marino</b>	173	1990	1973
<b>Saudi Arabia</b>	19,269	1963	1961
<b>Senegal</b>	26,373	1963	1930
<b>Seychelles</b>	609	2002	
<b>Sierra Leone</b>	7,902	1964	1909
<b>Singapore</b>	9,965	1966	1910
<b>Slovakia</b>	4,268	1997	1913
<b>Slovenia</b>	4,525	1994	1915
<b>South Africa</b>	11,634	1937	1908
<b>Spain</b>	65,088	1922	1912
<b>Sri Lanka</b>	27,264	1953	1912
<b>Saint Lucia</b>	393	1993	1935
<b>Saint Vincent and The Grenadines</b>	549	1990	1924
<b>Serbia</b>	5,899	1995	1911
<b>Sudan</b>	13,550	1956	1935
<b>Suriname</b>	2,601	1968	1924
<b>Swaziland</b>	4,994	1968	1928
<b>Sweden</b>	59,035	1922	1911
<b>Switzerland</b>	25,946	1922	1912
<b>Syria</b>			2008
<b>Tajikistan</b>	1,968	1997	1991
<b>Tanzania, United Republic of</b>	91,057	1963	1929
<b>Thailand</b>	1,360,869	1922	1911
<b>Togo</b>	7,326	1977	1920
<b>Trinidad &amp; Tobago</b>	4,176	1963	1911
<b>Tunisia</b>	19,236	1957	1934
<b>Turkey</b>	13,964	1950	1923
<b>Uganda</b>	92,946	1964	1915
<b>Ukraine</b>			2008
<b>United Arab Emirates</b>	5,824	1977	1972
<b>United Kingdom</b>	444,271	1922	1907
<b>United States</b>	5,970,203	1922	1909
<b>Uruguay</b>	3,003	1950	1946
<b>Venezuela</b>	16,221	1937	1913
<b>Yemen</b>	6,481	1980	1954
<b>Zambia</b>	7,396	1965	1930
<b>Zimbabwe</b>	2,389	1980	1909

**NOTA:** De referir que esta listagem já contempla as mais recentes entradas – Associação Nacional dos Escuteiros de Cambodja, Montenegro e Síria, ocorridas em Julho de 2008.

**Figura 2. Países e territórios agrupados por região escutista onde o escutismo se encontra implantado**



O cenário representado por estes dois documentos traduz ainda a existência de 28 milhões de escuteiros (crianças e jovens adultos, de ambos os sexos) e ilustra de uma forma evidente o crescimento exponencial do Escutismo entre o ano da sua fundação - 1907 e o presente - 2009.

A estimativa inclusa no site oficial<sup>77</sup> do Movimento Escutista aponta para cerca de 500 milhões de jovens que ao longo deste período (1907 – 2007) tiveram alguma ligação com o Movimento.

A expressão estatística do seu efectivo traduz igualmente a importância do seu potencial educativo.

<sup>77</sup> [www.scout.org](http://www.scout.org) (acedido a 23/11/08)

A mesma informação é reiterada por Jeal no primeiro parágrafo da já citada obra - JEAL, Tim (2001). *Baden-Powell – Founder of the Boy Scouts*. USA, Yale University Press Publications. (Edição original em 1989). Nela o autor afirma a existência em 2001, da presença de cerca de 550 milhões de escuteiros que ao longo dos 100 anos do Movimento tiveram uma passagem pelo Movimento.

É ainda possível intuir da sua contemporaneidade e grau de implantação geográfica, social e cultural, (independentemente da raça, religião ou nível socioeconómico), tendo em conta sobretudo a diversidade e heterogeneidade dos territórios assinalados.

Segundo Nagy a palavra “scout” was by now a magic word, deeply enshrined in the consciousness of young people” (p. 66)

### 3.3.Organização Mundial do Movimento

Neste momento da vida do Fundador, a consolidação e autonomização do Movimento Escutista era a prioridade. Obtido o reconhecimento, constituída uma equipa de colaboradores de confiança e garantida a expansão do Escutismo era altura de garantir uma “máquina” que suportasse toda a dinâmica de desenvolvimento criada.

Navarro, citando BP, ilustra esta necessidade ao dizer:

El escultismo siempre há sido, es y será, ante todo uma idea generosa y no una organizacion; un método de educacion extraescolar, transformado en movimiento que, bajo la necesidad imperiosa de conservar su propia identidad, tambien se há convertido en organizacion (Navarro, citando Baden Powell, p. 137).

É na concretização deste esforço que a organização mundial do Escutismo ganha forma e em 1920 com o sentido de celebrar a paz, BP convoca um encontro internacional que se denomina de *Jamboree*<sup>78</sup>. Dele surgirá a Conferência *Scout* Internacional que em 1922 na cidade de Paris na sua segunda edição, faz aprovar a sua constituição e com ela a sistematização do Movimento *Scout* Internacional.

Na sua evolução, em 1973, é adoptada a designação de Organização Mundial do Movimento *Scout* (OMMS), cuja sede se situa em Genebra. São os seus órgãos, a Conferência *Scout* Mundial (reúne todas as associações nacionais reconhecidas pela OMMS), Comité *Scout* Mundial e a Oficina *Scout* Mundial.

---

<sup>78</sup> Expressão que denomina encontro mundial de jovens e adultos cujas edições se reproduziram nestes 100 anos de existência.

Existem mais cinco organizações Escutistas regionais com estruturas e órgãos análogos cujos serviços estão radicados: Região Africana (Quênia), Mundo Árabe (Egipto), Região Ásia-pacífico (Filipinas), Região Europeia (Suíça), Região Interamericana (Chile) Região Euroásia (Ucrânia e Federação Russa).

### **3.4. Constituição e definição de um Movimento Mundial**

No sentido da constituição da sua identidade, transcrevemos da OMMS, aquilo que em Julho de 1922 em Paris a Conferência *Scout* Internacional definiu como a sendo Constituição do Escutismo<sup>79</sup>. Dela destacamos particularmente os artigos I, II e III que sintetizam a sua identidade e que ainda hoje vigoram e norteiam a sua prática:

## **Capítulo I O MOVIMENTO ESCUTISTA**

### **ARTIGO I**

#### **Definição**

1. O Movimento Escutista é um Movimento educativo para os jovens, baseado no voluntariado; é um Movimento de carácter não político, aberto a todos sem distinção de origem, de raça ou de credo, em conformidade com as finalidades, princípios e método tal como concebidos pelo Fundador e abaixo formulados.

#### **Finalidade**

2. O Movimento Escutista tem por finalidade contribuir para o desenvolvimento dos jovens ajudando-os a realizarem-se plenamente no que respeita às suas possibilidades físicas, intelectuais, sociais e espirituais, quer como pessoas, quer como cidadãos responsáveis e quer, ainda, como membros das comunidades locais, nacionais e internacionais.

### **ARTIGO II**

#### **Princípios**

1. O Movimento Escutista baseia-se nos Princípios seguintes:

- **Dever para com Deus.**
- **Dever para com os outros.**

---

<sup>79</sup> Constituição, Regulamento Adicional e outros Documentos da Organização Mundial do Movimento Escutista, capítulo I, Julho de 1922.

- Dever para consigo mesmo.

### **Adesão a uma Promessa e uma Lei**

2. Todos os membros do Movimento Escutista devem aderir a uma Promessa e uma Lei que reflectam, em linguagem apropriada à cultura e à civilização de cada Organização Escutista Nacional, o Dever para com Deus, o Dever para com os outros e o Dever para consigo mesmo, e inspiradas na Promessa e na Lei concebidas pelo Fundador do Movimento Escutista nos termos seguintes:

#### **A Promessa Escutista**

Pela minha honra, prometo fazer todo o possível por:

- Cumprir o meu dever para com Deus e o Rei (ou Deus e o meu país);
- Auxiliar o meu próximo em todas as circunstâncias.
- Obedecer à Lei do Escuta.

#### **A Lei do Escuta**

1. A honra do Escuta merece confiança.
2. O Escuta é leal.
3. O Escuta tem o dever de ser útil e de ajudar o seu próximo.
4. O Escuta é amigo de todos e um irmão para todos os outros Escutas.
5. O Escuta é cortês.
6. O Escuta é amigo dos animais.
7. O Escuta obedece sem discussão aos seus pais, ao seu guia de patrulha e ao seu chefe.
8. O Escuta sorri e assobia nas dificuldades.
9. O Escuta é económico.
10. O Escuta é puro nos pensamentos, palavras e acções.

### **ARTIGO III**

#### **Método**

O Método Escutista é um sistema de auto-educação progressiva, baseado em:

- Uma Promessa e uma Lei.
- Uma educação pela acção.
- Uma vida em pequenos grupos (por exemplo a patrulha), envolvendo, com o auxílio e o conselho de adultos, a descoberta e a aceitação progressiva de responsabilidades pelos jovens e uma preparação para a autonomia com vista ao desenvolvimento do carácter, à aquisição de competências, à confiança em si, ao serviço dos outros e à capacidade quer de cooperar, quer de dirigir.
- Programas de actividades variados, progressivos e estimulantes, baseados nos interesses dos participantes, incluindo jogos, técnicas úteis, e a realização de serviços à comunidade; estas actividades desenrolar-se-ão, principalmente, ao ar livre, em contacto com a natureza.

(Constituição Mundial do Movimento Escutista, 1922)

### 3.5. A introdução do Escutismo em Portugal

A história do Escutismo em Portugal começa a ser narrada em 1911 no território de Macau pela “mão” de Álvaro de Melo Machado<sup>80</sup> que ocupava na Armada Portuguesa o lugar de 2º Tenente.

Sobre este período Ana Vicente (2004) relata:

*O contacto e documentação acerca do método escutista tinha ocorrido através de um professor que então lhe ministrava aulas de conversação básica em inglês, Mr. Nightingale. Decidiu pô-lo em prática na Primavera de 1911, com a ajuda desse mesmo docente, de Miss Campbell (filha de um comissário das alfândegas de Hong Kong) e de um tenente de infantaria português, Ernesto Torre do Vale. As patrulhas femininas e masculinas formadas foram anexadas ao Corpo de Voluntários de Macau, e efectuaram actividades por vários meses, até à saída de Melo Machado do território. (p.36)*

Infelizmente a experiência nasce e desaparece com o seu promotor. Será recuperada anos mais tarde por um conjunto de docentes que no território lhe dão continuidade e que posteriormente e tendo como referência o sítio oficial da associação,<sup>81</sup> darão lugar em 6 de Setembro de 1913 à Associação de Escuteiros de Portugal. Assumidamente não confessional, a associação irá ver nascer, sob o vaticínio da Igreja Católica, uma organização escutista que interferirá com a sua dinâmica de crescimento. Esta associação - Corpo Nacional de Escutas - preencherá do ponto de vista da sua capacidade de mobilização e captação de públicos, um espaço considerável que a colocará na liderança das associações juvenis em Portugal. Segundo os dados oficiais disponibilizados na sua página oficial, o Corpo Nacional de Escutas<sup>82</sup> tem o seu início em 1923, em Braga, no mês de Maio. Foram seus Fundadores o Arcebispo D. Manuel Vieira de Matos e Dr. Avelino Gonçalves, que ao terem presenciado um desfile de 20.000 escutas por ocasião do Congresso Eucarístico Internacional que esse ano se realizou em Roma, resolveram adoptá-lo no território nacional.

<sup>80</sup> Governador do território de Macau, nomeado em 17 de Dezembro de 1910

<sup>81</sup> <http://www.escoteiros.pt/> (acedido em 13/11/08).

Nascida sob a vigência de um estado assumidamente católico a associação sobreviveu com grandes dificuldades, sendo inclusivamente alvo de perseguições e pressões. Pretendia-se desta forma a afirmação da Mocidade Portuguesa (Movimento juventude instrumental do regime)

Actualmente a AEP tem nas suas fileiras cerca de 9000 distribuídos por 130 Grupos.

A questão da laicidade da associação, marcará durante a sua vigência a sua pouca expressão estatística.

<sup>82</sup> <http://www.cne-escutismo.pt/> (acedido em 13/11/08).

Com estatutos aprovados em 27 de Maio de 1927 foram formalmente criados o *Corpo de Scouts Católicos Portugueses* (C.S.C.P.).

Com alguma relevância no Escutismo, em Portugal encontra-se a Associação de Guias de Portugal (A.G.P.). Esta organização surge em 1910 da necessidade da criação de um espaço escutista para o sexo feminino. Olave Baden-Powell, impulsionará o seu desenvolvimento. Em Portugal o Movimento Guidista surge em 1931 “...devido ao entusiasmo de antigas guias inglesas residentes em Portugal que, nos anos 20, formam as primeiras Companhias. Estas Companhias estão associadas a colégios ingleses e dependem directamente da Associação Mundial.”<sup>83</sup>

São reconhecidas ainda em Portugal como organizações escutistas, seis instituições: a Associação dos Escoteiros de Portugal (AEP), o Corpo Nacional de Escutas (CNE), a Associação Guias de Portugal (AGP), a Associação das Guias e Escuteiros da Europa-Portugal (AGEEP), o Clube de Desbravadores (CD) e os *Royal Rangers-Portugal* (RR).

A sua existência tem no território nacional diferentes expressões, as três primeiras são ratificadas pelas organizações internacionais reguladoras do Escutismo, a seguinte reclama-se independente sendo que as duas restantes apenas afirmam inspiração ou afinidade com o método criado por Robert Baden-Powell. Constata-se que a AEP, CNE e AGP foram as instituições matriciais do Escutismo em Portugal (Vicente, 2004).

### **3.6. Corpo Nacional de Escutas – Escutismo Católico Português**

#### **3.6.1. Números num Movimento**

Sendo o CNE a associação mais representativa do Escutismo em Portugal, será por esse facto alvo de uma particular caracterização nesta investigação. Nesse sentido e com base nas iniciativas de caracterização sóciodemográfica da associação, levadas a cabo pela estrutura directiva do Corpo Nacional de Escutas, no quadro das comemorações do Centenário do Movimento Escutista (realizadas no ano de 2007),

---

<sup>83</sup> <http://www.guiandeportugal.org/index.html> (acedido em 13/11/08).

transcrevemos aqui alguns dos quadros mais representativos e reveladores da sua dimensão no território nacional.<sup>84</sup>

### 3.6.2. Evolução global dos Associados e Agrupamentos

Desde a sua fundação, o CNE tem tido uma evolução significativa do seu efectivo, verificando-se no início deste século a tendência de uma estabilização (acompanhando naturalmente o decréscimo e envelhecimento da população portuguesa). A mesma evolução tem-se verificado, sobretudo no último ano, no número de Agrupamentos activos.

Nos dados apurados é ainda possível aferir do tempo de permanência no Movimento dos associados não Dirigentes. Segundo estes, em 1996 a permanência média era de 5,2 anos que em 2006 baixou para os 3,9 anos.

A média de anos de permanência na secção para as três unidades mais novas (Lobitos, Exploradores e Pioneiros), nos últimos anos, é inferior aos 2 anos.

Relativamente ao tempo de permanência na IV secção (Caminheiros) tem-se verificado um decréscimo mais acentuado que nas restantes.

Entre 1990 e 2006, constata-se um aumento do número de adultos Dirigentes, os pioneiros e lobitos mantiveram o mesmo peso, tendo os caminheiros e exploradores descido. No que respeita à distribuição entre os dois sexos, houve um aumento médio de 3% em todas as secções para o sexo feminino, sendo os menores aumentos nos caminheiros e lobitos. Nas quatro secções, o peso do efectivo feminino aumentou enquanto o do masculino diminuiu. Os rapazes continuam maioritários face ao número de raparigas, muito embora a tendência seja a inversa, nomeadamente na última década.

A título ilustrativo tendo como referência o cenário que nos é dado pelas associações nacionais inscritas no Registo Nacional das Associações Juvenis Portuguesas (RNAJ<sup>85</sup>), assim como o número de associados com menos de 30 anos,

---

<sup>84</sup> Para este trabalho usamos como referência a publicação: Corpo Nacional de Escutas. (2007, Novembro). *CNE em Números Evolução estatística do CNE de 1990 a 2006 e Implantação do efectivo não dirigente em 2001*.

Acedido em 12/11/08 de [www.cne-escutismo.pt](http://www.cne-escutismo.pt)

<sup>85</sup> O Registo Nacional das Associações Juvenis é da responsabilidade do Instituto Português da Juventude.

verificámos que o Movimento Escutista se destaca e se afirma como a maior associação juvenil do país, segundo o Diário da República nº 53 de 2004/03/03.<sup>86</sup>

Na análise aos quadros abaixo apresentados e tendo em conta a distribuição geográfica, por concelho, dos Agrupamentos e dos escuteiros a eles associados, observámos que a sua disposição acompanha a da população portuguesa. Existe por este facto uma maior preponderância das zonas litorais, e com especial destaque para a região norte.

As regiões de Braga, Lisboa e Porto são as que têm um maior número de Agrupamentos, ultrapassando cada uma, nos últimos anos, a centena e representando no seu conjunto cerca de metade dos Agrupamentos do país.

O mesmo fenómeno sucede nos territórios insulares, com particular destaque para os Açores, onde o Movimento assume uma relevância estatística, conotando-se como o Movimento juvenil referência, quase num plano de exclusividade.

O Movimento Escutista parece ser assim um fenómeno de grande implantação urbana, contrariando a sua matriz inicial que coloca a Natureza como espaço primordial para o desenvolvimento das actividades escutistas.

No universo de dados apurados, destaque para o rácio do número de crianças e jovens por dirigente que foi decrescendo ao longo das últimas décadas. Isto deveu-se ao aumento do número de Dirigentes mas também ao ligeiro decréscimo do número de jovens (tendência acompanhada pela evolução demográfica portuguesa). Cruzada com a redução do tempo médio de permanência dos jovens no Movimento que hoje é inferior a quatro anos (recordamos que, anteriormente, esta se situava entre os cinco e seis anos), suscita algumas reflexões.

Esta tendência, uma vez sinalizada, deverá ser monitorizada pois a sua eventual consolidação poderá significar a perda de (identidade) protagonismo juvenil do grupo padrão dos seus associados.

Sobre esta questão estruturante, Rui Leandro Lima (2007)<sup>87</sup> afirma:

---

<sup>86</sup> *Apud*, *Ibid.*, 2007, p. 40

Esta informação tem como universo cerca de 30 organizações e Movimentos de juventude no todo nacional. Ex: Juventude Operária Católica, Movimento de Juventude Nova, Juventude Operária Católica, Associação de Jovens Agricultores, etc.

<sup>87</sup> MAIA, Rui Leandro, (2007). *Discípulos de Baden-Powell Sociologia das Representações e das expectativas do Escutismo em Portugal*. Lisboa: CNE.

Relatório preparado no âmbito das comemorações do Centenário do Movimento, Lisboa, Corpo Nacional de Escutas.

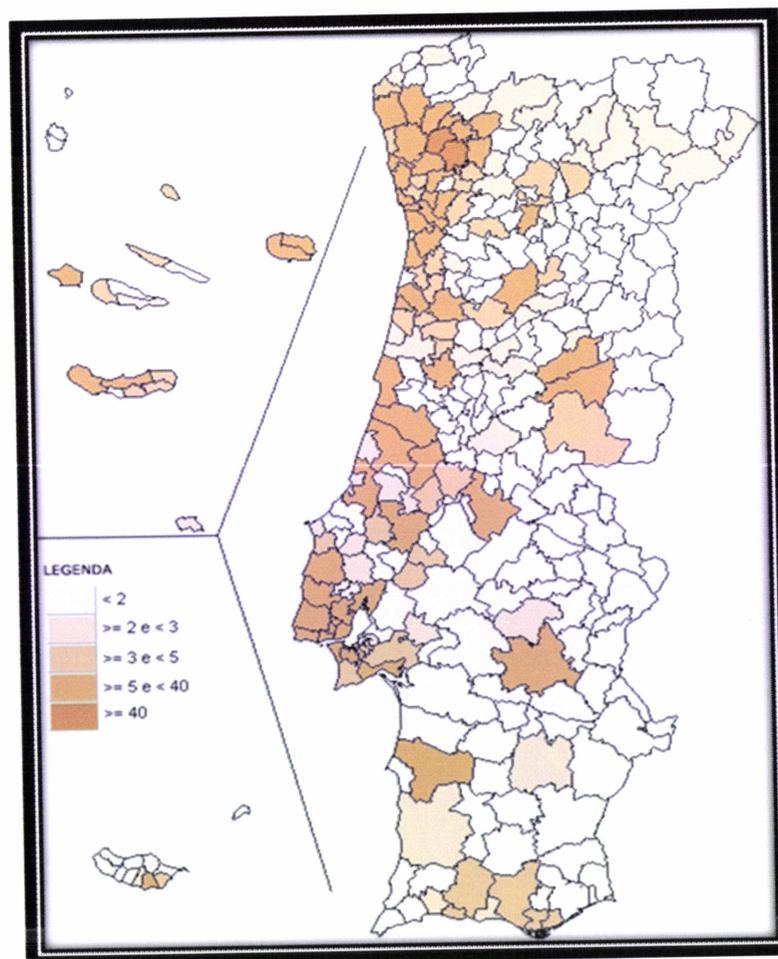
Rui Leandro Maia é Professor associado da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Fernando Pessoa e investigador do Centro de Estudos Culturais, da Linguagem e do Comportamento.

O notório envelhecimento da estrutura poderá não constituir um problema e ser mesmo uma oportunidade. Mas importa saber, para os que permanecem, que perfis apresentam, e o que podem fazer pelo Movimento, quais as suas qualidades de liderança e de motivação, para que buscando-se o equilíbrio, se consiga contrariar a tendência de quem, nos últimos tempos, tem abandonado o Movimento.

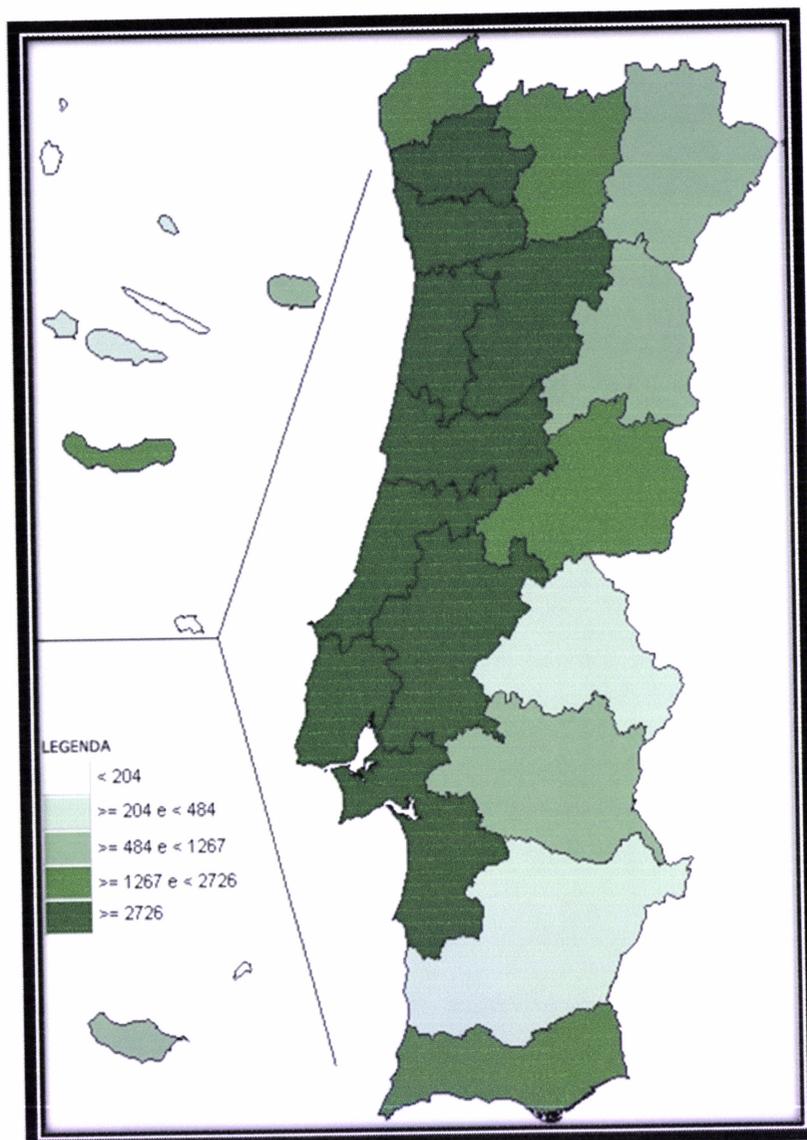
A dinâmica do Escutismo, em termos de inversão da tendência estrutural que se vem descrevendo vai jogar-se no futuro quase que exclusivo através dos lobitos, ou seja da capacidade que o Movimento tiver em rejuvenescer a partir da base e de ganhar de novo, a configuração lógica de prevalência de crianças e de jovens que o identifica e não a de acentuação do processo de envelhecimento que, de certa forma, o "modifica. (p. 40)

A perspectiva apresentada pelo autor é desafiante para o Movimento e pode redimensionar as suas possibilidades de expansão.

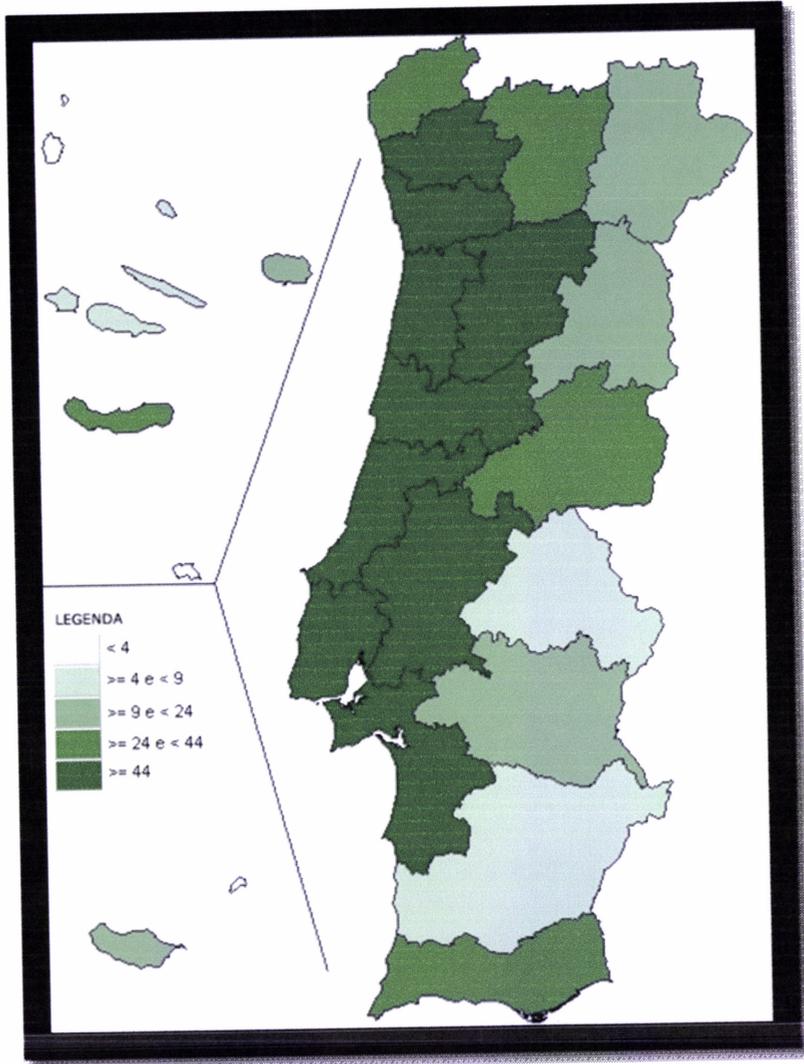
**Mapa 1 - Número de Agrupamentos por concelho em 2006**



Mapa 2 - Número de escuteiros por distrito em 2006



**Mapa 3 - Número de Agrupamentos por distrito em 2006**



### 3.6.3. Organização Territorial e Pedagógica

O Corpo Nacional de Escutas está organizado em 21 Regiões, coincidentes com as Dioceses existentes em Portugal, são elas:<sup>88</sup>

Açores	Leiria	Algarve	Lisboa
Aveiro	Madeira	Beja	Portalegre e Castelo Branco
Braga	Porto	Bragança	Coimbra
Guarda	Lamego	Évora	Setúbal
Santarém	Vila Real	Viseu	Viana do Castelo
Macau			

Nas Regiões onde se verifique a presença de um elevado número de Agrupamentos, ou onde a sua distribuição geográfica tenha características especiais, podem os Agrupamentos de uma determinada área territorial organizar-se em Núcleos. Existem Núcleos nas Regiões dos Açores, Braga, Coimbra, Lisboa e Porto.

Cada Agrupamento exerce a sua acção, em princípio, na área de uma Paróquia.

Pedagogicamente o Corpo Nacional de Escutas – Escutismo Católico Português, está organizado por faixas etárias em quatro secções, com terminologias próprias. Por cada secção, as crianças e jovens organizam-se em pequenos grupos designado por Bandos, Patrulhas, Equipa e Equipe, tendo cada elemento uma função singular.

#### I Secção:

- Os elementos são denominados Lobitos;
- os Lobitos estão divididos em Bandos de cinco a sete elementos;
- denomina-se Alcateia, a Unidade formada pelos Bandos de Lobitos;
- cada Alcateia tem de dois a cinco Bandos;

<sup>88</sup> <http://www.cne-escutismo.pt> (acedido a 14/11/08).

- cada um dos Bandos designa-se e distingue-se por uma das seguintes cores, escolhida pelos respectivos Lobitos e que figura no distintivo de cada Lobito e na bandeirola de Bando: branco, cinzento, preto, castanho e ruivo;
- o patrono da I Secção é São Francisco de Assis;
- a cor representativa desta secção é o Amarelo.

## **II Secção:**

- Os elementos são denominados Exploradores;
- os Exploradores estão divididos em Patrulhas de quatro a oito elementos;
- denomina-se Grupo Explorador a Unidade formada pelas Patrulhas de Exploradores;
- cada Grupo tem de duas a cinco Patrulhas;
- cada Patrulha designa-se pelo nome de um animal, o Totem, cuja silhueta figura na bandeirola da Patrulha e cujas cores do distintivo distinguem os seus membros;
- o patrono da II Secção é São Jorge;
- a cor representativa desta secção é o Verde.

## **III Secção:**

- Os elementos são denominados Pioneiros;
- os Pioneiros estão divididos em Equipas de 4 a 8 elementos;
- denomina-se Grupo Pioneiro a Unidade formada pelas Equipas de Pioneiros;
- cada Grupo tem de duas a cinco Equipas;
- cada Equipa designa-se por um nome de um animal, o Totem, ou um Santo da Igreja, ou um Benemérito da Humanidade ou um Herói Nacional, cuja silhueta figura na bandeirola e no distintivo da Equipa;
- o patrono da III Secção é São João de Brito;
- a cor representativa desta secção é o Azul.

## **IV Secção:**

- Os elementos são denominados Caminheiros;
- os Caminheiros estão divididos em Equipas de cinco a oito elementos;
- denomina-se Clã a Unidade formada pelas Equipas de Caminheiros;

- cada Clã tem de duas a cinco Equipas;
- cada Equipa escolhe para Patrono um Santo da Igreja, Benemérito da Humanidade ou Herói Nacional, cuja vida os Caminheiros devem conhecer e tomar como modelo de acção;
- o patrono da IV Secção é São Paulo;
- a cor representativa desta secção é o Vermelho;<sup>89</sup>.

#### 3.6.4. Realidade do Distrito de Évora

Os números de associados na região de Évora no ano de 2006, distribuem-se por um total de 1491 indivíduos sendo que destes, 356 correspondem a Lobitos, 404 a Exploradores, 299 a Pioneiros, 176 a Caminheiros e 256 a Dirigentes.

O equilíbrio é a nota dominante, verificando-se a homogeneidade do número de Dirigentes, quando comparado com as restantes.

Entre o ano de 1990 e 2006 o efectivo da região, quase que duplicou, passando de 798 elementos para 1491, registando um aumento de 87%.

No que diz respeito ao número de Agrupamentos, estes distribuem-se em número de vinte, por catorze concelhos e cinco freguesias.

---

<sup>89</sup> <http://www.cne-escutismo.pt/Institucional/CNE/Organização/OrganizaçãoPedagógica/tabid/313/Default.aspx> (acedido a 13/11/08).

#### 4. Método Escutista e a sua dimensão pedagógica

Apesar de inicialmente não ter contemplado o Escutismo com esta dimensão, Baden-Powell através da sua intuição educativa<sup>90</sup>, desenvolveu uma proposta de educação de jovens que rapidamente se constituiu para muitos uma forma de estar e de intervir no mundo. Esta proposta integra uma intencionalidade e um caminho a que se denominou Método Escutista.

Convicto de que a educação "...não consiste em introduzir no cérebro da criança uma certa dose de conhecimentos, mas sim em despertar-lhe o desejo de os conhecer e indicar-lhe o método para os adquirir", o Fundador sugere um caminho de "...auto educação voluntária em que a juventude colocaria toda a sua energia e todo o seu entusiasmo" (p. 18)<sup>91</sup>.

Nas diferenças que distinguem o Escutismo do resto das associações juvenis temos a existência de um Método a partir do qual se sistematizam e alcançam os seus objectivos educativos. Se contemplarmos o sentido da palavra Método<sup>92</sup> como sendo um processo estruturado e sistemático, necessário para se conseguir um determinado fim, é possível nela encontrarmos alguns dos princípios que norteiam a prática educativa no Escutismo. Partindo do princípio de que se trata de um instrumento e nunca de uma finalidade, a sua função consiste em orientar a função educativa, usando para o efeito sete grandes elementos<sup>93</sup>:

##### 1. A lei do escuteiro e a sua promessa:

- 1.1. A lei é para um escuteiro uma norma de vida através da qual é experienciada uma via consistente e prática para que estes entendam os valores que o Escutismo propõe. Através dela é oferecido um leque diversificado de possibilidades de educação para os valores. O sentido da

---

<sup>90</sup> Em "Baden-Powell e o Projecto Educativo do Escutismo", José Palhares designa-o como "...um homem sem pensamento educacional" (p.1).

[http://site2.caleidoscopio.online.pt/index.php?option=com\\_content&task=view&id=386&Itemid=48](http://site2.caleidoscopio.online.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=386&Itemid=48) (acedido a 13/11/09).

<sup>91</sup> BADEM-POWELL, Robert (2002). *A educação pelo Amor Substituindo a Educação pelo Temor*. Lisboa: CNE.

<sup>92</sup> <http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=método> (acedido a 13/11/09).

<sup>93</sup> Comparados e referenciados na linguagem escutista com as "7 maravilhas".

promessa é alcançado na sua dimensão de comprometimento pessoal para com a observância e aplicação da lei. A lei e promessa são encaradas como um todo.

## **2. Aprender fazendo:**

- 2.1. Através de actividades com conteúdo pedagógico Baden-Powell propõe “...que as crianças aprendam...sem se aperceberem...especialmente que cultivem um notável sentido de precisão e ordem<sup>94</sup>.” Pela prática e formação técnica administrada o jovem adquire competências que lhe permitem interagir com a comunidade e com o meio onde se insere e com isso desenvolver-se através das oportunidades e buscas de interesses e experiências. Traduz a visão prática da educação que o Escutismo propõe.

## **3. Sistema de patrulhas:**

- 3.1. É considerado o espaço gerador da prática efectiva de Escutismo. É uma estrutura organizacional constituída por pequenos grupos, entre os seis a oito elementos onde cada um se organiza de modo a explanar as suas capacidades, partilhando responsabilidades, decidindo sobre projectos, projectando-os, implementando-os e avaliando-os, com o papel facilitador do adulto. É igualmente o espaço onde se desenvolvem capacidades pessoais e colectivas, relações, que podem estimular o sentido de pertença participação na comunidade, práticas democráticas de auto-governo.

## **4. Sistema de progresso pessoal:**

- 4.1. Significa um caminho de progressão caracterizado por desafios auto-propostos. É um itinerário educativo que proporciona estímulos para aquisição de competências e assenta sobretudo na responsabilidade e auto-formação acompanhada pelos adultos, tendo em vista a sua formação integral.

## **5. Natureza - Espaço privilegiado das actividades:**

---

5.1. O desenvolvimento da actividade escutista tendo como espaço privilegiado a natureza ao ar livre é considerada como uma circunstância fundamental para se *fazer* Escutismo. Basta atentar aos exemplos de vida *scout* do Fundador (muitos dos grandes episódios da sua vida tiveram como palco a natureza). Na natureza é possível potenciar o desenvolvimento físico, intelectual, emocional dos jovens, mas também oferecer oportunidades para se estimular o gosto pela observação, aventura e risco, bem como o sentido estético e espiritual que resulta do usufruto e interacção que vem da relação com o meio natural. Baden-Powell caracteriza esta relação dizendo: "Para aqueles que têm olhos para ver e ouvidos para escutar, a floresta é ao mesmo tempo um laboratório, um clube e um templo" (pág. 54)<sup>95</sup>.

## 6. Mística e simbologia:

6.1. A capacidade e apetência natural das crianças para a imaginação, aventura, criatividade e desembaraço, é na proposta escutista estimulada através de símbolos e algum misticismo. O seu uso, ajuda-os a entrar em contacto com símbolos rituais e descobertas e assim identificarem-se com mundos imaginários cuja tradução e materialização pode suscitar oportunidades de formação pessoal e espiritual. Em função da distribuição etária dos grupos de crianças e jovens, assim é proposto o quadro simbólico que procura ir ao encontro das necessidades educativas de cada grupo.

## 7. Presença do adulto:

7.1. É ele que assegura a presença e a dinâmica do método uma vez que é o mediador e facilitador das melhores condições para que o génio da criança e do jovem se liberte e afirme. Vai ser na relação educativa que estabelece que apoiará o processo de auto educação e assegurará o aparecimento de oportunidades e trilhos educativos geradores de crescimento pessoal e social. Na prossecução da sua função formativa o adulto tem na *pedagogia do exemplo* uma grande ferramenta educativa.

---

<sup>95</sup> POWELL, BADEN (2003a). *Auxiliar do chefe escuta*. Lisboa : C.N.E.

A enumeração destes itens deve ser vista numa dimensão holística e compreendida como um sistema construído com os seus componentes interligados, formando um corpo unificado e integrado. Cada um dos seus constituintes tem uma função educativa específica e que contribui de forma distinta para o processo educativo. Cada elemento complementa a eficácia dos restantes, sendo o seu todo fundamental para o funcionamento do sistema.

Integrada nas características desta (constituindo-se como uma das suas mais-valias) proposta educativa é a possível correspondência com os quatro pilares da educação preconizados pela UNESCO<sup>96</sup>: aprender para saber, aprender a fazer, aprender a viver em conjunto, aprender a ser; com especial enfoque nos dois últimos. Nesta medida a sua finalidade é trazer um contributo para o desenvolvimento do potencial dos jovens como indivíduos e membros da sociedade autónomos, diligentes e solidários.

Partindo do conceito de *Missão* do Escutismo, extraída dos documentos oficiais<sup>97</sup> da *World Organization of Scout Movement* (WOSM), podemos aferir que o sentido da acção escutista parte da oferta de um recurso para a educação dos jovens. Que visa a construção de um mundo melhor, onde os indivíduos se sintam realizados, desempenhando um papel construtivo e activo na sociedade.

A enunciação de um conceito desta natureza constitui para a organização escutista a expressão de uma dimensão pragmática, de um sentido de acção e rumo que compromete e une os membros que a ela aderem voluntariamente.

No sentido da materialização dos seus pressupostos educativos, o método escutista contempla:

- Participação dos jovens, ao longo dos seus anos de desenvolvimento, num processo de educação não-escolar;

---

<sup>96</sup> DELORS, Jacques et al. (1996). *Educação: um tesouro a descobrir*. Rio Tinto: ASA.

A sua definição é sintetizada a partir do documento "Learning: The Treasure Within" (Educação: O Tesouro Interior), um relatório da UNESCO apresentado à Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI por Jacques Delors.

<sup>97</sup> [http://www.scout.org/wsrc//docs/UnderstandingMission\\_E.pdf](http://www.scout.org/wsrc//docs/UnderstandingMission_E.pdf) (acedido a 13/11/09). (Tradução livre de Marcos Gonçalves). No quadro dos trabalhos sobre a Estratégia do Escutismo, o Comité Mundial do Escutismo, preparou este documento sobre "A missão do Escutismo". A partir da Constituição da Organização Mundial do Movimento Escutista (OMME), o documento proporciona-nos uma visão resumida dos elementos essenciais que caracterizam o Movimento e em particular a sua missão.

- Utilização de um método, a partir do qual cada indivíduo é o principal responsável do seu próprio desenvolvimento, visando a aquisição de competências de autonomia, responsabilidade e compromisso.
- Ajuda aos jovens na construção de um sistema de valores baseado em princípios espirituais, sociais e pessoais traduzidos numa Promessa e numa Lei.

Com base nas características acima elencadas, o Escutismo apresenta-se assim alicerçado em quatro grandes princípios que estabelecem as suas leis e crenças essenciais<sup>98</sup>

- O princípio pessoal - a relação consigo próprio;
- O princípio social - a relação com os outros;
- O princípio ambiental – a relação com a Natureza;
- O princípio espiritual - a relação com Deus.

Ainda sobre este domínio é importante assinalar a existência de algumas reflexões que destacam a cada vez mais evidente (e necessária) relação com a tecnologia. Na *tecnosociedade* em que vivemos os princípios da acção escutista poderão ser integrados nos recursos tecnológicos disponíveis? Que sentido dar aos recursos da *Internet* e da sua capacidade de concretizar e dar a dimensão de verdadeira fraternidade escutista de carácter universal? Em educação a complementaridade e parceria são princípios que devem ser estimulados e apoiados. Acreditamos que o caminho a trilhar nesta reflexão deverá constituir prioridade no processo de renovação da acção pedagógica (RAP) que recentemente foi lançado pela associação

#### 4.1. Particularidades fundamentais do Escutismo

Como elementos constitutivos da sua identidade destacamos os seguintes pressupostos:

- A sua *finalidade* é contribuir para o desenvolvimento do potencial dos jovens como indivíduos e membros da sociedade autónomos, solidários, responsáveis e empenhados;
- Pertence á categoria da *educação não-formal* uma vez que, tendo lugar fora do sistema de educação formal, é uma instituição persegue objectivos educativos e dirigidos a um público específico.

---

<sup>98</sup> *CARACTERISTICAS ESSENCIAIS DO ESCUTISMO* (separata). Revista Flor-de-lis, Edição de Abr. 2006.

Neste sentido a abordagem educativa do Escutismo caracteriza-se do seguinte modo:

- a) Adopta uma *abordagem integral* contemplando as suas dimensões físicas, afectiva, emocional, social, espiritual e cognitiva da educação dos jovens;
- b) Procura alcançar a sua finalidade educativa baseando-se numa *proposta educativa*;
- c) Como agente de educação não-formal, tem um *papel complementar* ao dos outros agentes educativos;
- d) Reconhece que apenas *contribui* para a educação dos jovens.<sup>99</sup>

Pelo exposto e procurando uma síntese, podemos identificar a acção pedagógica do Escutismo enquanto “agente de mudança” importante para as nossas sociedades, que se baseia num conjunto de valores e se propõe a ajudar os jovens a tornarem-se adultos responsáveis nos seus vários contextos sociais. O Método Escutista pode então ser definido como um sistema de auto-educação fundamentada sobre:

- Uma Promessa e uma Lei;
- Uma educação pela acção;
- Uma vida em pequenos grupos;
- Programas progressivos e adequados ao estágio de desenvolvimento do seu actor.

Não há “educação” sem uma procura do pleno desenvolvimento do potencial duma pessoa, e não há “educação” sem a aprendizagem da vida com outros, enquanto membro das comunidades local, nacional e internacional. Com base nestes pressupostos prevemos a necessidade que o Movimento sentirá no sentido de se manter fiel a estes princípios, mantendo e alimentando a necessidade de se adaptar e ser flexível no esforço de adequação a novas necessidades educativas num mundo em mudança rápida

A flexibilidade, dinamismo e fidelidade são os desafios que hoje são colocados ao Movimento. A assumpção e sucesso destes desideratos poderão garantir a vitalidade para os próximos Centenários.

---

<sup>99</sup> Sobre a complementaridade da pedagogia escutista e a educação escolar, Baden-Powell escreveu: “Esta instrução (escutista) poderia ser dada fora das horas de aula – pois não convém que os estudos escolares fiquem prejudicados – no tempo de folga...A ideia que expomos terá pois a aprovação dos professores” (BADEN-POWELL, op.cit., p. 18).

## 5. Escutismo e a renovação pedagógica nos primórdios do séc. XX

### 5.1. A complexificação do conceito de Educação

No alvor do século XX, Durkein através das palavras de Carmo, definia a Educação como sendo a:

*“...a acção exercida pelas gerações adultas sobre as que ainda se não encontram amadurecidas para a vida social. Ela tem por objectivo suscitar e desenvolver na criança um certo número de condições físicas, intelectuais e morais que dela reclamam, seja a sociedade política, no seu conjunto, seja o meio especial a que ela se destina particularmente” (p. 243)<sup>100</sup>*

A dinâmica da produção do conhecimento e a sua permanência no tempo, é algo que nos dias que correm é impossível de prever.

O tempo que medeia entre a produção do conhecimento e a sua permanência vai sendo cada vez mais curto. A *tecnosociedade* alterou esta realidade trazendo consigo a necessidade de redefinir o conceito de *educação* e nele integrar todas as dinâmicas de vida e saber.

Olhando para o conceito de Durkein e para as transformações entretanto ocorridas, constatamos que mesmo que por educação ainda se considerasse a mera transmissão de conhecimentos, julgamos que um esforço de adaptação seria sempre necessário. O ciclo de vida do conhecimento cada vez mais curto, o aumento da esperança média de vida (que associada às exigências colocadas pelo neoliberalismo económico e social) levam a um alargamento das necessidades de formação contínua que agora acompanham o ciclo de vida do indivíduo.

Os variados contextos de aprendizagem e crescimento do ser humano, constituem-se agora como factores de desenvolvimento pessoal e social.

O sistema educativo contemporâneo encontra-se sob fogo cruzado devido à sua inabilidade para dar resposta às novas necessidade e exigências que a sociedade do conhecimento e a informação colocam. Torna-se urgente dar resposta aos processos de mudanças cada vez mais acelerados que colocam o saber numa condição mais instável e

---

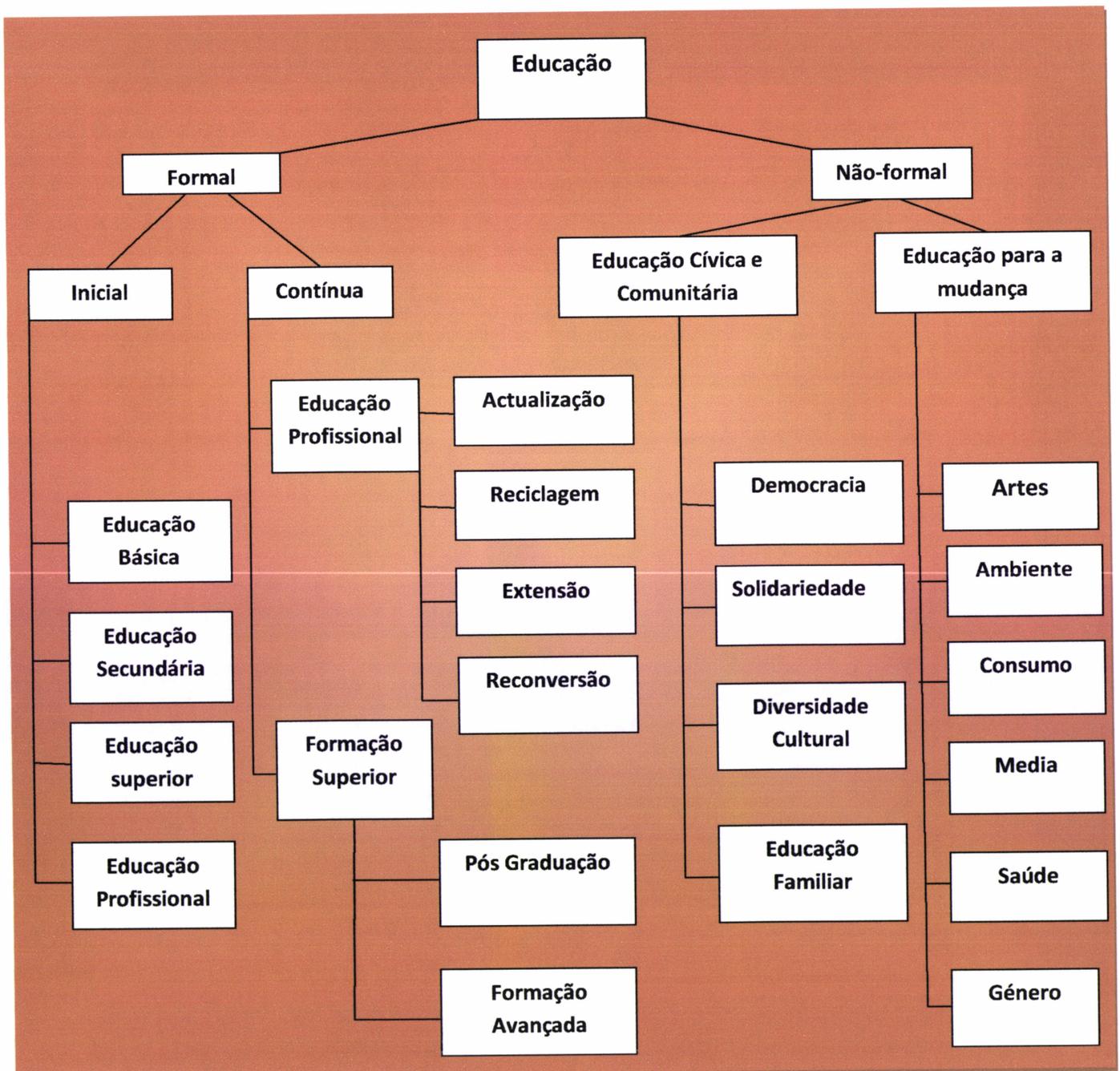
<sup>100</sup> CARMO, Hermano (2001). *A educação como problema social*. In Hermano Carmo (org.), *Problemas Sociais Contemporâneos*. Lisboa: Universidade Aberta.

a ignorância numa (quase) certeza. Ao indivíduo são lançados desafios de autonomia e protagonismo no desenvolvimento do seu processo de auto-formação.

Usando o esquema proposto por Carmo (2001) é possível a título ilustrativo, identificar algumas das muitas dimensões que hoje enformam as várias vertentes da educação no indivíduo:

**Figura 3 - Vertentes da Educação**

CARMO, Hermano (2001)



Com frequência a educação é vista como um processo limitado no tempo (etapa cronológica infanto-juvenil), geradora de aprendizagens úteis aos indivíduos no seu processo de desenvolvimento pessoal e social e tendo exclusivamente como epicentro a escola (Osorio, 2001)<sup>101</sup>. Através do esquema atrás transcrito é possível inferir do *esvaziamento* da escola enquanto espaço único e privilegiado de educação. A partir dele podemos ainda olhar a educação como um processo mais amplo e com novos horizontes.

Numa tentativa de tradução da complexidade do modelo gráfico aqui transcrito recorremos a Almerindo Afonso (2001)<sup>102</sup> quando afirma:

*Enquanto instituição da modernidade, a escola pública foi incumbida de organizar a tarefa de ajudar a concretizar o projecto social impulsionado pelos ideais da revolução francesa e da Revolução Industrial, devendo por isso dar um contributo decisivo para o progresso cultural, científico e técnico, e para a construção de percursos de emancipação pessoal e social que libertassem os indivíduos das amarras da ignorância e do obscurantismo. (p. 29)*

A falência ou a não concretização deste desiderato, abre portas para um dos temas mais debatidos da pedagogia – A crise da escola. As questões que gravitam em seu torno favorecem a emergência da Educação não-formal. Desta feita só um conceito mais alargado de Educação pode contemplar e integrar estas aprendizagens.

No sentido de uma melhor elucidação da propalada crise mundial da educação, Philip Coombs (1985)<sup>103</sup> sistematiza-nos um conjunto de reflexões que nos permitem entender os seus contornos. A incapacidade dos sistemas educativos responderem aos novos desafios colocados pelas necessidades de desenvolvimento económico e a crise de confiança da própria sociedade na capacidade da educação em ser a alavanca para

---

<sup>101</sup> OSORIO, Agustin Requejo (1991). *Desarrollo Comunitario Y Educación*. In Victor Garcia Hoz (org.), *Iniciativas Sociales en Educacion Informal* (p. 343). Madrid, Ediciones Rialp, SA.

<sup>102</sup> AFONSO, Almerindo Janela (2001). *Os Lugares da Educação*. In: Von SIMSON, Olga, et al *Educação Não-Formal Cenários da Criação* (p. 29). Campinas, Editora Unicamp.

<sup>103</sup> COOMBS, Philip (1985a). *The World Crisis In Education – The View from the Eighties*, New York, Oxford University Press.

É importante assinalar que a primeira edição desta publicação é elaborada em pleno período da revolta estudantil em França conhecida como o “Maio de 68”. Todos os sistemas de reprodução social, económica e cultural foram contestados, enquanto instrumentos indutores de desigualdades e contradições. Neste contexto e tendo em conta que os grandes protagonistas é possível perceber o quanto o sistema escolar foi alvo de descrédito.

esse crescimento, estão entre as principais causas assinaladas pelo autor. Estas questões são particularmente relevantes, se tivermos em linha de conta os avultados investimentos que a maioria dos países fizeram na alfabetização das suas populações.

Sobre estes esforços o autor recorda-nos os objectivos de alguns dos Ministros da Educação do mundo ocidental e da UNESCO em particular, no início da década de 60:

Specifically, they set themselves the task of eradicating illiteracy among unschooled adults within the same 20-year period set for the attainment of universal primary education. In this way, it hoped, each country within a single generation would achieve complete literacy at all age levels of the population. Moreover, these humanistic aims were linked to the immediate need to create an abundant supply of educated manpower, thought necessary to fuel sustained national economic growth. This need in particular attracted the politically strategic support of economists... (p. 70)

And the developing countries? By prodigious efforts, they too had negotiated giant movements in the direction of broadened educational opportunities" (p. 71)

Este esforço político e financeiro, não teve correspondência directa na melhoria da qualidade dos sistemas de ensino, originando uma estagnação dos investimentos e o consequente agravamento da crise.

De uma forma genérica a educação e sociedade encontravam-se em diferendo.

Decorrente de todas as tensões criadas e das dinâmicas daí produzidas as aprendizagens não-escolares vivenciaram algum protagonismo. Abrangendo o conjunto dos diversos graus e tipos de ensino escolar e ainda os programas e processos organizados de educação e formação, a escola e todo o sistema que a sustenta é desafiada.

Reforçando esta ideia o autor afirma:

The final conclusion pertains to the growth of informal education or, more precisely, to the strengthening of informal learning environments around the world...this important area of informal human learning, which has been neglected by educational analyst in the past, merits much more attention in the future by educational analysts, planners, and policymakers. (p. 97)

Os paradigmas da educação têm sido alvo de mudanças frequentes, por este facto o discurso e o pensamento que o sustenta deverão acompanhar também esta dinâmica.

Num mundo em transformação, à educação não mais lhe cabe assegurar só a perpetuação das concepções (Belchior, 1990<sup>104</sup>) de um passado cada vez menos presente (face ao endeusamento do “momento”), mas deve ser antes uma forma de mudança assumida e dirigida ao futuro, numa atitude responsável e arrojada.

Ainda, Almerindo Afonso (2002), num artigo intitulado: “A crise da Escola”<sup>105</sup> explica-nos que, nos últimos 200 anos a escola só em parte concretiza a sua função e é na incapacidade da assumpção da sua missão essencial que a diferença se faz e a crise se manifesta. Para esta, o autor propõe-nos algumas proposições que a seguir sintetizamos:

- Expansão e internacionalização da economia capitalista num ambiente de primazia neoliberal;
- Alterações aceleradas nas formas de organização do trabalho e a conseqüente inevitabilidade do desemprego estrutural;
- Permeabilidade e vulnerabilidade da Escola às pressões sociais;
- Cultura social criada em torno da ideia de que a falta de emprego tem como causa essencial a não qualificação dos indivíduos, sendo esta, por sua vez, atribuída à incapacidade estrutural da Escola de preparar os estudantes em função das necessidades da economia;
- Desvalor da representação social atribuída aos diplomas;
- Importância dos meios de comunicação de massas enquanto fortes agentes de socialização secundária, substituindo ou neutralizando a acção dos agentes e contextos de socialização primária;
- Incapacidade de assegurar capazmente a missão originalmente atribuída, a escola, continua a ser pressionada e a assumir *novos mandatos*.<sup>106</sup>

<sup>104</sup> Belchior, F. (1990). *Educação de adultos e educação permanente*. Lisboa: Livros Horizonte.

<sup>105</sup> AFONSO, Almerindo Janela (2002a). *Jornal “a Página da Educação”*, ano 11, nº 110, Março, p. 27.

<sup>106</sup> Sobre a questão da missão, ou missões atribuídas á escola é interessante recuperar as palavras de António Nóvoa (NÓVOA, António (2006a, Maio). *Comunicação apresentada no Debate Nacional sobre Educação na Assembleia da Republica, Lisboa.*) onde, após consulta dos últimos meses dos Diários das Sessões da Assembleia da Republica, encontra cerca de 18 “missões” ou mandatos atribuídos á escola.

- Aparecimento de uma corrente anti-escola que se manifesta, em alguns países, pelo surgimento de um Movimento de defesa do ensino em contexto familiar e em simultâneo do fracasso da denominada *Escola pública*.

A validade destes argumentos é quase intemporal e seguem a construção e o desenvolvimento do edifício educativo pelo menos na sociedade ocidental.

Ainda segundo Almerindo (2002):

*Estes e outros factos, reais ou ideologicamente construídos, que podem ser convocados para explicar a actual crise da educação escolar são ... relativamente sincrónicos com a expansão e recente revalorização dos campos da educação não-formal e informal. (p. 27).*

As sociedades contemporâneas, nomeadamente as ocidentais, vivem tempos de mudanças constantes provocadas pelas mais diversas alterações tecnológicas, científicas, políticas, económicas e sociais. São tempos de riscos, mas sobretudo de grandes oportunidades. Neste cenário a escola poderá desempenhar um papel essencial. A escola que hoje acompanha este Movimento e apesar de algumas variações, ainda se apresenta de uma forma hierarquizada, institucionalizada e com o saber escolar acondicionado e cronologicamente pautado.

Quando a temática é a Educação e as variáveis que com ela interagem são fortemente marcadas pelas vertiginosas transformações das sociedades contemporâneas e pelas dinâmicas por elas introduzidas nas esferas profissionais e familiar, é importante olhar com particular atenção as mudanças operadas nos espaços de socialização e de educação dos jovens e que aclaram as dificuldades da escola e a emergência dos novos contextos de aprendizagem.

O Sociólogo José Palhares (2007)<sup>107</sup> na senda de Almerindo (2002), alerta-nos para uma redução "... do tempo de presença familiar na educação quotidiana das crianças e dos jovens, e conseqüentemente da "...diminuição da centralidade educativa da família..." que, com a cada vez mais consensualizada ideia da falência da escola,

---

Além da quantidade, registo para a sua disparidade.

A título de exemplo destacamos as áreas da: prevenção das dependências, educação para a cidadania, promoção dos valores, educação ambiental, prevenção dos maus tratos e abuso sexual, educação alimentar e sexual, saúde oral e preservação do património cultural, tradições e culturas locais, protecção civil e segurança

<sup>107</sup> PALHARES, José (2007). *Experiências Juvenis e Dinâmicas de Socialização: Os novos Sítios da Educação Não-Escolar*. Comunicação apresentada no IV Congresso Astur-Galaico de Socioloxía – A Sociologia Y Los Nuevos Retos, Corunha.

suscitam segundo as palavras do autor, a "...emergência de outros contextos educativos alternativos e complementares à escola". As transformações ocorridas nas esferas familiares e escolares, impulsionadas pelos imponderáveis do modelo económico capitalista em que assentam as formas de desenvolvimento ocidental, inferem novas carências sociais e educativas a que urge dar resposta.

A crescente *pedagogização* da vida social e a valorização da educação não-formal, só em parte podem ser atribuídas às dificuldades por que a escola tem passado. Almerindo Afonso (2002), alerta-nos para "...a emergência dos novos lugares imateriais e virtuais de educação não-formal e informal que configuram o *ciberespaço*...". As oportunidades que estes despertam e o poder de penetração que possuem, colocam os factores citados ou como potenciadores da agudização das fragilidades da escola, ou na nossa opinião, como geradores de oportunidades para esta, no sentido da construção de novas parcerias e reformulações.

A educação não deverá abandonar o indivíduo à saída da escola. Ela deverá acompanhá-lo ao longo da sua existência sabendo para o efeito respeitar a sua vocação (Evaristo, 1976)<sup>108</sup>.

Neste sentido e dando seguimento a estas modificações no campo da educação, "...há que reflectir mais aprofundadamente sobre os dilemas e desafios futuros que derivam do facto de o *campo da educação não-escolar* ser hoje disputado por muitos e diferentes interesses, e contraditórias racionalidades políticas e pedagógicas. " (Almerindo, 2002, p.27). É por isso importante juntar actores e espectadores deste processo, no sentido do lançamento de reflexões críticas e construtivas sobre os caminhos e opções que se abrem neste campo da educação.

---

<sup>108</sup> FERNANDO, Evaristo (1976). "Problemática da Educação Moderna". Edições Lemos: Porto.

## 5.2. A escola e o mundo e o mundo na escola

As questões em torno da Educação não-formal tem suscitado desde algum tempo a esta parte a atenção dos pedagogos e de todos quantos (políticos e analistas) possuem responsabilidades na definição das políticas educativas. Entre alguns dos pioneiros que desenvolveram algum trabalho investigativo é incontornável Philip Coombs (1976)<sup>109</sup>, que sobre estas questões produziu algumas das ideias referência e disciplinadoras que hoje são o ponto de partida para muita da literatura que é produzida.

É sensivelmente na década de 70 do século passado que as potencialidades são reconhecidas e é crescente o interesse sobre as mais-valias das aprendizagens e experiências produzidas fora do espaço escolar<sup>110</sup>. Elas têm sido essenciais no desenvolvimento humano e estrutural de muitos territórios e países subdesenvolvidos e em vias de desenvolvimento (particularmente sul-americanos e africanos), nomeadamente nas áreas relacionadas com o desemprego e pobreza. As potencialidades destas dinâmicas de desenvolvimento segundo o autor são igualmente benéficas para os ditos, países desenvolvidos.

Pelo trabalho desenvolvido por Coombs nalgumas destas regiões conseguimos sintetizar algumas das linhas gerais que caracterizam a implementação de algum destes programas e projectos:

- As suas características são variadas e adaptadas às especificidades dos locais e comunidades onde são experienciadas;

---

<sup>109</sup> COOMBS, Philip (1976). "Nonformal Education: Myths, Realities and opportunities ". *Comparative Education Review*, Vol. 20, No. 3. p. 281-293.

Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0010-4086%28197610%2920%3A3%3C281%3ANEMRAO%3E2.0.CO%3B2-G> (acedido a 11/10/08).

Coombs foi nos anos 80 responsável do Conselho Internacional para o Desenvolvimento da Educação. Foi Fundador na Unesco do Instituto Internacional para a Planificação Educativa; Secretário Internacional para as Questões Culturais e Educacionais na administração de John F. Kennedy. Foi quadro do Banco Mundial e nos anos 60 e 70, protagonizou na África e América Latina a dinamização de programas de desenvolvimento sócio económico e alguns trabalhos de pesquisa sobre a temática da educação não-formal, além da docência em Universidades Europeias.

<sup>110</sup> Estas práticas educativas fora do espaço escolar assumem em diversas comunidades e povos práticas tão essenciais como: Rituais de puberdade, cerimónias religiosas de instrução, ocupação, etc. São hoje ainda responsáveis pelo funcionamento da sua "máquina produtiva" e perpetuação de um determinado *modus vivandi* (Coombs, 1976).

São conhecidos e reconhecidos os trabalhos de alfabetização desenvolvidos por Paulo Freire no Brasil, sendo este um dos ícones incontornáveis da história das aprendizagens não-escolares.

- São descentralizadas e próximas dos problemas e das pessoas;
- Os seus agentes educativos são recrutados no seio da comunidade e em função das suas competências pessoais e profissionais;
- Existem *aprendentes voluntários protagonistas* e trocas de experiências e saberes;
- Não são emitidos certificados ou diplomas equivalentes aos escolares;
- São descentralizados e integrados;
- Centralizam-se nas pessoas e nas comunidades;
- Pressupõe cuidados rigorosos ao nível diagnóstico, planeamento, gestão e avaliação.

Salvaguardados alguns destes pressupostos, as dinâmicas da Educação não-formal podem ser determinantes no desenvolvimento das comunidades sujeito, onde eles são aplicados. É fruto desta sua qualidade que, segundo o autor, se verifica um aumento significativo do interesse académico e investigativo pelo tema.

Pelo caminho trilhado e pela consolidação entretanto alcançada, Canário<sup>111</sup> (2006), elabora do ponto de vista do enquadramento histórico e de uma forma sistematizada o cenário do advento das questões relativas às aprendizagens não formais:

A “visibilidade dos processos educativos não formais ocorre e afirma-se progressivamente, a partir da segunda metade do século XX e corresponde a um fenómeno que nasce do interior de um campo emergente de práticas educativas orientadas para públicos adultos. A história da consolidação e difusão de um campo de práticas educativas não formais é indissociável da afirmação e desenvolvimento do campo da educação de adultos, no período imediatamente posterior à segunda guerra mundial. (p. 160)

Reforçando esta ideia, sustenta ainda que a *ideologia desenvolvimentista*, saída da segunda guerra vai afirmar o investimento educativo como a “...principal alavanca para o desenvolvimento e a construção de “sociedades de abundância” (p. 160). Neste

---

<sup>111</sup> CANÁRIO, Rui (2006). “Aprender sem ser ensinado. A importância estratégica da educação não-formal”. In “A Educação em Portugal (1986 -2006). Alguns contributos de investigação”, p.159-206. Disponível em: [www.debatereducacao.pt/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=163](http://www.debatereducacao.pt/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=163)– (acedido a 11/10/08).

quadro, o papel desempenhado pela UNESCO <sup>112</sup> é essencial na valorização das aprendizagens enquanto factor de desenvolvimento dos indivíduos e das comunidades.

Parece ser evidente a importância deste organismo, particularmente através das primeiras acções e campanhas de alfabetização (apesar da falência de alguns dos objectivos iniciais que tinha associado) que, no seguimento da sua implementação vão sugerir a criação do *Movimento de Educação Permanente* (M.E.P.) que, segundo Canário (2006) surge:

...idealmente vocacionado para repensar e reorganizar toda a acção e percursos educativos, do nascimento à morte, que ganham visibilidade as distinções entre os diferentes níveis de formalização possível das situações educativas: num *continuum* educativo que cobre todo o ciclo vital, integram-se e articulam-se processos *formais* (cujo protótipo é o ensino dispensado na escola), processos *não-formais* (marcados pela flexibilidade de horários, programas e locais, em regra de carácter voluntário, sem preocupações de certificação e pensados “à medida” de públicos e situações singulares) e processos *informais* (correspondentes a todas as situações potencialmente educativas, mesmo que pouco ou nada organizada e estruturadas) (p. 161).

O autor apresenta-nos assim de uma forma mais organizada as primeiras linhas que definem o trajecto que iremos percorrer em torno das “...situações educativas ...que se distinguem e demarcam do formato escolar”( p. 161).

### 5.3. As necessidades educativas e as necessidades escolares

O reconhecimento das potencialidades educativas das aprendizagens não-escolares traduz-se num processo e não num momento ou episódio. Um conhecimento mais aprofundado dos mecanismos de aprendizagem pelas vias não-escolares deveriam no seu decurso dar-nos a possibilidade de interpelar a forma escolar e pensar a sua eventual superação (Canário, 2006).

---

<sup>112</sup> A UNESCO (em inglês *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*) é um organismo especializado do sistema das Nações Unidas. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) criada com o objectivo de contribuir para a paz e segurança no mundo mediante a educação, a ciência, a cultura e as comunicações.

As mais-valias do ponto de vista da reflexão crítica destas questões poderiam constituir-se numa oportunidade para se repensar e alargar as complementaridades que se podem estabelecer entre estas duas vias de desenvolvimento humano.

Entre os discursos que têm sido produzidos surgem com frequência argumentos que colocam a Educação não-formal em competição com a formal (entendidas neste contexto como as aprendizagens vividas fora e dentro do espaço escolar, respectivamente). A validação destes pressupostos deprecia e compromete a representação social que de si se projecta. Apesar de alguns esforços no sentido da integração e da conversão das aprendizagens extra escolares em “quadros” formais (escolares), <sup>113</sup> continuam a prevalecer e a contar do ponto de vista social e do mercado laboral, os diplomas e certificados de saberes obtidos no espaço escolar.

A ainda pouca visibilidade e reconhecimento das potencialidades da Educação não-formal, são uma realidade paradoxal, uma vez que o alargamento das necessidades educativas a todas as gerações deveria, ao longo dos tempos ter pressionado os sistemas educativos e políticos e as suas estruturas representativas a adoptar uma postura mais afirmativa no que diz respeito à potenciação das aprendizagens não-escolares.

No sentido da melhor ilustração da importância e da valorização destas *áreas alternativas* de aprendizagens, lembramos que a sobrecarga dos sistemas educativos e as suas dificuldades se tornam mais visíveis se consideramos os imensos esforços políticos e (sobretudo) financeiros de alfabetização e os resultados obtidos. Sobre esta questão Carmo (2001) citando Khôi, afirma que o ensino é a “...maior “indústria” da nossa época”.

Ainda sobre este temática e apesar do (nomeadamente aquelas que o opõem á escola) já conhecido radicalismo das suas posições, é incontornável citar Ivan Illich <sup>114</sup>(1988) quando afirma:

*Em toda a parte do mundo os custos escolares aumentaram mais rapidamente que as matriculas e que o produto nacional bruto, em toda a parte os gastos escolares permanecem sempre mais aquém das expectativas dos pais, mestres e alunos. Em toda a parte esta situação desencoraja tanto a motivação quanto o financiamento de um plano em grande escala para a aprendizagem não-escolar... nenhum país pode ser suficientemente rico para manter um sistema escolar... (p.34)*

<sup>113</sup> Recordamos aqui o exemplo do Programa das “Novas Oportunidades”.

<sup>114</sup> ILLICH, Ivan (1988). *Sociedade sem Escolas* (8ª ed.).Petrópolis: Editora Vozes.

Face ao exposto é pertinente questionar sobre os ganhos efectivos de tão grande investimento e se virtualmente alcançados; eles corresponderam às necessidades educativas dos visados.

Não nos compete neste contexto trazer uma resposta “fechada” a tão “grávida” pergunta. Mas não podemos deixar de lhe associar outras reflexões.

Uma vez que o ser humano está envolvido num processo de formação contínua e permanente, o espaço escolar não pode nem deve ter a exclusividade. Outras componentes e momentos cronológicos da formação da personalidade do indivíduo poderão ser contemplados.

Paul Lengrand (nd)<sup>115</sup> ilustra-nos de uma forma clara esta questão ao afirmar:

*Nas nossas sociedades foram elaborados ritos de passagem da mesma espécie: os exames e os diplomas que põem fim à idade de preparação para a vida. Uma vez passado o exame final, aos 15, 20 ou 25 anos, o homem era até recentemente apto... num sistema harmonioso de educação permanente a educação no sentido pleno começa depois da idade escolar (p. 60).*

*“Não se pode racionalmente falar duma idade da educação; a educação é, com efeito, um modo de viver, um modo de estar no mundo, e mais especificamente, uma maneira de estar desperto no mundo... o que importa é a multiplicação das possibilidades de expressão nos planos intelectual, afectivo, social, profissional, nos das relações... Há um ilimitado de situações onde o homem pode vencer ou fracassar, o essencial é que nestas diferentes ocasiões ele se encontra numa atitude viva, quer dizer, numa atitude de vigilância e de atenção e não numa atitude passiva. (p. 63).*

Ao qualificar *Alunos* e não *Sujeitos*, o sistema formal de ensino (escolar) não favorece a individualidade, nem a satisfação de outras necessidades de realização pessoal e social sentida pelos indivíduos. Uma vez que, como popularmente se afirma: “tudo que não se exprime, imprime-se”, é possível deduzir que algumas das situações de insatisfação e de não afirmação das individualidades em meio escolar poderão decorrer da não realização e expressão de muitas das necessidades de progresso colectivo e individual sentidas pelos utilizadores e *consumidores* do produto escolar.

---

<sup>115</sup>LENGRAND, Paul (nd). *Significados da Educação Permanente*. In *Educação Hoje*. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Lda.

Sobre a insatisfação e dificuldades que os educadores vivem nos espaços escolares, na busca das individualidades dos seus alunos, Paulo Carrano (2007)<sup>116</sup> sugere que estas decorrem de:

*...incompreensões sobre os contextos não-escolares, quotidianos e os históricos mais amplos, em que esses estão imersos. Dito de outra forma torna-se mais improvável que consigamos compreender os processos sociais educativos se não nos apropriarmos dos processos mais amplos de socialização (p.57)*

Propõem-se então a criação de ambientes escolares culturalmente preparados e significativos para o acolhimento de uma pluralidade de sujeitos "...histórica e territorialmente situados..." (p.56). Só nesta medida estariam garantidas as condições para a descoberta da pessoa que "habita" o aluno.

Contemplando estas variáveis seria possível treinar os indivíduos no sentido de estes perceberem e reconhecerem o relativismo das situações das actuais *verdades* afirmadas no meio escolar. Este reconhecimento traduziria o sucesso da acção educativa.

Dada a incapacidade de dar sentido e consistência às expectativas de expansão da escolaridade e na alvorada da Educação não-formal e da sua valorização, os actores são chamados a protagonizar as suas próprias dinâmicas de desenvolvimento e cada vez mais em complemento com as outras fontes e formas de aprendizagens. Neste quadro não fará muito sentido, a adopção de um discurso míope que não integre a plenitude e complexidade das várias dimensões e contextos que gravitam em torno dos estádios de desenvolvimento do indivíduo.

---

<sup>116</sup> CARRANO, Paulo (2007, Agosto). "Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da "segunda chance". REVEJ@ - Revista de Educação e Jovens Adultos, V. 1, p. 55 – 66. Acedido em 17/09/08 em <http://www.reveja.com.br>.

## 5.4. Educação não-formal enquanto objecto de interesse académico

A atenção dispensada às questões em torno da Educação não-formal tem sido relevante e indicadora de uma certa tendência de expansão e valorização crescente. A ilustrar esta realidade recuperamos algumas pesquisas realizadas por José Palhares (2004)<sup>117</sup>, onde é possível apurar a proficuidade em termos de produção académica do período entre 1970 e 1996 em que as experiências em educação permanente e de adultos (protagonizadas pela UNESCO e outras organizações internacionais), tiveram o seu palco e eventualmente algum mediatismo e interesse do ponto de vista académico. Canário (nd)<sup>118</sup> sobre esta matéria é peremptório ao afirmar:

*No plano científico, esta área temática viu de há muito reconhecido o seu estatuto, em termos universitários, consubstanciado na organização dos cursos de licenciatura e de Pós-Graduação, na existência de numerosas revistas especializadas de grande prestígio e difusão, na criação de associações científicas, na promoção de seminários, colóquios e congressos especializados nesta matéria, numa vasta produção ensaística e investigativa. É portanto legítimo falar-se neste domínio, da existência de uma comunidade científica de referência. (p.19)*

Parece-nos assim evidente a ampla dimensão que o objecto educativo não-formal encerra. Será possível daqui aferir da sua riqueza enquanto tema de investigação ou confusão no que diz respeito á sua matriz conceptual?

<sup>117</sup> PALHARES, José (2006, Fevereiro). *Um olhar retrospectivo sobre a educação não – formal: a institucionalização, as dinâmicas e as reconfigurações actuais de um subcampo educativo*. Comunicação apresentada no XIV Colóquio AFIRSE. Lisboa.

Apesar da amostra usada para a realização destas pesquisas não ser totalmente representativa do universo de trabalhos publicados e não publicados sobre as questões da educação não-formal e de terem sido maioritariamente consultadas os resumos (confinadas sobretudo ao universo anglo-saxónico); é possível aferir da importância deste tema do ponto de vista investigativo.

O desenvolvimento do teor incluso em cada um dos quadros é mais desenvolvido na sua tese de doutoramento. Sobre esta matéria o autor alerta-nos para o carácter ilustrativo dos dados e para aquilo que a sua importância para sublinhar a tendência teórica desta temática do ponto de vista internacional.

<sup>118</sup> Canário, R. (nd). *Educação de adultos - um campo e uma problemática*. Lisboa: Agencia Nacional de Educação de Adultos.

## 5.5. Educação não-formal / Educação não-escolar

### Uma questão de nomenclatura?

O crescente interesse investigativo e a expansão das iniciativas de Educação não-formal, induzem alguma expectativa sobre o surgimento de outra clarividência e verdade sobre os seus conceitos e práticas.

A expansão das actividades e programas de Educação não-formal tem sido uma realidade cada vez mais eclética e consistente nos últimos tempos. Infelizmente esta dinâmica não tem sido acompanhada pela produção de um discurso consensual sobre a estrutura e teor dos conceitos e da linguagem que o suportam.

Sobre esta matéria Alan Rogers (2005)<sup>119</sup> defende a necessidade da existência de um conceito orientador de Educação não-formal uma vez que segundo ele, não poderá existir eficácia nas práticas de Educação não-formal se não estiver definido um conceito à sua volta. Se este for confuso também a sua prática o poderá ser (pág. 237).

O termo tem sido usado e aplicado aos mais variados contextos e domínios como a ciência, ambiente, educação, desenvolvimento socioeconómico; parecendo não existir em seu torno um discurso crítico. As oscilações entre Educação não-formal, Formal, informal e aprendizagem ao longo da vida têm sido recorrentes.

No sentido de introduzir alguma clareza neste processo, o autor cita Rosa Maria Torres e através das suas palavras introduz um ponto de partida para uma melhor compreensão das questões relativas ao histórico dos termos associados à Educação não-formal:

*The concept of non-formal education... was born out of the insufficiencies within and criticism of the formal education system. The term NFE became associated with out-of-school education and was applied to a particular approach to education characterized by greater adaptation to the needs and circumstances of learners, creative use of educational resources, community participation, decentralized and more flexible organization and management, and less authoritarian management and teaching styles. Over time, formal (...) and non-formal education often opposed rather than complemented each other. (...) School systems have been experiencing innovation and important changes over the past few years (...) Building bridges between NFE and FE, rather than*

<sup>119</sup> Rogers, A. (2005). *Non-formal education: flexible schooling or participatory education?*. United Kingdom: Universities of Nottingham&East Anglia Library of congress.

*developing them as separated systems, has been and continues to be an important goal in many parts of the world.*

*... the distinction between formal and non-formal education has become unclear and to a certain extent irrelevant... It is to be expected that in the next few years, and within the lifelong learning paradigm, conventional classifications will regroup around new categories... All over the world, programs exist that resist traditional classifications. They are challenging the formal/non-formal, school/out-of-school barriers building bridges and creating hybrids... (p. 236)*

Numa análise rápida ao texto podemos destacar duas ideias centrais. A primeira vai no sentido de, face aos desafios que de todo o lado apareciam, as práticas educativas não formais terem emergido e desenvolvido através do uso criativo dos recursos educativos disponíveis. E através disso, se terem constituído potencialmente como espaço de inovação, diversidade e experimentação de novas abordagens na educação. Outra ideia que se retira do texto prende-se com o surgimento de uma certa oposição entre a educação formal e não-formal, face ao estaticismo das estruturas escolares e à dinâmica, já citada, das práticas não formais.

Neste discurso ainda indefinido sobre o conceito de Educação não-formal, Rogers (2005), alerta-nos para uma certa “formalização” das suas práticas. As profundas alterações introduzidas ao longo dos anos, visando o combate à crise da escola, incorporaram experiências e conceitos até aí do domínio da Educação não-formal.

É possível nos dias que correm identificar práticas e iniciativas que complementam e enriquecem as práticas educativas escolares.

Sobre as novas necessidades educativas Carmo (2001) afirma:

*... a generalização dos públicos-alvo, a universalização das necessidades de formação inicial e o alargamento das necessidades de formação contínua, implicaram um aumento de pressão sobre os sistemas educativos tradicionais...” estes “...estão longe de conseguir garantir respostas, quantitativa e qualitativamente adequadas, sendo indispensável introduzir reformas conducentes a criar uma oferta correspondente à sobrecarga de exigências do lado da procura...” esta oferta “...deverá obedecer a um perfil de diversidade...empenhando as organizações públicas (administrações centrais, regionais e locais) e não governamentais (ONG's) quer quanto às formas de resposta, diversificando as estratégias de ensino e formação. (p. 268)*

Como nos recorda Afonso (2002):

...a justificação da educação não-escolar não pode ser construída contra a escola, nem servir a quaisquer estratégias de destruição dos sistemas públicos de ensino... Nesse sentido é importante salientar que o campo da educação não-escolar (formal ou informal) sempre co-existiu com o campo da educação escolar, sendo mesmo possível imaginar sinergias pedagógicas muito produtivas e constatar experiências com intersecções e complementaridades várias. O exemplo mais evidente pode ser dado pela educação familiar que, inscrevendo-se genericamente no campo da educação informal, continua a ser pensada como educação decisiva para a construção dos percursos individuais de escolarização (p.31.)

No âmbito das conclusões alcançadas em 2004 pela Comissão<sup>120</sup> que em França dinamizou o debate nacional sobre o futuro da escola, também a importância da parceria com a comunidade envolvente à escola é assinalada como um aspecto a valorizar e a integrar. No seu ponto 8 e para fazer frente a desafios educativos cada vez mais exigentes são apresentados numa lógica de parceria as seguintes proposições:

- *The communes the school establishment and the associations involved in the organization of educational activities and actions for the prevention of school difficulties should include their action within the contractual Framework of a local educational project;*
- *The medical and social services should take over when School has pinpointed social or health problems; furthermore an effort should be made in terms of public health: each young person should undergo a medical examination at each major point of compulsory schooling;*
- *Companies and the School should close ranks to encourage screening for jobs while still at school, build up career training based on alternation and improve professional insertion of young people;*
- *The school should provide training in deciphering and in the use of the media which in fact should perform their educational role better.*

Na sociedade que se diz do conhecimento tem de criar *links* e redes com instituições que, para além da escola, assumam a formação, da cultura, da ciência, da arte, do desporto. Para este cenário, António Novoa (2005)<sup>121</sup> propõe “... o designado espaço público da educação, um espaço que integra a escola como um dos seus pólos principais, mas que é ocupado por uma diversidade de outras instâncias familiares e sociais.” (p.17).

<sup>120</sup> Disponível em: <http://www.debatnational.education.fr/upload/static/lerap.ort/syntheseVA.pdf> (acedido a 10/11/08)

<sup>121</sup> Novoa, A. (2005). *E vid ente mente - a educação portuguesa*. Porto: Edições ASA.

O alargamento destas parcerias e a construção de um edifício educativo integrado, podem pressupor um conjunto significativo de mais-valias.

Rogers (2005) elenca um conjunto de desafios que as práticas não formais colocam ao dispor do processo educativo escolar:

- Alargam o campo educativo, além do espaço escolar;
- Provocam uma valorização das actividades do denominado 3º sector<sup>122</sup>;
- Estimulam o surgimento de uma visão mais flexível de Educação;
- Proporcionam novas e rápidas respostas às necessidades educativas;
- Trazem uma forma criativa, inovadora e flexibilidade<sup>123</sup> aos processos educativos; (p. 250)

As *janelas de oportunidade* abertas com estas experiências vão esbatendo cada vez mais as (já virtuais) diferenças linguísticas e culturais entre *Formal* e não-formal. Face à complexidade e mutação do mundo da educação e as práticas educativas diversificadas, é redutor encerrar este universo em conceitos estanques como Formal e não-formal.

No sentido de trazer alguma luz sobre este modelo conceptual, o autor sugere que no futuro os programas educativos deverão ser versáteis e contemplarem de uma forma dinâmica quatro conceitos/realidades:

- **Educação** – Jogo de experiências, guiadas, organizadas, planeadas e sistemáticas;
- **Educação Formal** – retracta o modelo de Escola tradicional e estandardizada, onde os participantes/alunos adaptam-se às regras;

---

<sup>122</sup> A expressão 3º sector é aqui entendida como a significante de todas as entidades (Instituições Privadas de Solidariedade Social e Organizações Não Governamentais) privadas de utilidade pública que pela sua natureza e actividade se distinguem do sector público (Estado) e privado (Mercado).

<sup>123</sup> O autor assenta nesta expressão o essencial da diferença entre os conceitos. Esta pressupõe alternativas e oportunidades de aprendizagens, mas sobretudo *Participação*. Esta consubstancia-se através da presença da comunidade, do (s) indivíduo (s), de contextos diversificados, autonomia, poder e controlo sobre o processo. Resumidamente é ajudar os indivíduos e os grupos a aprender o que desejam e durante o tempo que pretendem. Ajudando-o a encontrar as suas necessidades.

- **Ensino Flexível** – Adapta-se às necessidades educativas dos participantes, adaptam-se ao contexto e às necessidades locais;

- **Educação Participada** – Os participantes tomam a liderança e gestão do processo *empowerment*. (p. 258)

Até este momento o termo não-formal abarcava a totalidade das experiências das de Ensino Flexível e Educação Participada. Com esta disposição começam a vislumbrar-se as diferenças entre os conceitos. Para uma melhor clarificação desta questão o autor apresenta-nos mais dois conceitos essenciais:

- **Aprendizagem informal** – Designa toda as aprendizagens acidentais e descontextualizadas;

- **Educação informal** – Aprendizagens individualizadas e contextualizadas em pequena escala, através da participação dos vários grupos aprendentes;

Face ao exposto estão assim encontrados novos significados e diferenças conceptuais entre as designações:

- **Educação Formal** - Actividades educativas que não se adaptam de maneira significativa às necessidades e particularidades dos públicos – alvo;
- **Educação não-formal** – Aprendizagem flexível, com adaptações/respostas a parte das necessidades educativas dos utentes;
- **Educação Informal** – Educação participada, contextualizada, individualizada e em pequena escala, onde a individualidade é salvaguardada. (p. 261)

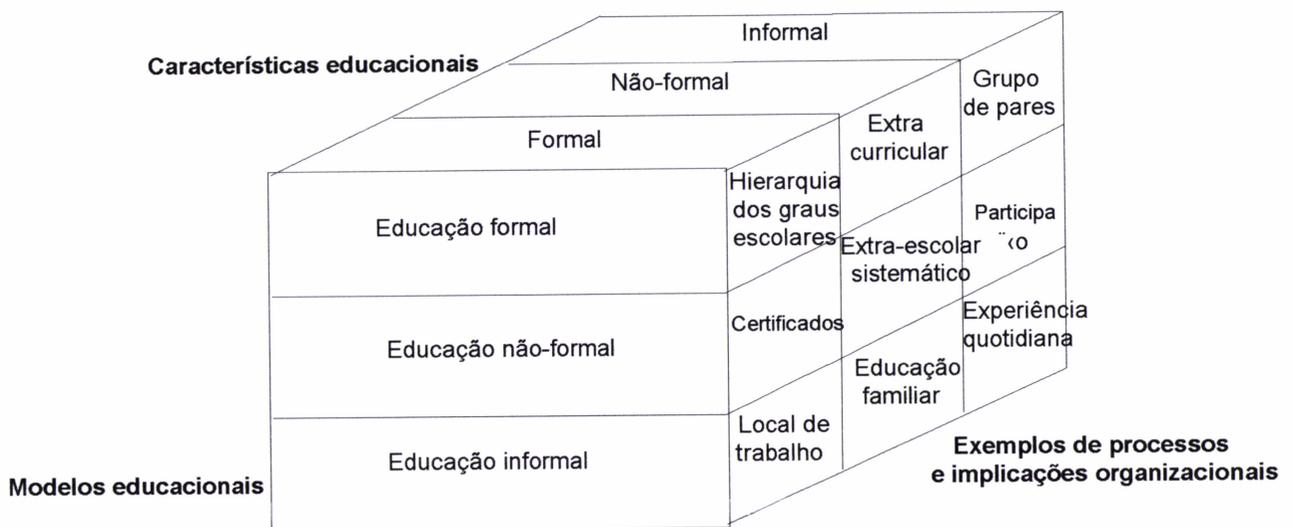
Longe de encerrar a discussão, Rogers (2005), alerta-nos ainda para a necessidade imperiosa de não “fechar” o debate.

O dinamismo e a flexibilidade são apanágio nesta troca de práticas educativas. Por esta força de razão, todos os discursos produzidos devem ser entendidos como instrumentos que nos permitam ir mais além. A *diabolização* recíproca a que temos assistido deixa assim de fazer sentido.

Thomas J. La Belle (1984)<sup>124</sup> desconstrói por completo qualquer barreira semântica, linguística ou outra que eventualmente ainda pudesse separar os conceitos de formal, não-formal ou informal. Segundo o autor estas realidades não são estanques, elas entrelaçam-se num processo contínuo.

Através da Figura 4 La Belle ilustra-nos de uma forma clara este seu pensamento

**FIGURA 4**  
**Transversalidade das práticas Educativas**  
(Thomas La Belle, 1984, p. 82)



Os modelos educacionais interligam-se com os processos e características num contínuo, intenso e homogêneo (apesar da riqueza e diversidade das actividades). Nele podemos aferir o sentido transversal das categorias Formal, Não-Formal e Informal no processo de aprendizagem. Estas realidades não são entidades discretas mas sim modelos educacionais dominantes.

As áreas de contacto destas realidades, são no denominado espaço escolar, mais visíveis e acessíveis de encontrar do que anteriormente previsto.

<sup>124</sup> LA BELLE, Thomas (1984). "Liberation, Development, and Rural Nonformal Education" in Anthropology & Education Quarterly, Vol. 15, n.º 1, p. 80-93.

Disponível em : Stable URL:

<http://links.jstor.org/sici?sici=0161761%28198421%2915%3A1%3C80%3ALDARNE%3E2.0.CO%3B2-Y> (acedido em 10/11/08)

As implicações das actividades não formais no ensino escolar por exemplo, são facilmente encontradas nas actividades extra-curriculares que hoje são proporcionadas à maioria dos alunos. No que toca às aprendizagens informais elas vivem-se quotidianamente nas relações inter- pares vividas entre si.

A atribuição de certificados de frequência ou formação que hoje são prática corrente nas iniciativas de ONG's e IPSS's, (onde se integram as do Escutismo) são apropriações de outras típicas do meio escolar.

Pela importância que as proposições de La Belle apresentam (1984) elas são contributos valiosíssimos para uma melhor compreensão das questões que ainda se levantam em torno destes conceitos. Poderão por isso constituir-se um importante ponto de partida para as muitas discussões que ainda deverão ser suscitadas sobre o tema. A partir deste ponto da dissertação passaremos a utilizar a expressão “não-escolar” em substituição de “não formal”.

### **5.6. A Comunidade de Aprendizagem e a resposta aos “novos” desafios**

Numa dialéctica cada vez mais participada e abrangente o processo educativo implica hoje pessoas, recursos e ambientes como nunca. O repto da educação é dirigido à (s) comunidade (s) e ao modelo civilizacional que pretendem construir e nesse sentido é premente tornar a educação, uma necessidade e uma tarefa de todos.

Se considerarmos a educação e a aprendizagem como essenciais para o desenvolvimento das comunidades e dos indivíduos, podemos aferir igualmente do seu carácter colectivo. O amplo empenho para a alteração das circunstâncias sociais, económicas, culturais e políticas que reproduzem a pobreza, a desigualdade social e a própria desigualdade educativa, originaram o conceito de *comunidade de aprendizagem*.

Segundo Rosa Maria Torres (2003)<sup>125</sup>:

---

<sup>125</sup> TORRES, Rosa M. (2003). “A Educação em função do desenvolvimento local e da aprendizagem”. In *Muitos lugares para aprender* (p. 81-89). S. Paulo: Centro de Estudos e Pesquisas em Educação.

*O termo Comunidade de Aprendizagem foi estendido nos últimos anos, com acepções diversas...perpassada por três eixos: o eixo escolar/ extra-escolar, o eixo real/virtual e o eixo relacionado com a grande gama e sentidos atribuídos à comunidade de aprendizagem.*

*Assim alguns se referem à escola (formal ou não-formal) ou à sala de aula como comunidade de aprendizagem outros se referem a um âmbito geográfico (a cidade, o bairro, o povoado rural); outros, a uma comunidade virtual mediada pelas modernas tecnologias (redes de pessoa, de escola, de instituições educativas, de comunidades profissionais, etc.) Alguns vinculam a ...processos de desenvolvimento económico... de “capital social”, ou desenvolvimento humano em sentido mais amplo; outros enfatizam temas como cidadania e participação sócia. (p.85)*

A expansão e desenvolvimento deste conceito tem relação directa com um conjunto de transformações socioculturais de grande actualidade e que recorrendo às palavras de Torres (2003) podem ser agrupadas da seguinte forma:

- *Tendência generalizada de “glocalização” (globalização e seu impulso contrário, a localização) e nesse contexto, o ressurgimento/rejuvenescimento do local e do chamado desenvolvimento comunitário;*
- *A diminuição do Estado e do seu papel, o acelerado processo de descentralização, a complexificação da sociedade civil, as alianças entre diversos sectores e actores e a ampliação da participação cidadã em diversos âmbitos, entre eles o educativo;*
- *A expansão acelerada das modernas tecnologias de informação e da comunicação (TIC);*
- *A renovada importância atribuída à educação, à aprendizagem ao longo da toda a vida como eixo organizador da emergente “sociedade do conhecimento” ou sociedade da aprendizagem”;*
- *Aceitação crescente da diversidade e da conseqüente necessidade de diversificar a oferta educativa de inovar e experimentar com modelos diferenciados, sensíveis a cada contexto e momento;*
- *A insatisfação com o sistema escolar e com as reiteradas tentativas de reforma educativa (escolar), e a busca de novas vias e modos para pensar a educação escolar e a educação em geral (surge por todo os lados o clamor por uma “mudança de paradigma” para a educação.*

O cenário aqui descrito funde de uma forma explícita a educação escolar e não-escolar, recursos reais e virtuais num espaço geográfico e cultural vasto. A indiferenciação entre escola e comunidade e educação escolar, não-escolar e informal, ensaiada por La Belle, tem nestas comunidades a sua expressão mais visível.

As transformações dos padrões educativos e de desenvolvimento induzidas por estas novas práticas, são traduzidas por Rosa Torres (2003) da seguinte forma:

### Quadro 1

#### Mudança de paradigma e dos modos de aprendizagem<sup>1</sup>

DE	PARA
Comunidade escolar Crianças e jovens aprendendo Adultos ensinando crianças e jovens	<b>Comunidade de aprendizagem Crianças e jovens adultos aprendendo Aprendizagem entre gerações e entre pares</b>
Educação escolar Educação formal Agentes escolares (professores)	<b>Educação escolar e extra – escolar Educação formal, não-formal e informal</b>
Agentes escolares como agentes de mudança Alunos como sujeitos de aprendizagem	<b>Agentes educativos (professores e outros sujeitos que assumem funções educativas) Agentes educativos como agentes de mudança</b>
Visão fragmentada do sistema Escolar (por níveis educativos)	<b>Visão sistémica e unificada do sistema escolar (desde a educação pré-escolar até a educação superior)</b>
Planos institucionais Inovações isoladas Rede de instituições escolares Projecto educativo institucional (escola) Enfoque sectorial e intra-escolar Ministério da Educação Estado Educação permanente	<b>Planos e alianças interinstitucionais Redes de inovações Rede de instituições educativas Projecto educativo comunitário Enfoque intersectorial e territorial Vários ministérios Estado, sociedade civil, comunidade local Aprendizagem permanente</b>

As áreas que no processo de educar não possuíam *pontos de contacto* têm agora um “tabuleiro” onde as peças encaixam num quadro coerente e desejavelmente funcional.

## 6. Ousar novos contextos e actores em educação

### O Escutismo nos alvares do século XXI

A associação entre educação e escola tem feito com que o espaço associativo enquanto ambiente propício ao desenvolvimento pessoal e social, não tenha merecido a devida atenção por parte dos investigadores em educação.

Neste contexto investigativo, parece-nos relevante aflorar alguns dos modelos educativos e a importância do associativismo juvenil como o Escutismo nos processos de socialização e desenvolvimento pessoal dos jovens.

O processo de transferência das funções educativas da esfera familiar e escolar para o colectivo social, complementada com a transformação do conceito e acto de educar, trouxeram para espaços cada vez mais abertos e informais, saberes e experiências educativas de relevo.

Sobre as dimensões que envolvem o processo educativo e para uma melhor caracterização, Mário Cortella<sup>126</sup> (2002) defende a ideia do sentido ocasional e intencional da educação. A primeira ocorre no nosso quotidiano (exemplificado pelas vivências das ONG's sem preocupações ou metodologias educativas), assente sobretudo no seu carácter permanente, pragmático e na "utilidade" dos seus conteúdos. É considerada pelo autor como "... lenta – às vezes simplória, às vezes experiente..." (p.99). A segunda deriva de aprendizagens escolares, metódica, organizada, programada e sistematizada, apesar de "...pouco estimulante, artificial, unívoca e limitada." (p.99).

Só a combinação das duas dimensões daria uma visão integrada do processo educativo, aproveitando as mais-valias de ambos, "...juntando o ocasional e intencional, seja na estrutura educacional de uma ONG, seja numa escola ou nos meios de comunicação" (p.99)

Usando as palavras de Paulo Freire, Cortella afirma que "...deveríamos ter primeiro a leitura do mundo, para depois ter a leitura da palavra. Tínhamos de partir do universo significativo das pessoas para formá-las em outra direcção." (p. 99).

---

<sup>126</sup> CORTELLA, Mario (2002). "Aprendendo na Escola e na ONG". In *Muitos lugares para aprender* (p. 91-104). S. Paulo: Centro de Estudos e Pesquisas em Educação.

Para que esta realidade se consuma é importante a concretização de uma verdadeira sinergia<sup>127</sup> do quotidiano (corporizado pelas ONG's) e a escola.

A integração e participação dos mais jovens em acções comunitárias e associativas (ONG's e IPSS's) são no quadro das actividades de educação não-escolar, oportunidades relevantes do ponto de vista pedagógico e investigativo.

Quem quiser lançar luzes de pesquisa sobre as dinâmicas educativas surgidas nestes contextos deverá ter em linha de conta alguns pressupostos de natureza histórica que contextualizam alguns acontecimentos. Em Vicente (2004) podemos encontrar algumas pistas de relevo:

“Produto da evolução histórica dos anteriores dois séculos, a conceptualização da juventude como fase de formação da personalidade segundo os pressupostos sociais vigentes originou em muitos países do Ocidente a escolarização alargada da população (e em alguns casos a escolaridade compulsória) e a criação de instituições filantrópicas de apoio a crianças e jovens. Esse tipo de instrução massificada, mantendo um padrão escolástico, foi criticado pelos educadores e pedagogos sociais na transição do século XIX para o século XX, nomeadamente Pestalozzi, Froebel, Montessori ou Claparède. Na procura de atender às necessidades do indivíduo em formação emergiram novos modelos educativos, alguns deles não-escolares, como o Escutismo.” (p. 30)

O Movimento da *Escola Nova* ao propor o protagonismo para jovens e crianças, cria as condições ideais para que estes grupos sociais e os contextos educativos que os envolvem sejam encarados com a importância que as suas características identitárias exigem. É neste quadro que emerge e se afirma o modelo educativo escutista.

Sobre a importância do tema Juventude, Associativismo e do seu “potencial educativo” e citando Garcia (nd) no estudo “Asociaciones juveniles: educación y socialización”<sup>128</sup> conclui-se que:

<sup>127</sup> Neste excerto Cortella diseca a palavra “sinergia” afirmando: “...junto em grego é “syn”. Sinergia em grego significa força junto. Só que sinergia só funciona se tiver em sintonia (“no mesmo tom”)” (p. 99). Através deste exercício o autor sublinha a necessidade de uma “humildade pedagógica” para aproximar actores e os tornar autores de percursos de educação.

<sup>128</sup> GARCIA, Bernat Sureda (2001). *Asociaciones juveniles: educación y socialización (1900 – 1976). Un estudio comparativo entre Cataluña, Valencia Y Baleares.*

Disponível em: <http://www.uib.es/servei/comunicacio/sc/projectes/arxiu/nousprojectes/escultisme/escultismo.pdf> (Acedido em 20/11/08). Documento não paginado.

Este projecto de investigação financiado pelo Ministério de Ciencia y Tecnologia Espanhol, foi dinamizado pelo Grupo de Estudos em História da Educação da Universidade das Ilhas Baleares e tinha

“...que a lo largo del siglo XIX distintos colectivos de adultos, tanto culturales, sociales, religiosos o políticos, se interesaron por crear y/o orientar asociaciones juveniles. La intención era clara: influir en el proceso de socialización y formación de los jóvenes. Este *“La higiene y la instrucción alíanse cada vez más para educar a las generaciones nuevas...”*. Así empezaba la crónica periodística del Blanco y Negro en 1913, sobre una colonia escolar inglesa. proceso se dió de forma paralela a la construcción social del concepto mismo de juventud que, a partir de entonces, se convirtió en una categoría social además de una etapa biológica y psicológica diferenciada.”

Em meados do século XX o quadro sócio cultural vigente sofre um conjunto de transformações que interferem com os conceitos sociais teoricamente homogêneos, de Crianças, Jovens, Mulheres. Alteram-se as dinâmicas e relações entre estes grupos introduzindo mudanças relevantes que marcarão e favorecerão a difusão de propostas associativas (e a escutista, em particular).

Recorrendo a Garcia (nd) destacamos:

- Entre as famílias da classe média é vincada uma vocação cuidadora dos filhos, até aí incipiente;
- O jogo é assumido como elemento educativo e essencial ao desenvolvimento psicossocial das crianças. Neste sentido surgem os primeiros Jardins de Infância, livros infantis (com a valorização educativa do conto e da lenda) bem como legislação sobre as condições de trabalho mulheres e filhos;
- A puericultura e a melhoria das condições higiénicas das crianças e suas famílias permitem a redução da mortandade infantil;
- As inovações pedagógicas que pelo espaço escolar ocorrem, promovem iniciativas que potenciam o tempo livre e edificam as bases de uma pedagogia do ócio educativo (é este corrente que favorece o Movimento Escutista);
- A promoção do desporto e o contacto com a natureza são pilares essenciais no aparecimento de organizações e Movimentos associativos juvenis, mutualistas, culturais e cívicos;<sup>129</sup>

---

como objectivo o estudo da importância do associativismo juvenil nos processos de socialização e formação de jovens ao longo da época contemporânea nos territórios catalães.

<sup>129</sup> Baden-Powell destaca-se com alguns escritos, desconhecidos para muitos, sobre a importância do desenvolvimento e cultura física.

Os jovens que frequentavam a escola e ou exerciam actividades profissionais possuíam agora espaços sociais e culturais pensados e dimensionados para o exercício de outras actividades de lazer e de cariz instrutivo.

Para caracterizar este processo o Garcia (nd), afirma:

*“En sus inicios las propuestas que se presentaban a los jóvenes no superaban el mismo modelo utilizado con los adultos. En realidad se trataba de apéndices de la educación escolar: conferencias, seminarios, cursos, etc. Muy rápidamente, sin embargo, este modelo evolucionó hacia la participación activa de los destinatarios y pasaron a ser los jóvenes quienes hacían las propuestas. Al principio esta iniciativa de los propios jóvenes fue modesta y con una alta presencia de adultos, pero progresivamente el peso del adulto se fue reduciendo y se entró en una dinámica conflictiva: dar la palabra a los jóvenes suponía un obstáculo para las intenciones de influir desde los sectores interesados. Al mismo tiempo, estos mismos sectores comprendían que sin dar la iniciativa a los jóvenes, sus propuestas se quedaban sin "clientela.”*

Face ao cenário descrito assinalam-se três contextos não-escolares que do ponto de vista formativo e educativo vão ser palco de algumas destas iniciativas: Colónias Escolares, Excursionismo e o Escutismo.

Segundo o autor o Movimento Escutista “...se convirtió de hecho en el modelo de referência de todo...un conjunto de movimientos asociativos juveniles posteriores...” será dos três o mais importante e:

*..se convertirá a lo largo del siglo XX en referente en el que se fijarán las propuestas dirigidas a la educación de jóvenes fuera de la escuela. Incluso será el único sistema capaz de mantener un asociacionismo juvenil voluntario con cierta duración. Los otros modelos con propuestas propias de adultos dirigidas a los jóvenes, sean de carácter religioso, político o cívico, o en los que domina la retórica sobre la acción, tendrán una escasa capacidad de movilización de la juventud.*

O trilha histórico e cultural percorrido até ao momento no campo do associativismo vai favorecer e diferenciar a afirmação do Escutismo e da sua proposta no século XX.

Face à importância do associativismo enquanto vector de educação e socialização e às características do Escutismo, é possível reconhecer a necessidade do estabelecimento de linhas comuns de potenciação recíproca.

## 6.1. A Juventude e as Juventudes no século XXI

### Protagonismo juvenil e a escolarização

As condições históricas, políticas, económicas e culturais decorrentes das transformações pós Revolução Industrial posicionam a juventude como categoria social. As crianças passam a ser sujeitos detentores de direitos e os jovens, sujeitos de consumo. A convenção societária que definia os “tempos” de passagem entre as fases de infância, adolescência, juventude e fase adulta, está desactualizada perdendo as suas balizas referencial.

Paulo Carrano descreve-nos este processo:

*As dimensões que marcavam o fim da juventude e a entrada no mundo adulto: terminar os estudos, conseguir trabalho, sair de casa dos pais, constituir moradia e família, casar e ter filhos. Estas “estações” de uma trajectória societária linear que não pode mais servir para caracterizar a “transição da juventude para a fase adulta”. A perda da linearidade neste processo pode ser apontada como uma das marcas da vivência da juventude da sociedade contemporânea. (p.59)*

Na mesma linha de reflexão José Machado País<sup>130</sup>, reportando-se à realidade portuguesa, recorda-nos que:

...diferentes descontinuidades e rupturas têm vindo a afectar a transição dos jovens (de diferentes condições sociais) para a chamada vida adulta, isto é, tanto na vertente conjugal (envolvendo as dimensões como o abandono da casa dos pais, a sexualidade ou coabitação, o casamento, a fecundidade), como na vertente profissional (envolvendo dimensões como a inserção profissional, o desemprego, a ligação da escola ao trabalho)...perante as novas condições socioeconómicas, os antigos sistemas de referência que regulavam as formas de transição para a vida adulta entre as gerações mais velhas manifestam-se relativamente inválidos, inoperantes ou desajustados das novas condições de vida, dos novos modos de entrada na vida activa. (p.321)

**Entre intermitências e fracturas o quadro** descrito leva-nos a reflectir nas muitas maneiras de ser *Jovem* hoje. Numa sociedade cada vez mais eclética, é importante que, do ponto de vista educativo exista o cuidado de identificar a multiplicidade de variáveis que interagem com aquilo que hoje constituem as culturas juvenis contemporâneas.

<sup>130</sup> PAÍS, José Machado (1996). *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda

Como referimos anteriormente a obtenção de altos níveis de formação escolar e a obtenção de títulos académicos, não conferem hoje a representação e o reconhecimento social expectável à maioria dos jovens. A fragilidade do “produto escolar” com o consequente esbatimento da atractividade da escola, cruzada com o prolongamento da escolaridade, tem contribuído para que uma expressiva parte dos jovens protele a transição para a vida adulta.

Paralelamente a este percurso o mercado de trabalho sofre um conjunto de mudanças que, “...têm provocado algumas fracturas nos processos de reprodução social e cultural...” introduzindo “...modificações nas modalidades de entrada na vida profissional (desemprego, precariedade, novas formas quantitativas e qualitativas de emprego e desemprego <sup>131</sup>.” (p.319)). Também a terciarização da actividade económica originou um mercado de trabalho que exclui jovens não diplomados ou não qualificados profissionalmente.

Manuel Vilaverde Cabral e José País (1997)<sup>132</sup>, sobre a questão da trajectória da escola ao trabalho lembram que, apesar de ainda existir a crença de que um diploma pode alavancar uma carreira profissional, constata-se que o mercado de trabalho regula as suas dinâmicas através de uma cada vez maior flexibilidade e rotação dos postos de trabalho. Estas características inferem a necessidade da introdução de competências pessoais e sociais que o sistema escolar não confere.

Os esforços colocados no sentido de aumentar a escolaridade dos jovens acentuaram o estaticismo a que eram votadas as suas aspirações. Sobre esta questão o autor alerta:

Aqui temos um factor de contenção do desemprego: a escola como parque de estacionamento de potenciais desempregados. O efeito perverso desta contenção é bem claro. Aumenta-se o nível de qualificação ou de certificação dos desempregados, em vez de se reduzir o nível de desemprego. (p. 211)

---

<sup>131</sup> Idem. PAÍS, 2006, p.319

<sup>132</sup> PAÍS, José Machado (1998). *Da escola ao trabalho: o que mudou nos últimos 10 anos*. In Manuel Villaverde Cabral e José País (org.), *Jovens Portugueses hoje* (p.189 – 213). Oeiras, Celta Editora. Este estudo pretendeu caracterizar o quadro sociológico da juventude portuguesa no ano de 1997. Entre algumas das ilações obtidas, encontram-se, a constatação das dificuldades de integração no mercado de trabalho e paradoxalmente a grande satisfação dos inquiridos no que diz respeito á escola (nomeadamente pela sólidas teias de sociabilidade que nelas se criam) e á sua capacidade de lhe providir um futuro melhor. De uma forma muito interessante o autor assinala este facto como sendo uma tentativa dos jovens adiarem a inserção profissional e garantirem os mínimos de subsistência (fugindo ao cenário de desemprego), residindo até mais tarde na casa dos pais.

Se o modelo de desenvolvimento económico saído da Revolução Industrial propunha "...a integração, a estratificação, a centralização e a ordem..."<sup>133</sup> (p.202), a sociedade contemporânea propõe e valoriza a adaptabilidade, mobilidade, flexibilidade (precariedade e instabilidade?). A autonomia e espírito de iniciativa são hoje requisitos indispensáveis a uma plena integração no mercado de trabalho.

Onde poderão os futuros actores sociais e todos aqueles que facilitam e promovem a edificação de propostas e oportunidades de desenvolvimento, encontrar respostas diferenciadas para estas novas necessidades e desafios?

Por tudo que foi descrito é possível aferir da fragilidade das relações entre os jovens e a escola, mas não entre os jovens e a necessidade de um maior protagonismo e liderança no seu processo de auto-formação.

### **7. Escutismo e contemporaneidade: um caminho Centenário na alvorada do novo milénio**

Face à caracterização sumária feita no que diz respeito à importância do ambiente associativo enquanto espaço de desenvolvimento pessoal e social e olhando as dinâmicas culturais, sociais e económicas que afectam os nossos jovens, não é possível negligenciar a necessidade urgente da afirmação do Escutismo como parceiro assumido na edificação de um novo modelo social ligado à juventude.

Durante cerca de 100 anos o Escutismo contribuiu, através do compromisso de centenas de milhões de escuteiros e escuteiras, para a construção de um mundo melhor. Em muitos dos países onde tem presença ele tem contribuído para a formação de líderes e Dirigentes (em áreas como, política, economia, cultura, intervenção social, arte, etc.) que pelo trabalho produzido e pelas competências adquiridas, têm sido agentes de mudança e de desenvolvimento nas comunidades onde estão inseridos. Nada disto acontece por acaso. A intencionalidade educativa e as provas dadas, credibilizam e impulsionam o Movimento para exigências e desafios cada vez maiores. Ao afirmar a sua intenção de contribuir para a construção de indivíduos conscientes do seu potencial

---

<sup>133</sup> Ibidem, PAÍS, 1998, p.202

e interventores, através de um método original e constantemente renovado, o Escutismo diz *presente* aos desafios futuros.

Com o seu espírito visionário Baden-Powell (2002) recordava-nos:

...**existem** ainda maiores horizontes a desvendar. Se quisermos pôr termo ao reino de Temor e instaurar a Paz no mundo, o remédio será antes a educação das novas gerações com vista às boas relações internacionais, do que uma legislação de limitação de armamentos para a qual tendem vários países actualmente (p.19)<sup>134</sup>

A ambição da proposta escutista continua actual e desafiadora.

Num período em que a dúvida é a única certeza e tendo em conta o processo da globalização, a pedagogia escutista pode ser um recurso excepcional para ir ao encontro das necessidades dos jovens e da sociedade em particular, na medida em que apela ao sentido de responsabilidade e autonomia no processo de desenvolvimento de cada indivíduo. O repto vai no sentido da construção de adultos responsáveis, críticos e atentos aos problemas que afectam a sociedade, permitindo-lhes desempenharem papéis activos, influentes e transformadores da comunidade. Num mundo de incertezas sociais, económicas e ambientais, o Escutismo pode ser um recurso excepcional na *relição* à simplicidade, à terra, ao sentido de comunidade, às nossas origens e autonomia do indivíduo ao integrar os componentes da sociedade da informação e do conhecimento, com os pilares do aprender a fazer, aprender a viver em conjunto, aprender a ser.

### 7.1. A actualidade e renovação

Como qualquer organização que vive do dinamismo dos seus membros (em particular dos jovens) e se assume enquanto *Movimento*, o estaticismo não pode ter espaço. Um Movimento por definição, implica desenvolvimento e acção permanente. No seu interior, a mudança é um meio de alcançar uma finalidade, que a vincula a uma identidade ao qual deve manter-se fiel. Neste sentido e neste aspecto em particular é necessário dar destaque ao esforço de renovação da acção pedagógica (RAP) que o Escutismo em geral e o Corpo Nacional de Escutas em particular, encetou desde há muito

<sup>134</sup> BADEN-POWELL, R., op. cit.p.19



anos a esta parte<sup>135</sup>. Visando a actualidade das metodologias educativas definidas para cada secção, foi lançada uma dinâmica que institucionaliza o primado da educação permanente no indivíduo, reforça o sentido da complementaridade da proposta escutista enquanto acção não-escolar e garante uma maior proximidade e adequação do “produto educativo” escutista às realidades e necessidades das crianças e jovens que hoje aderem ao Movimento.

De uma forma pragmática procuram-se integrar todas as vivências e aprendizagens pessoais, familiares e escolares do jovem no seu sistema de progresso individual escutista, promovendo uma maior proximidade entre as experiências escutistas e a quotidiana. Neste cenário, reforça-se o papel de liderança no processo de auto-educação do jovem (uma vez que é ele que define os trilhos e os objectivos que pretende alcançar, dentro de uma proposta definida por si em parceria com o Dirigente) e confere-se mais coerência à acção educativa do Escutismo.

Como resultado final destas alterações, segundo as fontes consultadas<sup>136</sup>, pretende-se estreitar a relação entre as aprendizagens da vida escutista e a quotidiana, e reforçar o carácter de educação integral do indivíduo plasmado na proposta escutista. Entre o período de 2008 e 2010, cerca de cem Agrupamentos Piloto a nível nacional, irão testar a metodologia RAP para que em 2011 ela seja então adoptada pela associação em todo o território.

Esta dinâmica assemelha-se, salvaguardando-se as devidas diferenças, ao processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC) da responsabilidade do Instituto de Emprego e Formação Profissional e o Ministério da Educação, na medida em que este programa permite que cada indivíduo, integre e

---

<sup>135</sup> É interessantes destacar a cobertura noticiosa a este processo, feita pelo Jornal Diário de Notícias na sua edição do dia 23/11/09 ([http://dn.sapo.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content\\_id=1427934](http://dn.sapo.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1427934) – acedido a 23/11/09).

<sup>136</sup> <http://www.cne-escutismo.pt/Dirigentes/Anima%C3%A7%C3%A3oPedag%C3%B3gica/RAPRenova%C3%A7%C3%A3odaAc%C3%A7%C3%A3oPedag%C3%B3gica/tabid/1577/Default.aspx>, <http://cnepilotosrap.ning.com/> (accedidos a 23/11/09).

Foram ainda auscultados alguns executores e os responsáveis regionais pela dinamização do programa na região de Évora.

complemente as aprendizagens informais (pessoais, sociais e profissionais) para efeitos de atribuição de uma qualificação escolar ou profissional.<sup>137</sup>

São mecanismos de enriquecimento e de valorização pessoal e social que contemplam os vários ambientes educativos que envolvem os adultos e jovens. A aplicação destes instrumentos possibilitam trabalhar o indivíduo, potenciando todas as suas dimensões.

O exemplo do processo de Renovação da Acção Pedagógica é sinal de vitalidade e de responsabilidade face aos desafios, tendências e exigências do mundo actual. Revelando 100 anos depois, uma forte preocupação do Movimento Escutista na adequação da sua proposta às novas realidades.

---

<sup>137</sup> [http://portal.iefp.pt/portal/page?\\_pageid=177,138725&\\_dad=gov\\_portal\\_iefp&\\_schema=GOV\\_PORTAL\\_IEFP&id=3](http://portal.iefp.pt/portal/page?_pageid=177,138725&_dad=gov_portal_iefp&_schema=GOV_PORTAL_IEFP&id=3) (acedido a 23/11/09).

## 7.2. O Escutismo depois do Centenário

A força social em que o Escutismo se tornou, resultante da sua implantação e do trabalho educativo que em Portugal implica perto de 14.000<sup>138</sup> adultos animadores voluntários, num universo de 67.392 elementos que dedicam os seus tempos livres a esta causa de reconhecida utilidade pública, obrigam a esforços de gestão e planeamento que tem como objectivos garantir a actualidade e pertinência da proposta escutista.

Numa época de mudanças, as organizações devem-se moldar e procurar a proactividade na sua acção, particularmente quando se trata de um Movimento de escala global num mundo globalizado. Esta condição cria uma responsabilidade acrescida a cada um dos seus associados, bem como ao próprio Movimento na perspectiva da preservação da sua identidade.

No sentido de dar corpo a este principio e tendo em vista a criação de pistas para a definição das linhas estratégicas da associação e a definição de um espaço de questionamento e reflexão sobre os Valores e Missão do CNE no alvor do novo milénio, a estrutura organizativa do Corpo Nacional de Escutas – Escutismo Católico Português, organizou em Novembro de 2008 o Seminário “CNE que futuro?”.

Com base nos documentos produzidos<sup>139</sup> a partir das ideias fortes deste encontro, iremos sistematizar algumas das grandes linhas de reflexão que neste momento são consideradas na enunciação do rumo da Associação em Portugal.

Tendo como referencia os quatro grandes blocos temáticos – 1 Identidades; 2 Realidades; 3 Valores; e missão e 4 Visão - as dinâmicas de trabalho do seminário privilegiaram o pequeno grupo enquanto espaço de discussão.

Para que se alcançasse algum pragmatismo e objectividade foram criados e agrupados os seguintes subitens de reflexão:

Escutismo, Associação e Recursos, Jovens, Método e Acção Educativa, Identidade e Valores; Adultos, Realidades e Relacionamentos, Sociedade e o Mundo.

Das principais ideias destacamos:

---

<sup>138</sup> <http://futuro.cne-escutismo.pt/> (acedido a 23/11/09). Dados de 2008

<sup>139</sup> No site construído para o efeito (<http://futuro.cne-escutismo.pt>) estão organizados um conjunto interessante de documentos que serão fundamentais para a construção da memória futura do Movimento em Portugal. Entre eles destacamos, pela síntese que o constitui o texto: O Nosso CNE de Amanhã”.

**Quadro 2**  
**Quadro Síntese**

Área	Reflexão
<b>Identities e Valores</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Recentrar na mensagem do Fundador e na identidade cristã a acção escutista;</li> <li>• Revalorizar a história e tradição do Movimento;</li> <li>• Reforço da verdadeira consciência global: escutista e social;</li> </ul>
<b>Jovens, Método e Acção Educativa</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Assumir e afirmar a proposta escutista como tendo como fim a Felicidade do indivíduo;</li> <li>• Difundir uma mensagem de esperança e paz e garantir a sua contemporaneidade e presença no quotidiano dos jovens;</li> <li>• Adotar e consolidar a dimensão pragmática da acção escutista e integrar nela as questões avaliativas;</li> </ul>
<b>Adultos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Garantir a qualificação contínua, diversificada, e reconhecida dos adultos;</li> <li>• Introduzir rigor e observância no sentido de missão, dever, responsabilidade e compromisso no recrutamento e futura acção educativa do adulto dirigente;</li> <li>• Desenvolver uma maior homogeneização na relação entre Qualidade e Participação;</li> </ul>
<b>Realidades e Relacionamentos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Assegurar ao Movimento o sentido de <i>Corpo</i>, garantindo uma maior interacção com a sociedade civil, potenciando interacções fortalecedoras da sua missão;</li> <li>• Promover a multiculturalidade e abertura à comunidade nas suas mais variadas expressões;</li> <li>• Impulsionar e estimular o uso das novas formas</li> </ul>

<p><b>Sociedade e o Mundo</b></p> <p><b>Associação: Perfil e Recursos</b></p>	<p>de comunicação no sentido da passagem da proposta, escutista;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Assumir a dimensão Ambiental da Associação;</li> <li>• Reforço do agente de desenvolvimento social nas comunidades onde se insere;</li> <li>• Proporcionar aos jovens espaços e oportunidades de integração e interacção social;</li> <li>• Garantir uma estrutura organizativa funcional, simples, eficaz e pragmática;</li> <li>• Afirmar a identidade de Associação jovem e para a juventude;</li> <li>• Conquistar de um maior reconhecimento do seu papel e missão na e pela sociedade.</li> </ul>	106
---	---	-----

Após este momento foram lançados desafios às várias regiões no sentido da replicação de dinâmicas de reflexão semelhantes, que procurarão contemplar os contributos das bases na perspectiva da sua apresentação num Congresso Nacional previsto para o ano de 2010.

### 7.3. Pontes para o futuro

Arriscando uma sistematização dos grandes desafios que hoje se colocam ao Movimento Escutista em particular e à sociedade em geral e indo ao encontro das principais pistas aqui deixadas e sinalizadas, elencamos sete pontos que poderão ser eventuais fontes de reflexão a explorar:

- **Reforço da qualidade educativa da proposta escutista** – Assumindo a sua natureza não-escolar e complementar nos processos educativos dos jovens e na qualificação dos seus adultos voluntários educadores;
- **Retorno da mensagem e princípios (Fundadores) matriciais do Escutismo** – Pela actualidade e força que impulsionou a criação e consolidação do Movimento, deve ser evocada e vivificada em todos os palcos de acção escutista;

- **Criação de um Programa de Comunicação Global** – Que veicule e difunda a genuinidade e especificidade da proposta e mensagem escutista de uma forma genuína, transparente e credível;
- **Partenariado social alargado** – Promotor de um trabalho em rede com todos os parceiros que tragam caminhos de crescimento e desenvolvimento pessoal e social para os jovens;
- **Preservação da identidade Juvenil do Movimento que é protagonizado por e para Jovens** – Tendo como ponto de partida o envelhecimento do efectivo e a permanência por cada vez mais tempo dos animadores e constatando a cada vez mais escassez de espaços de afirmação do protagonismo juvenil torna-se imperioso que o Movimento salvasse os lugares de liberdade do génio da criança e dos jovens;
- **Declaração do Escutismo como modelo de fraternidade à escala mundial numa dimensão multiconfessional, multicultural e apolítica** – Num momento onde se instalam no mundo manifestações de intolerância e fundamentalismo e ganham espaço e credibilidade a acção das ONG's nomeadamente no campo educativo, social e cultural, seria importante que o Escutismo inaugurasse um espaço próprio numa lógica de contra corrente. Lugares onde formas alternativas de estar e ser pudessem ter lugar. Onde o sonho, afectos e a educação pela acção pudessem ser possíveis, procurando uma harmonia entre o eu individual e o comunitário;
- **Dar visibilidade e consistência ao lema criado pelo Fundador: *Be Prepared*<sup>140</sup>** – Num mundo que faz da mudança permanente uma das suas características dominantes, é importante desenvolver nos jovens esta atitude de prontidão, competência (no exclusivo sentido de *saber em acção*) e sentido de missão. Perspectivando na linha da proposta do Fundador, ...” deixar este mundo um pouco melhor do que o encontramos”<sup>141</sup>.

---

<sup>140</sup> Divisa traduzida e adoptada na nomenclatura escutista como: *Sempre Alerta*

<sup>141</sup> Frase extraída da última mensagem de Baden-Powell. Pode-se encontrar na integra em: <http://www.cne-escutismo.pt/Default.aspx?tabid=310> (acedida em 02/12/09).

## 8. Fim de (desta) Pista

Se estão fundadas as provas que testemunham que o método educativo do Movimento Escutista pode ajudar os jovens a tornarem-se agentes de mudança e de desenvolvimento, eles podem, graças à força social que também representam, abordar os desafios com que a humanidade se confronta de uma maneira activa, responsável e voluntária.

O Escutismo pelo exposto até ao momento representa o maior Movimento voluntário juvenil do mundo, partilhando responsabilidades na sociedade civil a uma escala planetária. Ao promover a participação social e a autonomia do indivíduo de uma forma explícita e apresentando para o efeito um método e uma proposta específica, o Escutismo assume o seu papel no mundo e arrisca-se a ser convocado para fazer parte efectivas das dinâmicas dos Movimentos de desenvolvimento e mudança que vão emergindo. Para este efeito e desafio é fundamental a criação de um discurso crítico e uma cultura de exigência.

A sua afirmação definitiva no campo do partenariado social e institucional efectivo só será uma realidade segura no dia em que assumir uma estratégia global de comunicação da sua proposta. Com ela o Movimento poderá reforçar o seu reconhecimento social e educativo, podendo assegurar a sua credibilização e afirmação no universo das propostas de educação não-escolar.

Apesar dos esforços desenvolvidos consideramos que a desinformação e escassez de dados enformam a acção do Movimento.

A *causa* escutista envolveu, nos cerca de 100 anos analisados, milhões de jovens um pouco por todo o mundo, é por isso possível deduzir que as aprendizagens e saberes produzidos influenciaram a maneira de ser, estar e intervir no mundo na segunda metade do século XX. Assim sendo numa organização juvenil centenária, com dimensão planetária, a expressão *conclusão* (no sentido de epílogo) poderá carecer de sentido.

Com base nos 100 anos percorridos desde a sua fundação e olhando as vivências e contributos dos cerca de 550 milhões de escuteiros<sup>142</sup> que passaram pela associação

---

<sup>142</sup> <http://www.cne-escutismo.pt/recursos/ecuriosidades/famosos.html> (acedido a 24/11/09). Entre alguns destes milhões de escuteiros estão alguns que nos vários domínios da sociedade alcançaram alguma projecção e notoriedade, como: Bill Clinton (ex Presidente dos EUA), Bill Gates (Ex- Presidente da Microsoft), George Clooney (Actor), D. Ximenes Belo (Bispo Emérito de Díli), Neil Armstrong (Astronauta), John F. Kennedy (Ex. Presidente dos EUA), David Attenborough (naturalista), Valery Giscard D'Estang (Político), Steven Spielberg (Realizador) etc.

tornar-se-á mais adequado enfocarmos a nossa atenção na expressão *futuro*. Nesse sentido e quando chegamos ao termo desta dissertação, vamos (o)usar as palavras do Fundador na sua obra “Auxiliar do Chefe Escuta”<sup>143</sup>, onde ele nos deixa as linhas gerais da sua visão daquilo que viria a ser o futuro do Movimento Escutista:

*“Felizmente no Escutismo temos organizações de Irmãos Escutas em quase todos os países civilizados do mundo e formamos já o Núcleo... de uma Fraternidade Mundial... Em todos os países o objectivo da formação escutista é idêntico, a saber, capacidade de prestar Serviço aos outros, e com este objectivo em comum, podemos como Fraternidade Internacional de Serviço, seguir para a frente e realizar obra de grande alcance.*

*Na educação que ministramos ao rapaz desenvolvemos o individuo, tanto em espírito como em capacidade, para que seja jogador eficiente na sua equipa nacional de civismo. Actuando segundo o mesmo principio, tratando-se de uma nação, devemos tentar desenvolver o devido espírito e capacidade para ajudar essa nação a colaborar eficazmente na equipa das nações.*

*Se cada uma delas jogar então no seu lugar, e “jogar bem” haverá posteridade e felicidade em todo o mundo, criar-se-á por fim aquele estado que há tanto tempo se procura – de*

*Paz e Boa Vontade entre os Homens (p.100)*

Considerando os esforços de fidelidade afirmados na Promessa de 28 milhões escuteiros em todo mundo, é possível alimentarmos alguma convicção de que cada um deles na prossecução da máxima inclusa na Promessa escutista, continuará a “fazer o possível por ...”<sup>144</sup>. Esta dinâmica, numa lógica “glocal” poderá ser geradora de esperança e convicção numa forma alternativa de educar, *saber, estar e ser* no mundo do séc. XXI.

<sup>143</sup> BADEN-POWELL, Robert. Auxiliar do Chefe Escuta. Lisboa: CNE.

Nesta obra publicada originalmente em 1920 o Fundador apresenta de uma forma clara a matriz pedagógica do Movimento Escutista.

<sup>144</sup> Excerto do texto universal da Promessa escutista (citada na página 53).

**BIBLIOGRAFIA**

ABBAGNANO, N., VISALBERGHI, A. (nd). *História da Pedagogia – IV*. Lisboa: Livros Horizonte.

AFONSO, Almerindo Janela (2001). *Os Lugares da Educação*. In: Von SIMSON, Olga, et al *Educação Não-Formal Cenários da Criação* (p. 29). Campinas, Editora Unicamp.

AFONSO, Almerindo Janela (2002a). Jornal “a Página da Educação”, ano 11, nº 110, Março , p. 27.

AGOSTINHO, Silva da. (2000). *Baden-Powell. Pedagogia e Personalidade In Textos Pedagógicos*. Vol. 2. Lisboa.

BADEM-POWELL, Robert. (1908). *Escutismo para rapazes: manual de educação cívica pela vida ao ar livre*. 6ª edição. Lisboa: CNE.

BADEM-POWELL, Robert. (2002). *A educação pelo amor substituindo a educação pelo temor*. Lisboa: CNE.

BADEM-POWELL, Robert. (2003a). *Auxiliar do chefe escuta*. Lisboa: CNE.

BADEM-POWELL, Robert. (2004). *A caminho do triunfo*. Lisboa: CNE.

BADEN-POWELL, Robert. (2007). *A Escola da Vida*. Lisboa: Esquilo edições e multimédia. (trabalho original em Inglês publicado em 1933).

BADEN-POWELL, Robert. (2007). *A Escola da Vida*. Lisboa: Ésquilo edições e multimédia (trabalho original em Inglês publicado em 1933).

BADEN-POWELL, Robert. *Auxiliar do Chefe Escuta*. Lisboa: CNE.

Belchior, F. (1990). *Educação de adultos e educação permanente*. Lisboa: Livros Horizonte.

BOSCO, Terésio (nd). *Robert Baden-Powell – O Fundador do Escutismo*. Porto: Edições Salesianas.

*CARACTERISTICAS ESSENCIAIS DO ESCUTISMO* (separata). Revista Flor-de-lis, Edição de Abr. 2006.

CANÁRIO, Rui (2006).”Aprender sem ser ensinado. A importância estratégica da educação não-formal”. In “A Educação em Portugal (1986 -2006). Alguns contributos de investigação”, p.159-206.

Disponível em:

[ww.debatereducacao.pt/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=163](http://ww.debatereducacao.pt/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=163)– (acedido a 11/10/08).

CANÁRIO, Rui (nd). Educação de Adultos – um campo e uma problemática. Lisboa: Agencia Nacional de Educação de Adultos.

CARMO, Hermano (2001). *A educação como problema social*. In Hermano Carmo (org.), *Problemas Sociais Contemporâneos*. Lisboa: Universidade Aberta.

CARRANO, Paulo (2007, Agosto). “Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”. REVEJ@ - Revista de Educação e Jovens Adultos, V. 1, p. 55 – 66. Acedido em 17/09/08 em <http://www.reveja.com.br>.

Constituição, Regulamento Adicional e outros Documentos da Organização Mundial do Movimento Escutista, capítulo I, Julho de 1922.

COOMBS, Philip (1976). “Nonformal Education: Myths, Realities and opportunities “. *Comparative Education Review*, Vol. 20, No. 3. p. 281-293.

COOMBS, Philip (1985a). *The World Crisis In Education – The View from the Eighties*, New York, Oxford University Press.

CORPAS, Pedro. *Robert Baden-Powell*. Madrid: Edições Salesianas.

Corpo Nacional de Escutas (1986). *Baden-Powell Hoje* (2ª edição). Damaia: Harga. (Trabalho original em Francês publicado em 1975)

Corpo Nacional de Escutas. (2007, Novembro). *CNE em Números Evolução estatística do CNE de 1990 a 2006 e Implantação do efectivo não dirigente em 2001*.

CORTELLA, Mario (2002). “Aprendendo na Escola e na ONG”. In *Muitos lugares para aprender* (p. 91-104). S. Paulo: Centro de Estudos e Pesquisas em Educação.

DELORS, Jacques et al. (1996). *Educação: um tesouro a descobrir*. Rio Tinto: ASA.

FERNANDO, Evaristo (1976). “Problemática da Educação Moderna”. Porto: Edições Lemos.

FORESTIER, M. (nd). *Pela Educação à Liberdade – Um Caminho – O Escutismo*. Lisboa:LST

GARCIA, Bernat Sureda (2001). *Asociaciones juveniles: educación y socialización (1900 – 1976). Un estudio comparativo entre Cataluña, Valencia Y Baleares*.

ILLICH, Ivan (1988). *Sociedade sem Escolas* (8ª ed.).Petrópolis: Editora Vozes.

JEAL, T. (2001). *Baden-Powell – Founder of the Boy Scouts*. USA: Yale University Press Publications. (Edição original 1989).

LA BELLE, Thomas (1984). “Liberation, Development, and Rural Nonformal Education” in *Anthropology & Education Quarterly*, Vol. 15, n. ° 1, p. 80-93.

LENGRAND, Paul (nd). *Significados da Educação Permanente*. In *Educação Hoje*. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Lda.

MAIA, Rui Leandro, (2007). *Discípulos de Baden-Powell Sociologia das Representações e das expectativas do Escutismo em Portugal*.

MORRIS, Brian. "Ernest Thompson Seton and the Origins of the Woodcraft Movement". *Journal of Contemporary History*, Vol. 5, No. 2. (1970), p. 183-194.

MULLER, Adolfo (1975). *A Pista do Tesouro – Baden-Powell e o Escutismo*. Porto: Livraria Tavares Martins.

MUÑOZ, Francisco. "Origen y Evolucion Histórica de la Pedagogia Scout". In: *Jornadas Andaluzas Universitárias de Pedagogia Scout*, 1, Andaluzia, Scouts de Andaluzia – Publicaciones, 1997.

NAGY, Laszlo, (1985). *250 million Scouts*. Geneva, Dartnell Publishers.

NAVARRO, Anastasio Martinez (1991). *El Escultismo*. In Victor Garcia Hoz (org), *Iniciativas Sociales en Educacion Informal* (p. 131-162). Madrid, Ediciones Rialp, SA.

NOVOA, A. (2005). *E vid ente mente – a educação portuguesa*. Porto: Edições ASA.

OSORIO, Agustin Requejo (1991). *Desarrollo Comunitario Y Educación*. In Victor Garcia Hoz (org.), *Iniciativas Sociales en Educacion Informal* (p. 343). Madrid: Ediciones Rialp, SA.

PAÍS, José Machado (1996). *Culturas Juvenis*. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.

PAÍS, José Machado (1998). *Da escola ao trabalho: o que mudou nos últimos 10 anos*. In Manuel Villaverde Cabral e José País (org.), *Jovens Portugueses hoje* (p.189 – 213). Oeiras, Celta Editora.

PALHARES, José. (2005). *Os Jovens, experiência social e Escutismo*. Tese de Doutoramento não publicada, Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia, Braga.

PALHARES, José. (2005). *Os Jovens, experiência social e Escutismo*. Tese de Doutoramento não publicada, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga.

PALHARES, José (2006, Fevereiro). *Um olhar retrospectivo sobre a educação não – formal: a institucionalização, as dinâmicas e as reconfigurações actuais de um subcampo educativo*. Comunicação apresentada no XIV Colóquio AFIRSE. Lisboa.

PALHARES, José (2007). *Experiências Juvenis e Dinâmicas de Socialização: Os novos Sítios da Educação Não-Escolar*. Comunicação apresentada no IV Congresso Astur-Galaico de Sociología – A Sociologia Y Los Nuevos Retos, Corunha.

REIS, João (2007). *Corpo Nacional de Escutas - Uma História de Factos*. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas.

ROGERS, A. (2005). Non-formal education: flexible schooling or participatory education?. United Kingdom: Universities of Nottingham&East Anglia Library of congress.

GRANJA, Sandra. (2007). *Pedagogia Escutista como Complemento à Educação Escolar*. Dissertação de Mestrado não publicada, Departamento de Ciências da Educação, Universidade de Aveiro, Aveiro.

SILVA, Manuel Ferreira (1967). *Escutismo Presença do Futuro*. Lisboa, Edições For de Liz.

TORRES, Rosa M. (2003). “A Educação em função do desenvolvimento local e da aprendizagem”. In *Muitos lugares para aprender* (p. 81-89). S. Paulo: Centro de Estudos e Pesquisas em Educação.

VICENTE, Ana. (2004). *A introdução do Escutismo em Portugal - 1911- 1914*. Dissertação de Mestrado não publicada em História Social e Contemporânea, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.

## BIBLIOGRAFIA EM SUPORTE ELECTRÓNICO

<http://www.home.nordnet.fr/~plefevre/1907/>.

ASSOCIATION 1907.RÉSEAU DE RECHERCHES INTERDISCIPLINAIRES SUR LE SCOUTING ET LES MOUVEMENTS DE JEUNESSE.1907.Paris (acedido em 10/04/08).

[http://dn.sapo.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content\\_id=1427934](http://dn.sapo.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1427934) (acedido a 23/11/09).

[http://formation.conseil.free/1907/travaux\\_universitaires.htm](http://formation.conseil.free/1907/travaux_universitaires.htm) (acedido a 26/04/08).

<http://links.jstor.org/sici?sici=0010-4086%28197610%2920%3A3%3C281%3ANEMRAO%3E2.0.CO%3B2-G> (acedido a 11/10/08).

<http://links.jstor.org/sici?sici=0013-8266%28198710%29102%3A405%3C948%3ABAF%3E2.0.CO%3B2-U>

<http://links.jstor.org/sici?sici=0022-0094%281970%295%3A2%3C183%3AETSATO%3E2.0.CO%3B2-7> (acedido a 20/09/08).

<http://links.jstor.org/sici?sici=0161761%28198421%2915%3A1%3C80%3ALDARNE%3E2.0.CO%3B2-Y> (acedido em 10/11/08).

[http://portal.iefp.pt/portal/page?\\_pageid=177,138725&\\_dad=gov\\_portal\\_iefp&\\_schema=GOV\\_PORTAL\\_IEFP&id=3](http://portal.iefp.pt/portal/page?_pageid=177,138725&_dad=gov_portal_iefp&_schema=GOV_PORTAL_IEFP&id=3) (acedido a 23/11/09).

<http://scoutndeandalucia.org/kanguro/documentacion/colaboraciones/escultismo.pdf> (acedido em 15/09/08).

[http://site2.caleidoscopio.online.pt/index.php?option=com\\_content&task=view&id=386&Itemid=48](http://site2.caleidoscopio.online.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=386&Itemid=48) (acedido a 13/11/09).

<http://www.cne-Escutismo.pt> (acedido em 13/11/08).

<http://www.cne-Escutismo.pt/Default.aspx?tabid=310> (acedida em 02/12/09).

<http://www.cne-Escutismo.pt/Dirigentes/Anima%20Pedag%20gica/RAPRenova%20odaAc%20Pedag%20gica/tabid/1577/Default.aspx>, <http://.cnepilotosrap.ning.com/> (acedidos a 23/11/09).

<http://www.cne-Escutismo.pt/Institucional/CNE/Organiza%20o/Organiza%20oPedag%20gica/tabid/313/Default.aspx> (acedido a 27/11/09).

<http://www.cne-Escutismo.pt/recursos/ecuriosidades/famosos.html> (acedido a 24/11/09).

<http://www.debatnational.education.fr/upload/static/lerap.ort/syntheseVA.pdf> (acedido a 10/11/08).

[http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/sanderson/vida\\_e\\_obra\\_montessori.htm](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/sanderson/vida_e_obra_montessori.htm) (acedido em 09/11/09).

<http://www.escoteiro.org/> (acedido em 24/04/08).

<http://www.escoteiros.pt/> (acedido em 13/11/08).

<http://www.futuro.cne-Escutismo.pt> (acedido a 23/11/09).

<http://www.guiandeportugal.org/index.html> (acedido em 13/11/08).

<http://www.pinetreeweb.com>, [www.gaelwolf.com](http://www.gaelwolf.com), <http://www.scouting.milestones.btinternet.co.uk>. (acedidos em 20/04/08).

<http://www.pinetreeweb.com/home-portuguese.htm> (acedido a 23/03/08).

<http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=método> (acedido a 13/11/09).

[http://www.scout.org/wsrc/ll/docs/UnderstandingMission\\_E.pdf](http://www.scout.org/wsrc/ll/docs/UnderstandingMission_E.pdf) (acedido a 13/11/09).

<http://www.scouting.milestones.btinternet.co.uk/> (acedido em 10/09/08).

<http://www.scouting.milestones.btinternet.co.uk/>.(acedido a 10/09/08).

<http://www.scouting.milestones.btinternet.co.uk/index.htm> (acedido em 24/04/08).

<http://www.uib.es/servei/comunicacio/sc/projectes/arxiu/nousprojectes/escoltisme/escultismo.pdf> (Acedido em 20/11/08).

[www.debatereducacao.pt/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=163](http://www.debatereducacao.pt/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=163) (acedido a 11/10/08).

[www.histoire.du.scoutisme.com](http://www.histoire.du.scoutisme.com) (acedido em 20/04/08).

[www.patriarcado-lisboa.pt/vidacatolica/vcnum25/2\\_05\\_CEP\\_Nota\\_Past\\_Escutismo.doc](http://www.patriarcado-lisboa.pt/vidacatolica/vcnum25/2_05_CEP_Nota_Past_Escutismo.doc). (acedido a 14/10/09).